

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Felipe Mio de Carvalho

**SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE E SEXUALIDADE NA
PSICANÁLISE FREUDIANA: UM ESTUDO EM TRÊS RECORTES**

MARINGÁ

2019

FELIPE MIO DE CARVALHO

**SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE E SEXUALIDADE NA
PSICANÁLISE FREUDIANA: UM ESTUDO EM TRÊS RECORTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda

MARINGÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)

C331s Carvalho, Felipe Mío de
Sobre as relações entre agressividade e sexualidade
na psicanálise freudiana: um estudo em três recortes /
Felipe Mío de Carvalho. - - Maringá, 2019.
104 f.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda.

Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade
Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

1. Agressividade. 2. Narcisismo. 3. Instintos
sexuais. 4. Teoria psicanalítica. I. Honda, Hélio,
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21 . ed. 150.1952

FELIPE MIO DE CARVALHO

*Sobre as relações entre agressividade e sexualidade na Psicanálise Freudiana:
um estudo em três recortes*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Hslio Honda
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Eliane Domingues
PPI/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Vitor Orquiza de Carvalho
Universidade Estadual Paulista – UNESP-Assis

Aprovado em: 30 de agosto de 2019.
Local da defesa: Bloco 10 – sala 10, Campus da UEM.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por terem me ensinado o peso das escolhas e os valores que hoje detenho;

Ao meu irmão por ter sido capaz de auxiliar aos meus pais em minha ausência;

Aos meus finados avós por terem me ensinado o valor do investimento na formação;

À Vanessa por ter suportado a solidão em tantos momentos em que me vi forçado à trabalhar e ainda que exaurido e irritado, sempre me acolheu e não deixou faltar amor;

Ao professor Dr. Hélio Honda, perseverante, paciente e atencioso, ainda que tantas dificuldades se fizeram presentes. Aos seus ensinamentos e impecável clareza que me brindaram com a iluminação necessária para concluir este trabalho;

Aos professores da banca, Dr. Vitor Orquiza de Carvalho e Dra. Eliane Domingues pela paciência, pelas ricas colocações e direcionamentos que tanto contribuíram;

À todos aqueles que me elegeram como terapeuta e em mim confiaram;

Aos meus colegas de trabalho e aos alunos da Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA), que me deram espaço e permitiram que o meu pensamento se tornasse voz;

Aos meus colegas de trabalho da Fundação Casa Vitória Régia de Lins, que me acolheram como uma família e cada dia me ensinam a ser resiliente. E aos adolescentes internados na Fundação Casa, que todos os dias me tocam com as dificuldades encontradas.

Vou perdido porque os meus passos
Só conhecem os campos distantes
Mas eu sei que essa grande avenida
Ainda vai terminar em você...
(Ronnie Von)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo investigar a agressividade na obra freudiana, entre 1897-1939. A escolha deste tema foi motivada pela experiência clínica, na qual deparamo-nos com fenômenos como a reação terapêutica negativa, experiências traumáticas, dificuldades de desenlace de vínculos violentos, nos quais destacava-se a agressividade como uma manifestação substancial. Aos poucos verificamos a extensão que a problemática da agressividade alcança, tornando-se parte componente, ao lado dos impulsos libidinais, das relações estabelecidas pelo sujeito e do dinamismo psíquico. O trabalho foi concebido em três divisões que engendraram três capítulos, cuja finalidade é analisar como a agressividade era compreendida em diferentes etapas da obra de Freud. O primeiro capítulo abarca o período de 1897 até 1914, respeitando o texto *A introdução ao Narcisismo*. Neste recorte foi possível vislumbrar que Freud concebia a agressividade como não-sexual e aliada aos interesses do Eu, pois viabilizava a realização dos instintos de autoconservação e dos sexuais. Embora o masoquismo e o sadismo já fossem tematizados neste período, sua explicação só ganhou corpo quando a possibilidade de mescla entre os instintos sexuais e autoconservativos foi introduzida na teoria psicanalítica. Ainda nesse recorte, analisou-se o problema da moralidade e percebeu-se que esta apresenta contornos semelhantes aos do masoquismo. O segundo capítulo cobre o período de 1914 até 1920 e analisa o conceito de narcisismo por intermédio da noção de apoio, o que permite entender a mescla entre os instintos sexuais com os não-sexuais que culminam, especificamente no caso do instinto de apoderamento, no sadismo e no masoquismo. O estudo do narcisismo auxilia na compreensão das origens do ideal e também elucida a situação em que o Eu torna-se destino dos instintos sexuais mesclados com os não-sexuais. Com base em *Vida e Morte em Psicanálise* de Laplanche, vimos a possibilidade de aproximar dois pontos teóricos, a saber: o destino instintual de retorno à própria pessoa e a teoria do masoquismo primário, relacionados aos textos *Instintos e seus destinos* e *O problema econômico do masoquismo*, aparentemente distanciados em termos conceituais, pois separados pela segunda teoria dos instintos. Buscamos explicitar essa aproximação no terceiro capítulo, onde são desenvolvidas compreensões sobre como Freud entendia os instintos de morte para então fazer entrever a noção de apoio da sexualidade e assim definir as fusões que produzem os masoquismos erógeno, secundário, moral e o sadismo. Destaca-se aqui que as mesclas instintuais entre Eros e Thánatos não são constantes e são afetadas particularmente pela identificação, que leva à dessexualização, reduzindo a fusão instintual e aumentando o potencial agressivo em detrimento do erógeno. Sumariamente, nos três recortes, foi possível observar certa constância na reflexão freudiana no entendimento da moralidade, do sadismo e do masoquismo, pois são concebidos como formados pela mescla entre o sexual e o não-sexual. Ademais, verifica-se uma compreensão cada vez mais elaborada daquelas formações instintuais, demonstrando que Freud teria se deparado com fenômenos que considerou importante na prática clínica. Além disto, ainda que tenha reformulado o corpo conceitual com a finalidade de maior refinamento e adequação aos fatos clínicos, a relação entre agressividade e sexualidade destaca-se como uma constante em seus fundamentos teóricos e pressupostos explicativos.

PALAVRAS-CHAVE: agressividade; narcisismo; instintos sexuais; teoria psicanalítica.

ABSTRACT

The research aimed to investigate the aggressiveness in the Freudian work, between 1897-1939. The choice of this theme was motivated by clinical experience, in which we came across situations such as negative therapeutic reaction, traumatic experiences, difficulties in breaking up violent bonds, in which aggressiveness was highlighted as a substantial manifestation. Gradually we see the extent that the problem of aggressiveness reaches, becoming part component, along with libidinal impulses, in relationships established by the subject and psychic dynamism. The work was conceived in three divisions that generated three chapters, whose purpose is to analyze how aggressiveness was understood in different stages of Freud's work. The first chapter covers the period from 1897 to 1914, respecting the essay *On Narcissism: an introduction*. In this cut it was possible to see that Freud conceived aggression as non-sexual and allied with the interests of the Ego, because it enabled the realization of self-preservation and sexual instincts. Although masochism and sadism were already thematized in this period, their explanation only became substantial when the possibility of mixing between sexual and self-preserving instincts was introduced in psychoanalytic theory. Still in this section, the problem of morality was analyzed and it was noticed that it has similar contours to those of masochism. The second chapter covers the period from 1914 to 1920 and analyzes the concept of narcissism through the notion of support, which allows us to understand the mix between sexual and non-sexual instincts that culminate, specifically in the case of the instinct to master, in sadism and masochism. The study of narcissism helps in understanding the origins of the ideal and also sheds light on the situation in which the Self becomes the destination of sexual instincts mixed with nonsexuals. Based on Laplanche's *Life and Death in Psychoanalysis*, we saw the possibility of approximating two theoretical points, namely: the instinctual destiny of return to oneself and the theory of primary masochism, related to the texts *Instincts and their Vicissitudes* and *An Economic Problem of Masochism*, apparently distanced in conceptual terms, as separated by the second theory of instincts. We seek to make this approach explicit in the third chapter, where insights into how Freud understood death drive are developed, and then to glimpse the notion of support for sexuality and thus define the fusions that produce the erogenous, secondary, moral masochisms and the sadism. It is noteworthy here that the instinctual mixtures between Eros and Thanatos are not constant and are particularly affected by identification, which leads to desexualization, reducing instinctual fusion and increasing aggressive potential to the detriment of erogen. Briefly, in the three clippings, it was possible to observe some constancy in Freud's reflection in the understanding of morality, sadism and masochism, since they are conceived as formed by the mixture between the sexual and the non-sexual. Moreover, there is an increasingly elaborate understanding of those instinctual formations, demonstrating that Freud would have encountered phenomena that he considered important in clinical practice. Besides that, although the conceptual body has been reformulated with the purpose of greater refinement and adaptation to clinical facts, the relationship between aggressiveness and sexuality stands out as a constant in its theoretical foundations and explanatory assumptions.

KEYWORDS: aggressiveness; narcissism; sexual instincts; psychoanalytic theory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: PANORAMA SOBRE A AGRESSIVIDADE NA PSICANÁLISE FREUDIANA NO PERÍODO ANTERIOR À INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO [1897-1914].	21
1.1 A agressividade e as defesas: hostilidade na resistência e na transferência negativa	23
1.2 Os sonhos de morte de pessoas queridas: a agressividade como hostilidade aos rivais e propulsora da satisfação libidinal.....	30
1.3 A ambivalência instintual: a proibição, a moralidade, o masoquismo e o sadismo.	34
CAPÍTULO II: O EU COMO OBJETO DOS INSTINTOS SEXUAIS: A INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO ESCLARECE E REORDENA AS RELAÇÕES ENTRE A AGRESSIVIDADE E A SEXUALIDADE [1914-1920].	45
2.1 Algumas considerações sobre o narcisismo e o ideal nas etapas da formação do Eu....	46
2.2 O complexo dinamismo entre o instinto de apoderamento, masoquismo, sadismo e a moralidade.	53
2.2.1 O instinto de apoderamento e o seu retorno contra a própria pessoa.	53
2.2.2 Os entroncamentos do ideal para a composição das fantasias sadomasoquistas.	57
2.2.3 O masoquismo, o sadismo e a moralidade.	62
CAPÍTULO III: IMPLICAÇÕES DA INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE INSTINTO DE MORTE PARA AS RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE E SEXUALIDADE: CONTINUIDADE OU RUPTURA NA CONCEPÇÃO DE SADISMO E MASOQUISMO?	69
3.1 Tentativa de definição dos instintos de morte a partir de algumas aproximações ao papel do sadismo e masoquismo na constituição da sexualidade	73
3.2 Masoquismo erógeno, masoquismo moral e o sadismo: a teoria do apoio e a dinâmica sujeito-objeto como fundamentantes do sexual.	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue resultou de esforços empreendidos em busca de esclarecimentos de algumas dificuldades encontradas no âmbito da prática clínica de orientação psicanalítica. Os impasses decorrentes do trabalho com o método psicanalítico junto a quadros dominados pela compulsão à repetição, a desafiadora desorganização mental oriunda de vivências traumáticas, os enigmáticos transtornos psicossomáticos, entre outros, passaram a motivar a necessidade de aprofundamento teórico e clarificação de alguns conceitos psicanalíticos que parecem lançar alguma luz sobre estes fenômenos clínicos.

A escolha da agressividade como objeto de estudo, entre tantos conceitos ou temáticas abordadas pela psicanálise, ocorreu pela extensão que acreditamos que esta problemática alcança: é parte fundamental para a psicopatologia psicodinâmica por tanger as relações interpessoais e também descrever relações estabelecidas entre partes do sujeito; na teoria psicanalítica pode ser entendido como parte componente dos afluentes instintuais do sujeito; pode enredar e fornecer possibilidades explicativas para a violência e ajudar na compreensão do sofrimento mental vivenciado pela vítima, como também, lançar formulações que expliquem as manifestações violentas no agressor. Imersos nestas possibilidades que podem ser fomentadas pela compreensão mais aprofundada das temáticas referentes a agressividade, o estudo bibliográfico se mostrou como uma saída viável.

Assim que o objeto foi definido, as dificuldades de como abordá-lo tiveram de ser resolvidas por meio de um lento processo de refinamento pela reflexão. Para tornar o objeto da pesquisa mais claro ao leitor, apresentaremos um breve relato dos desenvolvimentos de nossas reflexões rumo a proposta deste trabalho, a saber: abordar as relações estabelecidas entre a agressividade (o não-sexual) e o sexual na obra freudiana em três recortes distintos.

A primeira tentativa empreendida para compreender a agressividade na obra freudiana partiu da perspectiva de tipificá-la como uma função, pois parecia ser lícito pensá-la como coadjuvante do Eu na tarefa de zelar pela vida, podendo ser usada como um instrumento para perpetuar-se e levar adiante a espécie. Para tanto, deveriam surgir algumas vicissitudes e certa modulação da agressividade na ação agressiva, mas sempre os interesses do Eu seriam atingidos.

As dificuldades desta primeira tentativa apareceram conforme a compreensão do tema foi avançando, sendo percebido que nessa perspectiva não sobraria espaço para pensar em expressões de agressividade livre de finalidade, algo do gênero destruir por destruir, e outras atividades, como por exemplo, a autoagressão. Correlativamente passamos a perceber que as

construções teóricas freudianas mais tardias trazem um aporte autônomo da agressividade, como explica Simanke (2014), rompendo com a perspectiva de que a agressividade estaria ligada ao Eu e serviria à finalidade adaptativa e salvaguardaria seus interesses. Portanto, foram vislumbradas duas soluções mutuamente excludentes para este impasse teórico inicial: ou limitaríamos o nosso estudo até 1920, com o objetivo de evitar incoerências teóricas ao nosso objeto de estudo: ou deveríamos constituir uma nova linha diretriz para lançar caminhos epistemicamente mais consistentes.

O nosso interesse profissional¹, anunciado anteriormente, não nos poderia levar a outra direção a não ser na do segundo caminho, pois seria como uma mutilação sobre o querer aprender não abordar e buscar conhecer os argumentos fundamentais que sustentam temáticas que se mostram valiosas para a compreensão dos problemas levantados pela prática clínica, tais como: compulsão a repetição, as formas de masoquismo (especialmente o masoquismo moral), fenômenos de autoagressões (seja simbólicas ou então físicas), instinto de destruição, argumentos que explicam a constituição da instância moral e as relações estabelecidas com o Eu, etc. Mas, para tanto, seria necessário redefinir a proposta deste trabalho.

À medida que os estudos e reflexões possibilitaram que os conceitos de introjeção e identificação pudessem ser reorganizados em nosso pensamento, foi possível entender algumas questões presentes no texto freudiano de *Totem e Tabu* de 1912, que levaram a mudanças na maneira como pensávamos a articulação de alguns conceitos: tornou-se mais clara a possibilidade de compreender a agressividade através de um crivo relacional, de maneira que a dinâmica intersubjetiva permeada por hostilidade passaria a fundamentar em outro momento uma dinâmica intrapsíquica de agressividade de uma parcela da mente contra outra. Em certa maneira, *Totem e Tabu* traria elementos que seriam reencontrados em *Introdução ao Narcisismo* e posteriormente em *O Eu e o Id*, pois aqueles já antecipam algo que Perelberg (1999) apresenta como característico do pensamento estrutural oriundo da segunda tópica: a agressividade torna-se uma, entre tantas, possíveis maneiras de relacionamento de partes da mente. Porém, este avanço trouxe dois questionamentos pungentes à temática: 1º) Se a agressividade pode ser entendida como algo relacional, por que não estudar a violência?; 2º) Por que necessariamente agressividade e a obra de Freud?

O conjunto de argumentos que reunimos para responder à primeira pergunta, colocamos próximos de responder a segunda. Em relação à primeira questão, pode-se dizer que as palavras, agressividade e violência, parecem denotar campos semânticos equivalentes e até se

¹ - É verdade que não nos aprofundamos nos temas do traumático, da repetição e da psicossomática, mas nem por isto este estudo deixou de lançar subsídios para a compreensão de tais fenômenos.

corresponderem, mas descobrimos mediante pesquisa de artigos e capítulos de livros voltados a temas correlatos que, na teoria psicanalítica, a agressividade detém estatuto conceitual, enquanto a violência, não.

Andrade e Bezerra Jr. (2009), por exemplo, clarificam que a violência não é um conceito psicanalítico, embora seja uma manifestação importante no cenário atual (especialmente nas escolas brasileiras). Discutem no mesmo artigo, através de uma linha de pensamento winnicotiana, a agressividade como algo que comporta todo um potencial vitalmente necessário ao sujeito, pois permite a criação e a manipulação pelo brincar, enquanto a violência seria essencialmente a intencionalidade de negar ou destruir a existência do outro. De maneira análoga, Ferrari (2006) propõe que em Freud e Lacan a agressividade é abordada como um conceito situado na base da constituição do Eu e nas relações desenvolvidas com os objetos, portanto, detém função estruturante do desenvolvimento, enquanto as manifestações violentas na contemporaneidade e no modelo produtivo vigente podem ser colocadas na ordem do sintoma individual, demonstrando as dificuldades do sujeito de obter satisfação no conjunto cultural atual.

Em Perelberg (1999) encontramos uma revisão bibliográfica sobre o valor da agressividade nas teorias psicanalíticas, enredando, entre outros temas, uma discussão do peso da agressividade no processo de separação e individuação, retroalimentando a concepção de que a agressividade é parcela fundamental na constituição e desenvolvimento do psiquismo. O valor da agressividade na concepção kleiniana é tão grande, que encontramos na síntese da teoria kleiniana elaborada por Hanna Segal (1964/1975) a posição de que a agressividade é presente desde o início e representa os instintos² de morte. Dessa maneira o desenvolvimento psíquico seria efeito das possibilidades de conservar e proteger o objeto da agressividade mediante a introjeção que fomentaria fusões entre os instintos de vida e de morte, inicialmente cindidos.

A leitura do verbete “agressividade” em Laplanche e Pontalis (1982/2008) revela que a agressividade contém em seus possíveis desdobramentos a agressão, e esta por sua vez conterá os significados de violência (no sentido de uma ação que violenta ou agride o outro). De maneira ampliada, a agressividade ainda pode circunscrever a expressão da agressão em comportamentos negativos, como a recusa de auxílio, conforme grifado na citação logo

² - Nesta dissertação, em trechos de nossa autoria e redação optamos por fazer uso do termo “instinto” em vez de “pulsão”. Esta escolha não foi feita por uma filiação à uma visão epistêmica, mas serve à finalidade de manter harmonia com a principal fonte dos textos freudianos adotados neste trabalho, a Coleção das Obras Completas da Cia da Letras, traduzidas por P. C. de Souza. Para as justificativas e opções feitas por diferentes tradutores em relação à tradução do termo alemão *Trieb*, ver Souza (2010) e Tavares (2011).

abaixo. “A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe *comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo)* quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão” (p. 11, grifo nosso).

Para sumariar esses esclarecimentos sobre a primeira das perguntas postas acima, sobre as razões que nos levam a elencar a agressividade como objeto de estudo em vez da violência, pode-se dizer em favor da agressividade e em detrimento da noção de violência que: a agressividade detém o estatuto de conceito nas teorias psicanalíticas e ela pode funcionar como aporte à violência, de maneira que toda violência envolve uma ação agressiva, mas tem toda forma de manifestação de agressividade se encerrará em violência, como por exemplo, a via negativa elucidada no parágrafo anterior.

Quanto à nossa pergunta, sobre as razões que nos levaram a escolher a obra freudiana, pensamos que essa traz consigo ampla tematização sobre a agressividade em suas diversas formas de manifestações, pois conforme tentaremos demonstrar, Freud (1897/2006) já desde muito cedo, nos primórdios da teoria psicanalítica, observava na conduta agressiva do paciente um empecilho ao processo de análise. Faltou pouco tempo até que ele pudesse reconhecer a importância da hostilidade e rivalidade na constituição da psique humana ao descrever tramas de rivalidade e desejo de morte (desejo de afastar o rival) em *A Interpretação dos Sonhos*. Isto, apenas para citar algumas ocorrências da temática em um período muito inicial da obra psicanalítica freudiana. Parece-nos que Laplanche (1985a) faz um comentário bem acertado sobre a agressividade na primeira metade da obra de Freud:

Seria fácil fazer um levantamento, no pensamento freudiano e mais geralmente na experiência psicanalítica, tal como ela se desenvolve antes de 1920, ou mesmo antes de 1915, dos inúmeros momentos e lugares onde se observam as manifestações ditas agressivas: complexo de Édipo, sempre descrito com suas duas componentes negativa e positiva, ambivalência amor-ódio (sobretudo na neurose obsessiva), manifestação negativa da cura (transferência negativa, resistência...), perversão sadomasoquista, aspectos sádicos das fases pré-genitais, etc. (pp. 89-90).

A segunda perspectiva que lançamos, relacionada à primeira pergunta posta acima, sobre encarar a agressividade como um fenômeno relacional, necessitaria de mais um acréscimo para que chegássemos ao nosso problema de pesquisa. O novo acréscimo é efeito a partir de nossa compreensão da proposição fundamental de Freud (1923/2017, 1930/2017) sobre os instintos de vida e de morte, que nunca se apresentariam de maneira isolada, apenas mesclados. Teoricamente, cada um serviria a finalidades distintas: os de vida, na forma da

sexualidade e dos instintos de autoconservação, buscariam unir e agregar a matéria viva, enquanto os de morte, na sua representação possível de agressividade e destruição, teriam objetivos contrários àqueles. Saberes que, em conjunto com as elaborações teóricas de Laplanche (1985a), tornou possível definir de modo mais preciso o objeto de nosso estudo: analisar as relações da agressividade com a sexualidade na obra de Freud em três recortes distintos que permitam apreender as transformações que a agressividade vai sofrendo em sua obra.

Decorrente de nossa compreensão viabilizada pela leitura dos textos freudianos foi possível vislumbrar que nos três recortes (temporalmente situados por obras que se inserem nos seguintes intervalos: 1897 até 1914, 1914 até 1920 e 1920 até 1939) as relações entre agressividade e sexualidade podem ser definidas pela mescla estabelecida entre ambas. Adotamos de Laplanche (1985a) a possibilidade de pensar a agressividade como algo de caráter não-sexual, mas que pode se mesclar com a sexualidade e desenvolver tantas outras formas de manifestações que sumariamente agregamos como sadismo, masoquismo e a moralidade. Segundo observaremos, esta concepção de mescla no edifício psicanalítico se mantém constante mesmo em recortes teóricos diferentes, como a primeira e a segunda tópicos do aparelho psíquico (Freud, 1900/2017b; 1923/2017). Desta maneira, abriu-se para a apreensão a possibilidade de tipificar o que é sexual e o que é não-sexual em cada recorte que empreenderemos na análise dos textos freudianos e, destes, derivar descrições, definições e abordar as relações dinâmicas dos pares antagonistas³.

A análise das especificidades destas relações dinâmicas compõem nossos objetivos específicos, sendo que em cada capítulo as discussões são engendradas pelas temáticas presentes no texto freudiano e estudadas com o corpo conceitual do período. Observou-se que em cada um desses períodos a temática da moralidade detém correspondências com o masoquismo e o sadismo. Para tornar mais claro ao leitor sobre a que estamos nos referindo, faz-se necessário apresentar uma breve sinopse de cada capítulo para então abordar as relações dinâmicas envolvidas com a moralidade.

Antes, porém, alguns esclarecimentos metodológicos. Para abordar um tema que ao nosso ver é denso e engendrador de outros problemas de pesquisa, optamos por abordar a obra de Freud respeitando seus movimentos e transformações durante as diversas décadas de produção intelectual e teórica.

³ - A princípio, dos instintos de autoconservação com os sexuais, posteriormente, os instintos de vida com os de morte. Para esclarecimentos sobre esses conceitos ver, por exemplo, Laplanche & Pontalis (1982/2008).

Ao analisar o percurso teórico realizado por Freud, caracterizados por transformações e reformulações conceituais, Monzani (1989a) esclarece que os comentadores e especialistas sobre a obra do vienense habitualmente se digladiam ao menos entre três posições distintas: 1ª) há aqueles que argumentam e sustentam que a obra de Freud pode ser encarada como plena continuidade, como bloco monolítico, que rogam por uma concepção continuísta, por exemplo, entre a primeira e segunda concepção freudiana de aparelho psíquico, como se os conceitos da segunda tópica dessem continuidade àqueles da primeira ou até do período denominado pré-psicanalítico; 2ª) de maneira oposta, outros autores defenderiam que as produções freudianas são permeadas por rupturas e descontinuidades, considerando que a primeira e segunda tópicos são distintas e tentando pesar sobre uma balança qual destes recortes tem maior rigor científico ou então qual seria mais apropriado para uma aproximação clínica e manejo das dificuldades encontradas. Poderíamos acrescentar que ainda dentro de cada uma das duas proposições, existem discussões a respeito da compatibilidade ou incompatibilidade sobre os conceitos e proposições de cada período em relação ao outro, sendo, segundo Monzani (1989a), Laplanche um autor partidário da compatibilidade; posição que a nosso ver não é descabida e parece se harmonizar com a terceira, apresentada logo a seguir.

A terceira posição, que inclui a do próprio Monzani (1989a), seria a que propõe uma maneira de conciliar as dificuldades engendradas pelas adaptações e reformulações conceituais realizadas por Freud, que aparentemente separariam a obra do autor em dois períodos teóricos distintos. Para o autor, a conciliação entre os dois períodos teóricos poderia ser alcançada por meio da concepção de um desenvolvimento que pensa a obra freudiana como o movimento de um pensamento. Nesse percurso, a reflexão freudiana seria marcada por hesitações, avanços e retificações conceituais, características que seriam comuns a todas as disciplinas científicas.

As palavras de Monzani (1989a) a respeito de sua posição sobre a obra freudiana são bem esclarecedoras e deixam bem claro as diversas vantagens que se obtém com a concepção de desenvolvimento:

[...] se observa mais atentamente o conjunto de obras de Freud, assistimos é a um *desenvolvimento* até um estágio final onde nem tudo é mantido, mas também nem tudo é negado. Essa hipótese é interessante porque, de um lado, parece dar conta das várias mudanças ocorridas ao longo da obra e, de outro lado, mantém um princípio de continuidade que unificaria a mesma obra (p. 14, *grifos do autor*).

Acreditamos que a maneira em que a discussão é colocada por Monzani (1989a) não difere essencialmente da de Laplanche (1985), pois ambos procuram encontrar pontos que permitem ver certa estrutura coesa na obra freudiana. Essa afinidade foi sendo reconhecida ao longo da pesquisa, de modo que o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1982/2008) e *Vida e Morte em Psicanálise* de Laplanche (1985) tornaram-se instrumentos imprescindíveis para a organização da escrita, fornecendo direções e proposições que foram verificadas pela consulta à obra freudiana.

Com base nessa compreensão sobre o desenvolvimento das ideias freudianas, o primeiro recorte da obra freudiana, que será trabalhado no primeiro capítulo, visa cobrir o período psicanalítico desde 1897 até 1914, ou seja pré-1914. Isso porque ao longo das pesquisas verificamos, apoiados nos autores Green (1988b) e Laplanche (1985b), que a introdução do conceito de narcisismo (Freud, 1914/20) pode ser considerada um divisor de águas nas concepções psicanalíticas, incluindo a eventualidade do retorno dos instintos contra a própria pessoa. Conseqüentemente, vê-se mudar a concepção de conflito instintual e o papel do Eu no manejo dos instintos. É possível, no entanto, reportar a existência do narcisismo, enquanto referência ou através de seu significado que empreende uma erotização dos processos do Eu, em ao menos três textos diferentes, anteriores a 1914: *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* de 1910, no qual é discutido pontos que justificariam uma escolha de objeto homossexual, conseqüentemente narcísica; *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (O Caso Schreber)* de 1911, em que se discute a psicose e a paranoia e seus mecanismos e nisto se faz presente mais uma vez o problema da escolha de objeto homossexual; e por fim viemos a descobrir que em 1907 no texto *Atos obsessivos e práticas religiosas* é lançada, ao que parece em primeira mão e nos soou como grande novidade pelo período em questão, a possibilidade de mesclas ou fusões entre os instintos egoístas e os sexuais – fenômeno que só encontraríamos com o desenvolvimento do conceito de narcisismo.

Os textos *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* e *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (O Caso Schreber)* não serão abordados na dissertação por tratarem de temas que poderiam desviar-nos dos nossos objetivos, mas em compensação abordaremos o tema da moralidade, tentando fornecer explicações e fundamentações que permitiram destacar o caráter agressivo nela encontrado, que nos leva ao conceito de narcisismo, segundo a leitura que fizemos de *Totem e Tabu*. Para lançarmos uma visão panorâmica do período estudado, realizamos três divisões no capítulo, que compreendem as manifestação agressivas em diversas variações, respectivamente, a

saber: como efeito da resistência em suas variadas formas; como hostilidade aos rivais e facilitadora da satisfação libidinal; como parte componente da ambivalência instintual, masoquismo, sadismo e da moralidade.

Veremos nesse capítulo, quase que exclusivamente, as definições da agressividade orbitando em salvaguardar os interesses do Eu e reagir reforçando as defesas psíquicas. Conseqüentemente, isto nos levará a abordar a agressividade como um tema que se corresponde com a moralidade e esta por sua vez, poderá se mostrar contendo traços masoquistas – posicionamento teórico que atravessará a dissertação em todos os capítulos.

Em nosso segundo recorte, empreendemos estudos que abarcam o período de 1914 à 1920, sendo tomado como marco fundamental para a separação desse período do anterior, o texto *Introdução ao Narcisismo*, portanto tudo o que é de 1914, porém publicado antes do referido texto, é reservado ao recorte do primeiro capítulo. Neste período é dada visibilidade aos complexos dinamismos de mescla entre os instintos sexuais e os não-sexuais, resultando disso maior clareza nas explicações para os fenômenos do sadismo, masoquismo e da moralidade. Desta maneira ficam propostas algumas peças para entender a teoria sobre a agressividade que se verifica “explicitamente desenvolvida” (Laplanche, 1985a, p. 90) em 1915, no texto *Instintos e seus destinos* (Freud, 1915/2013).

Pareceu-nos muito curioso, seguindo as orientações de Laplanche (1985a), que encontramos neste segundo recorte elementos que não serão necessariamente negados na segunda teoria instintual, mas retrabalhados de maneira que a agressividade começa a ganhar destaque nas formulações freudianas. O advento do instinto de morte, pós-1920, indica-nos a crescente tematização da agressividade. Portanto estamos de acordo com Laplanche (1985a) sobre o estado da agressividade pré-1920:

É certo que antes de 1920, não somente a pulsão de agressão não aparece, mas o próprio termo agressividade está praticamente ausente. Não reconhecer a existência de uma pulsão de agressão não significa, contudo, necessariamente, negligenciar a teoria da agressividade, do sadomasoquismo e do ódio: teoria que está explicitamente desenvolvida, sobretudo em *Os Instintos e suas vicissitudes* (1915⁴, p. 90).

O que vamos encontrar no período 1914-1920, desenvolvido em nosso segundo capítulo, é que para Freud a agressividade é dada pelo egoísmo, fruto do caráter primário infantil, cuja atividade implica em uma conduta agressiva contra qualquer resistência que se oponha à satisfação dos instintos. Isto não difere dos nossos achados discutidos e trabalhados

⁴ - P. C. de Souza (2013) preferiu traduzir por *Instintos e seus destinos*. De qualquer maneira o título original é *Triebe und Triebchicksale*.

no primeiro capítulo, muito embora não esteja tão clara a concepção de egoísmo no período pré-1914, pois a introdução do conceito de narcisismo permitiu estabelecer uma separação teórica entre egoísmo e narcisismo, do sexual e do não-sexual. Desse último conjunto, a ênfase de nossas argumentações recai sobre o de instinto de apoderamento⁵ (*Bemächtigungstrieb*), haja vista que mediante mescla ou fusões com os sexuais, derivará explicações para o masoquismo e o sadismo, neste período.

Em vista disso, o segundo capítulo é composto por duas divisões, sendo que a primeira divisão do capítulo é introdutória, pois lança algumas possibilidades de leitura sobre o conceito de narcisismo e sobre o desenvolvimento do Eu, mediante discussão da formação do ideal do Eu. Este desenvolvimento teórico será continuado no subcapítulo que segue, pois a segunda divisão, embora continuação da primeira, focará nas relações entre narcisismo, sexualidade e os instintos de apoderamento para explicar a complexa gênese dos instintos sadomasoquistas e, a partir deles, retomar o problema da moralidade. Devido à quantidade de temas abordados, optamos por particionar esta segunda parte do capítulo em outras três subdivisões a fim de tentar oferecer uma melhor organização da quantidade de temas abordados e a complexidade dos mesmos.

Com a virada de 1920 e introdução da segunda teoria instintual, encontraremos a agressividade tipificada como representante dos instintos de morte, sendo estes últimos autônomos, pois não mais dependem do egoísmo para sua definição e nem tampouco poderão ser reduzidos apenas ao caráter sexual, conforme explanado por Simanke (2014). Nessa teoria, o conflito instintual foi revisto e não será atribuído aos embates entre os instintos do Eu e os sexuais, pois a noção de narcisismo introduzida anteriormente prejudicou esta possibilidade, e sim, aos embates dos instintos de vida com os de morte. A novidade encontra-se na introdução dos instintos de morte que serviram como maneira para lançar forma e compreensão aos fenômenos clínicos permeados pela compulsão à repetição (Freud, 1920/2017; Simanke, 2014; Monzani, 1989a). Devido à complexidade e dificuldade de definição destes instintos, eles serão trabalhados num conjunto de argumentos que permitem dar certa inteligibilidade às abstrações que os cerceiam para depois lançarmos discussões sobre os temas do masoquismo, sadismo e moralidade no recorte proposto.

Desta forma, a primeira parte do terceiro capítulo objetiva apresentar uma definição dos instintos de morte mediante a introdução da argumentação freudiana sobre este conceito e

⁵ - Como material de estudo das obras freudianas utilizamos as traduções de P.C. de Souza, Editora Cia das Letras. Nestas, é utilizada a expressão “instinto de apoderamento” em vez da “pulsão de dominação” conforme encontrada nas Edições da Imago (SE) e no *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1982/2008).

também pela continuação de uma discussão já colocada no capítulo anterior, de certa possibilidade de confluência entre a teoria do sadomasoquismo em pontos antes de 1920 e após 1920, porque, segundo desenvolvemos, parece no mínimo duvidoso dizer que na primeira teoria instintual o sadismo é primário, enquanto na segunda o masoquismo o é.

Por sua vez, como continuação do que é desenvolvido no subcapítulo 3.1, abordaremos no 3.2 as diversas formas de masoquismo e do sadismo, temas que mais uma vez se desdobram e recaem sobre o problema da moralidade. Ao discutirmos estes termos mediante a noção de apoio, como também havíamos feito no segundo capítulo, encontraremos um elo consistente entre o masoquismo e sadismo e o desamparo, de tal maneira que parece ser possível fortalecer o argumento de que estas amálgamas trazem uma marca relacional e gerarão impacto na formação do chamado masoquismo moral.

CAPÍTULO I

PANORAMA SOBRE A AGRESSIVIDADE NA PSICANÁLISE FREUDIANA NO PERÍODO ANTERIOR À INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO [1897-1914]

Para dar início à apresentação de nossas discussões a respeito da agressividade, este capítulo gira em torno de um recorte teórico que efetuamos sobre o período anterior ao desenvolvimento do conceito de narcisismo. Esta primeira aproximação objetiva cobrir as concepções da agressividade desde o momento de fundação da Psicanálise⁶ até 1914, quando o conceito de narcisismo é formalmente introduzido por Freud em *Introdução ao Narcisismo*, fazendo modificar os caminhos dos desenvolvimentos teóricos até então propostos. Não poderíamos fazer diferente, não apenas por razões didáticas, mas também conceituais, pois o narcisismo faz entrever novas possibilidades que descrevem e explicam a moralidade, o sadismo e o masoquismo, considerando-os como correlacionados com a agressividade e com marcas que permitem classificá-los mesclados com os ímpetos sexuais.

Na obra freudiana o tema agressividade parece-nos evocar, sobretudo, contextos teóricos da segunda tópica, porém, essa visão pode se mostrar equivocada. Desde muito cedo a agressividade – é verdade que a agressividade não aparece com esta nomenclatura, mas pode ser identificado por alguns correlatos, tais como: hostilidade, ambivalência, sadomasoquismo, entre outros – pode ser verificada nos textos freudianos. Como concordamos com Laplanche (1985a) sobre isto, vale rerepresentar algumas de suas palavras a respeito do problema:

Seria fácil fazer um levantamento, no pensamento freudiano e mais geralmente na experiência psicanalítica, tal como ela se desenvolve antes de 1920, ou mesmo antes de 1915, dos inúmeros momentos e lugares onde se observam as manifestações ditas agressivas: complexo de Édipo, sempre descrito com suas duas componentes negativa e positiva, ambivalência amor-ódio (sobretudo na neurose obsessiva), manifestação negativa da cura (transferência negativa, resistência...), perversão sadomasoquista, aspectos sádicos das fases pré-genitais, etc. (pp. 89-90).

⁶ - Convém explicitar que a publicação da obra *A Interpretação dos Sonhos* em 1899-1900 é tomada com um marco de fundação da Psicanálise, o que segundo nossa opinião seria mais comemorativo do que real. A fundação da Psicanálise teria se dado muito anteriormente, naquilo que Mezan (1982a) chama de lento desmonte do método catártico e da Comunicação Preliminar, compreendendo, portanto o período de 1893-1897.

No recorte que propomos neste momento a agressividade pode ser entendida como componente da resistência, reforço à repressão e carga de força adicional para levar adiante os ímpetos autoconservativos do sujeito, conforme será fundamentado. Assim, segundo pensamos, a agressividade serve a proteção do Eu, efeito do egoísmo que se levanta para defender todos os interesses que mantêm a vida. Conforme procuraremos tornar claro ao leitor, no período pré-1914 são poucas as colocações freudianas que permitem tipificar a agressividade como algo manchado pela sexualidade, salvo a perversão sadomasoquista que nos termos definidos em 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, era entendida como ímpeto a agredir ou ser agredido e concomitantemente produtor de excitação sexual. Tal interesse sexual seria verificado também na sexualidade não-perversa, porém com a meta inibida ou atenuada. Não muito distante de 1905, fora levantado em 1907⁷ a possibilidade de ocorrer mesclas entre os instintos egoístas e os sexuais, tema que só ficará melhor desenvolvido na obra freudiana e nesta dissertação quando o conceito de narcisismo for formalmente introduzido; mesmo reconhecendo que *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* de 1910 e *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (O Caso Schreber)* de 1911, fazem menções ao narcisismo, acolhemos como pré-narcisismo os textos publicados anteriormente à *Introdução ao Narcisismo*, de 1914. Por enquanto jogamos com a primeira teoria freudiana dos instintos, presente em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, em que é proposta uma diferenciação entre os instintos do Eu e os instintos sexuais, sendo esta noção que elucida a noção do conflito neurótico, conforme citação abaixo.

Nem sempre esses instintos são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses; as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre os instintos que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, os instintos do Eu (Freud, 1910a/2017, pp. 317-318).

Conforme antes mencionado, para Laplanche e Pontalis (1982/2008), a agressividade marca os textos psicanalíticos desde o início, embora não esteja como tema central do que é

⁷ - Esta possibilidade teórica será discutida na seção 1.3. A ambivalência instintual: a proibição, a moralidade, o masoquismo e o sadismo, mas reproduziremos aqui para facilitar a definição do que nos referimos: “[...] na base da formação da religião também parece estar a supressão, a *renúncia* a determinados impulsos instintuais; mas estes não são, como na neurose, exclusivamente *componentes sexuais, mas instintos egoístas, socialmente danosos, aos quais não falta geralmente, por outro lado, um aporte sexual.* [...] Talvez devido aos *componentes sexuais mesclados*, talvez graças à características sexuais dos instintos, à supressão do instinto se revela insuficiente e inconclusa também na vida religiosa” (Freud, 1907/2016 pp. 310-311, grifos nossos).

afirmado ou trabalhado. A consideração das indicações fornecidas por esses autores permitiu levantar os seguintes tópicos:

- A resistência é tingida por uma marca hostil e já muito cedo será ligada com a transferência, especialmente a negativa.

- Nos sonhos do grupo dos típicos apresentados por Freud (1900/2017), há os sonhos com a morte de pessoas queridas, no qual o complexo edípico é concebido como uma mistura de desejos amorosos e hostis.

- No plano da experiência da atividade clínica é destacada a importância da hostilidade em certas patologias, como a paranoia e a neurose obsessiva.

- O chiste, cuja finalidade é proporcionar um pequeno ganho de prazer e que tem seu trabalho assemelhado por Freud (2017a) com o trabalho do sonho. Além disso, está a serviço de duas tendências: a hostil ou obscena.

Numa breve generalização dos quatro tópicos acima, fica-nos esclarecido que a agressividade neste primeiro período é proposta, quase de maneira exclusiva, como um ímpeto não-sexual, fazendo parte do polo oposto da sexualidade, sendo portanto correlacionada ao Eu, salvo a exceção da perversão sadomasoquista e suas metas atenuadas. Cabe guardarmos esta primeira impressão, a fim de verificá-la ao longo do desenvolvimento deste capítulo, cuja estrutura baseia-se nos referidos quatro tópicos. Esclarecemos, porém, que desses tópicos o tema do chiste não será abordado, pois embora o mesmo possa ajudar a explicar e fundamentar a eficácia do inconsciente em produzir derivados, não nos proporciona indícios substanciais para uma compreensão da agressividade na obra freudiana desse período; enfocaremos nos outros três tópicos com a expectativa de conseguir fornecer uma visão satisfatória sobre a maneira como o tema da agressividade figura nos textos freudianos anteriores a 1914.

1.1 – A agressividade e as defesas: *hostilidade na resistência e na transferência negativa.*

Pode-se verificar a agressividade como componente da resistência e a hostilidade em diversas colocações. Uma, em particular, chama a nossa atenção: um recorte da carta nº 72, de 1897, enviada por Freud para W. Fliess:

A resistência, que finalmente causa uma parada no trabalho, não é senão seu caráter passado da criança, degenerado, que (em consequência das experiências que se acham conscientemente presentes nos casos ditos degenerados) se desenvolveu ou poderia ter-se desenvolvido, mas que é encoberto pelo recalque. Esse caráter, eu o descavo

com o meu trabalho, e ele se debate; e quem, no início do tratamento, era um sujeito excelente e franco, torna-se grosseiro, mentiroso ou obstinado e se finge de doente – até que lhe digo isso e, desse modo, torna-se possível superar este caráter (Freud, 1897/2006, p. 317).

Dessa citação é possível extrair diversos pontos de valor para uma reflexão teórica e clínica, mas ficaremos restritos aos nossos objetivos e assim sendo, destacamos: a resistência é a expressão do caráter infantil que agora passa a debater e manifestar-se de forma agressiva (grosseiro, mentiroso, obstinado e simulado). Debate-se em virtude do trabalho de escavação ou de desvelamento da resistência feito pelo médico e embora não esteja colocado na citação, ficamos com a impressão que esse caráter infantil que se revolta contra o médico é aquilo que posteriormente será chamado de resistência de transferência, fenômeno clínico que inclui, segundo Freud (1912a/2017), a transferência positiva de sentimentos eróticos e a transferência negativa, que é composta por sentimentos hostis.

No primeiro caso, relativo à transferência de sentimentos eróticos, o processo terapêutico se torna uma maneira de obter o amor do terapeuta e o interesse de restabelecimento que requer a obediência da regra fundamental é colocado em segundo plano pelo paciente até o momento que seja possível tornar consciente a conduta transferencial estereotipada. No entanto, pode ocorrer fracasso deste empreendimento terapêutico, seja por inabilidade do terapeuta ou então pelas próprias forças do reprimido que “[...] não querem ser lembrados como a terapia o deseja, procurando, isto sim, reproduzir-se, de acordo com a atemporalidade e capacidade de alucinação do inconsciente” (Freud, 1912a/2017, pp. 145-146). As mesmas características gerais da resistência que provém da transferência erótica podem ser transpostas para a transferência negativa, sendo inclusive muito habitual a transformação da transferência de sentimentos eróticos malogrados em transferência negativa, situação complexa que leva o paciente a se comportar manifestadamente com hostilidade ao médico ou então ser indiferente ao esforço terapêutico.

Essas condutas, que salientamos nos parágrafos anteriores, buscam alguma maneira de se vingar daquele que negou atender às suas demandas e são entendidas como resistência frente ao processo de análise, pois o paciente não coopera e evita de trazer novas associações. Desde muito cedo Freud (1900a/2017) deixa claro que, por exemplo, a interpretação dos sonhos só pode ser viabilizada quando o paciente é capaz de trazer associações sobre as parcelas que compõem o sonho e que pouco podemos fazer quando o paciente não coopera conosco. O mesmo problema é apontado por Freud (1905/2017) no estudo dos chistes, de maneira que numa acepção técnica, a resistência seria oriunda da recusa, por parte do

paciente, em atender à regra fundamental: relatar livremente aquilo que lhe ocorre. Logo adiante, discutiremos uma breve acepção dinâmica da resistência.

A citação da já referida carta, de Freud à Fliess, pode ser emparelhada com as seguintes, constantes do Caso Dora (Freud, 1901/2016), sobretudo por tangerem os mesmos fenômenos e subsequentes aos afrontes agressivos que os pacientes podem realizar contra o terapeuta:

Quando, no tratamento psicanalítico, surge uma série de pensamentos corretamente fundamentada e irrepreensível, pode haver um momento de embaraço para o médico, que o paciente aproveita para perguntar: "Isso é tudo verdadeiro e certo, não é? O que você mudaria no que lhe falei?". *Mas logo se percebe que tais pensamentos, inatacáveis pela análise, foram usados pelo paciente para esconder outros, que querem se furtar à crítica e à consciência.* Uma série de recriminações a outras pessoas leva a suspeitar de uma série de autorrecriminações com o mesmo teor. É preciso apenas fazer cada recriminação retroceder à própria pessoa que a exprimiu (Freud, 1901/2016, pp. 209-210, *grifos nossos*).

Conforme destacamos na citação, o levante da agressividade ou da recriminação ao outro (no caso o terapeuta) aparece de maneira a esconder outros pensamentos, desviando a atenção daquilo que seria importante para a continuação do processo analítico. Na citação a seguir, Freud (1901/2016) relata resistência análoga que se manifesta de outra maneira, através da desistência do processo terapêutico frente à possibilidade de um desfecho esperançoso:

Eu sabia que ela [Dora] não retornaria. Foi um inconfundível ato de vingança que ela, de forma tão inesperada, quando minhas expectativas de um término feliz estavam no auge, interrompesse o tratamento e destruísse essas esperanças [...] Quem, como eu, desperta os piores demônios que, imperfeitamente domados, habitam o peito humano, a fim de combatê-los, tem de estar preparado para não sair ileso dessa luta (Freud, 1901/2016, p. 304).

O tema da desistência do processo terapêutico continua a ser tratado na mesma obra e ali aparecem claras indicações de que as defesas manifestadas pelas ações agressivas (crueldade e motivos de vingança) levantam-se também contra o médico e podem fazê-lo sentir-se impotente e incapaz:

Quando impulsos de crueldade e motivos de vingança, já empregados durante a vida para manter os sintomas, são transferidos para o médico no tratamento antes que ele tenha tempo de afastá-los de sua pessoa, fazendo-os remontar às origens, não é de admirar que o estado das pacientes não mostre a influência do seu esforço terapêutico.

Pois como poderia a paciente se vingar melhor do que demonstrando em sua própria pessoa a impotência e incapacidade do médico? (Freud, 1901/2016, p. 317, grifos nossos).

Em todos estes exemplos a resistência é vinculada ao avanço do processo terapêutico rumo a elucidação do material que foi reprimido e isto desembocará nas inúmeras tentativas de boicote manifestadas pela evasão da regra fundamental. Então numa acepção dinâmica o que é a resistência? Obteremos uma boa resposta à questão se formos procurar a origem do conceito na história da Psicanálise, pois encontraremos que o abandono da hipnose viabilizou o aparecimento da resistência, e que a partir disso o objetivo do trabalho terapêutico teria se deslocado da remoção de um corpo estranho, o conteúdo afetivo não adequadamente eliminado, suposto como presente em regiões psíquicas cindidas da consciência normal, como é tratado nos *Estudos sobre a Histeria*, para a análise das resistências, nascendo desta maneira a técnica psicanalítica. No artigo as *Neuropsicoses de defesa* Freud (1894/2006) afirma que a não utilização da hipnose deflagrou as resistências e facilitou a compreensão de que as mesmas são erigidas contra afetos desprazerosos; estava portanto, lançando a noção de conflito que possibilitaria ao autor compreender de maneira nova a gênese da cisão da consciência. Assim, a resistência, ou se preferirmos, a defesa, objetiva reduzir o sofrimento oriundo do conflito, tomando partido do Eu, expulsando o material conflitivo e isolando-o das teias associativas conscientes que desembocam na motilidade. Logo, dissolver a resistência permitiria que os processos de excitação bloqueados pela repressão pudessem circular livremente, unindo-se à cadeias associativas rumo à descarga motora e, conseqüentemente, cessando a produção de sintomas e outros derivados do inconsciente.

A partir desses esclarecimentos sobre a resistência do ponto de vista dinâmico, podemos retomá-la em sua acepção técnica e concordar com a posição sintética de Laplanche e Pontalis (1982/2008, p. 459): “Encontramos pois aqui dois elementos de explicação: a resistência é regulada pela sua distância em relação ao recalçado; por outro lado, corresponde a uma função defensiva. Os escritos técnicos mantêm esta ambigüidade”.

É interessante destacar que a resistência, entendida como função defensiva, é atuante de maneira ininterrupta, logo, não é uma manifestação que aparece exclusivamente na atividade terapêutica, mas está em constante embate contra os impulsos. Portanto, é possível levantar uma questão: a agressividade ou as tendências hostis podem ser dirigidas aos objetos, funcionando como fator de resistência que reforça ou protege à repressão? Nossa resposta é que sim, pois este ponto de vista pode ser destacado da citação abaixo, em particular na

aversão à sexualidade já presente em Dora que agora se manifesta contra o Sr. K que lhe gerou impressões sexuais:

Nela [Dora] pelejam a tentação de ceder ao homem que a solicita e a força compósita que se opõe a isso. Esta se compõe de motivos de decência e sensatez, de impulsos hostis causados pelas revelações da preceptora (ciúme, orgulho ofendido, ver adiante) e de um elemento neurótico, *o quê de aversão à sexualidade nela já existente*, que se baseia na história de sua infância. O amor ao pai, por ela evocado para se proteger da tentação, vem dessa mesma história (Freud, 1901/2016, p. 277, *grifos nossos*).

Esse ponto de vista, da agressividade como manifestação de resistência que fortalece a repressão, é ainda reforçado na mesma obra, e particularmente na citação a seguir, quando Freud (1901/2016) se questiona o que poderia acontecer se o Sr. K não tivesse desistido de fazer propostas à Dora após o tapa que levou:

Mas acho que, talvez também facilmente, ela poderia ter se sentido estimulada a satisfazer mais amplamente sua ânsia de vingança. Nunca é possível calcular para que lado se inclina a decisão nesse conflito de motivos, se para o cancelamento ou para o reforço da repressão (Freud, 1901/2016, p. 305).

O mesmo tipo de afirmação pode ser encontrado no primeiro ensaio de *Totem e Tabu* (O horror ao incesto) quando trabalhado o nada incomum enamoramento da sogra pelo genro:

Em todo caso, uma tendência a tal enamoramento não é nada rara na sogra, e ela ou a inclinação que lhe é oposta se agregam à profusão de forças em conflito na sua mente. Tampouco é raro que o componente hostil, sádico da excitação amorosa se volte para o genro, a fim de reprimir mais eficazmente o componente proibido, afetuoso (Freud, 1913b/2017, p. 39).

Paradoxalmente ao recém-anunciado e à pergunta formulada na página anterior (sobre a agressividade ou tendências hostis funcionarem como reforço à resistência e proteção à repressão) encontramos a possibilidade da depreciação amorosa como um requisito a muitos homens e mulheres para a perpetuação da satisfação sexual, o que pode produzir a interpretação de que a agressividade não serve apenas ao reforço da resistência, mas serve também como perpetuação de elementos reprimidos pela via fantasiosa. Nossa observação se apoia em um texto de Freud (1912b/2017), *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa*, no qual o autor considera que a necessidade de depreciar o objeto amoroso é uma maneira de manter separadas as duas correntes amorosas (a terna, infantil, apoiada na autoconservação, e a sexual, efeito da convergência da corrente terna na genitalidade da vida

adulta) que foram proibidas de se unirem devido a barreira interposta ao incesto, conforme compreende-se na citação abaixo.

Para proteger-se desse distúrbio [a impotência sexual de fundamento psíquico], o principal meio de que alguém se vale nesta cisão amorosa é a *depreciação* psíquica do objeto sexual, enquanto é reservada para o objeto incestuoso e seus representantes a superestimação que normalmente cabe ao objeto sexual. Tão logo é atendida a condição de depreciação, a sensualidade pode manifestar-se livremente, como significativa atividade sexual e elevado prazer (Freud, 1912b/2017, p. 353, grifo do autor).

A separação não é perpétua, talvez apenas aparente, pois a utilização da agressividade, compreendida como depreciação psíquica do objeto sexual, ou seja, o rebaixamento deste a algo de categoria inferior, serve também como possibilidade fantasiosa de unir as duas correntes da vida amorosa no inconsciente.

Agora vêm a ser compreensíveis, nos seus motivos, as fantasias de garotos mencionadas na primeira “Contribuição”⁸, que rebaixam a mãe ao nível de mulher fácil. Constituem esforços de, ao menos na fantasia, fechar o abismo entre as duas correntes da vida amorosa, de ganhar a mãe como objeto da sensualidade, pela depreciação (Freud, 1912b/2017, p. 353).

Refinando nossas colocações iniciais que deram rasante na psicologia do amor, podemos destacar dois paradoxos. O primeiro que tropeçamos e anunciamos é em relação à utilização da agressividade: ela não é apenas uma maneira de fortalecer a repressão, mas serve como possibilidade fantasiosa de obter uma satisfação entre duas correntes que foram separadas pela repressão. Esse paradoxo contradiz o desenvolvimento teórico que havíamos trilhado até então. O segundo paradoxo é inerente à psicologia do amor e parece preservar os achados que havíamos realizado em nossa construção textual: para poder fruir do amor na maior extensão com apenas um objeto, por vezes é necessário desprezar e menosprezar o objeto, pois assim a corrente de ternura ficaria mais fortemente reprimida e não faria a barreira do incesto se alastrar para a corrente sexual, exercendo portanto uma função defensiva.

⁸ - O autor se refere ao artigo *Um tipo especial de escolha de objeto feito pelo homem*, (Freud, 1910/2017), no qual, entre algumas discussões, é conjecturado o amor de certos homens que é suscitado por mulheres cuja fidelidade pairam dúvidas. Conforme explica, o contraste entre mãe e mulher fácil, prostituta, artista do amor ou tantas outras denominações, existiria apenas na consciência, enquanto no inconsciente estes dois complexos estariam unidos.

Evitaríamos contradições na nossa construção se lançássemos uso de outro conceito psicanalítico que cabe muito bem a paradoxos e permite preservar a construção da agressividade como reforço da resistência. Referimo-nos ao conceito de formação de compromisso, entendido, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2006), como a forma que o reprimido toma para fazer parte daquilo que pode levá-lo ao desafogo (sintoma, sonho e outras produções inconscientes). Nas palavras dos autores: “Forma que o recalcado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente. As representações recalçadas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 198).

Com a apreciação do conceito de formação de compromisso podemos concluir: depreciar, entendido como uma forma de agredir o objeto, devido ao menosprezo ou então à desvalorização do objeto, seria uma formação de compromisso. Consequentemente, a agressão em jogo seria uma das possíveis maneiras em que a formação de compromisso se expressa, o que implica dizermos que embora fosse possível, inicialmente, apontar um paradoxo entre fortalecer as resistências que mantém a repressão e possibilitar gozar com o amor, uma análise mais aprofundada permitiu verificar que a agressividade presente na depreciação é fruto de uma formação reativa, já que esta consiste numa atitude de sentido oposto ao desejo originalmente presente, conforme definição de Laplanche & Pontalis (1982/2006). Sendo assim a formação de compromisso serve como algo que ajuda na manutenção da repressão e ao mesmo tempo permite gozar. Portanto, nossas reflexões construídas até o momento, de que a agressividade pode fortalecer as resistências que protegem a repressão, não sofrem abalos, pois a formação de compromisso na depreciação amorosa serve às duas finalidades.

Conforme a direção de nossos estudos e reflexões é particularmente importante ressaltar a reação agressiva enquanto expressão da resistência (seja à terapia ou ao desejo em si), pois assim acreditamos poder demonstrar que nos primórdios da teoria psicanalítica a agressividade é uma reação eliciada pelo Eu. Por conseguinte, concordamos com a proposição de Zimmerman (2009): “Inicialmente [Freud] achava que as manifestações agressivas tinham um caráter *reativo*, isto é, constituíam uma resposta às frustrações [...]” (p. 23-24, grifo do autor). Por compreender que se trata de uma reação, podemos facilmente destacar o caráter passivo que tange a agressividade neste contexto recortado, posicionando a agressividade enquanto manifestação reativa em favor da defesa e contra ao que foi suscitado pela terapia ou ao desejo.

Parece ser sólido pensar que a agressividade pode ser tomada como manifestação que reforça reações defensivas neste primeiro recorte, em íntima ligação com o Eu, pois nos primórdios da teoria psicanalítica se reconhecia o Eu (consciente e pré-consciente) como polo recalculator, ou seja, como aquele que utiliza as defesas para se livrar do conteúdo representacional repudiado. Por consequência, a agressividade neste recorte é tipificada como não-sexual e ajuda o Eu no manejo do conflito entre os instintos de autoconservação e os instintos sexuais, ora como pura função defensiva, ora como parte componente da formação de compromisso.

1.2 - Os sonhos de morte de pessoas queridas: a agressividade como hostilidade aos rivais e propulsora da satisfação libidinal.

No capítulo V – *O material e as fontes do sonho* – de *A interpretação dos Sonhos*, Freud analisa no item D os *Sonhos típicos*, que incluem os sonhos de nudez, os sonhos de morte de pessoas queridas, os sonhos de exames escolares, etc., dos quais enfocaremos apenas os de morte de pessoas queridas (irmãos, primos e genitores). Seguiremos a posição de Laplanche e Pontalis (1982/2006) apresentada no início do item 1.1 desta dissertação, segundo a qual a agressividade pode ser reconhecida como manifesta em quatro contextos: na resistência, no chiste, na hostilidade inerente a certas patologias e, por fim, nos sonhos de morte de pessoas queridas, tema que enfocaremos nesta seção para correlacionar com a hostilidade e a moralidade na neurose obsessiva.

No referido capítulo de *A interpretação dos sonhos* também se encontram definidas algumas linhas de pensamento que serão posteriormente desenvolvidas em obras subsequentes – especialmente em *Totem e Tabu* (Freud, 1913b/2017) –, como por exemplo uma referente à neurose obsessiva: “em compensação, a neurose obsessiva corresponde a uma supermoralidade imposta como uma carga de reforço ao caráter primário que voltou a se manifestar” (Freud, 1900c/2017, p. 273). Entendemos que esta citação passa, em particular, a mensagem de que o caráter primário é a tendência egoísta da criança que busca de forma implacável a satisfação em detrimento da possibilidade de dividi-la com seus irmãos, possibilitando-nos compreender que a hostilidade que emana do egoísmo é uma das maneiras que a autoconservação toma mediante a ameaça de rivais. Toma-se esta forma para defender os interesses do Eu, para garantir que os instintos de autoconservação venham a ser

satisfeitos⁹. Em outras palavras, embora guardião da tendência a buscar satisfação, presente desde o nascimento, oriundo do princípio de prazer, o egoísmo só pode ser tipificado enquanto tal, mediante a presença de rivais, portanto trata-se de um conceito que não é absoluto, requer relações dinâmicas com agentes externos e assim descreve a maneira como a criança lida com seus rivais no percurso edípico.

Para Freud (1900c/2017) os sonhos típicos em que um primo ou irmão morrem podem obter explicação pela hostilidade cultivada entre os rebentos que posteriormente é apagada ou transvestida de sentimento de ternura, mudança ocorrida através da formação reativa que recai sobre o caráter primário que almeja tomar para si todos os deleites que os pais podem fornecer. Assim, com o objetivo de sustentar seu argumento de que os sonhos são realizações de desejo, Freud (1900c/2017) demonstra que o reprimido não é destruído ao afirmar que “A teoria dos sonhos não exige tanto; ela se contenta em concluir que ele – alguma vez na infância – lhes desejou a morte” (p. 271-272). Pode-se dizer ainda que é por meio desta concepção que será desenvolvida a ideia de que há, na atualidade, um incremento de hostilidade: “Em nenhuma de minhas pacientes, por exemplo, deixei de observar o sonho com a morte de irmãos, que corresponde a uma hostilidade intensificada” (p. 275) que mobiliza materiais psíquicos e faz o paciente sonhar com a morte dos irmãos ou primos.

As vivências durante o período infantil de rivalidade pelo amor dos pais repercutem produzindo os desejos de morte, cujo objetivo é transformar os rivais em algo ausente, em afastá-los para que não retornem (como na metáfora do vovô que se ausentou e ainda não retornou). Pois, o egoísmo infantil se ressentem com as intromissões dos outros, de modo que “[...] o desejo da criança de que seus irmãos morram é explicado pelo seu egoísmo, que leva a compreender seus irmãos como concorrentes [...]” (Freud, 1900c/2017, p. 278). A importância do egoísmo não se encerra apenas nesta situação de rivalidade entre os rebentos, é também verificada no contexto em que se sonha com a morte de um dos genitores, no qual se verifica mais uma vez a rivalidade associada com o egoísmo que almeja a satisfação dos próprios interesses em detrimento aos demais.

No texto é proposto que a rivalidade volta-se, com mais frequência, contra o genitor do mesmo sexo e se expressa fomentando tendências hostis a tudo que impede a consumação dos desejos edípicos da criança. Na citação abaixo, retirada de uma apreciação do ataque histérico de uma paciente de Freud, encontramos uma construção daquilo que será nomeado

⁹ - Cabe clarificar ao leitor que embora neste período estudado, 1897-1914, os instintos do Eu sejam parte contrária aos sexuais no conflito instintual, ainda não é claro o significado do conceito de egoísmo. Este aparecerá com maior clareza quando for diferenciado do narcisismo. Cf. o segundo capítulo desta dissertação.

posteriormente como ambivalência emocional e a existência de tendências repressoras ao caráter primário (de rivalidade com o genitor do mesmo sexo).

No estado de confusão, que compreendo como *sujeição* da segunda instância psíquica pela primeira,¹⁰ normalmente reprimida, a hostilidade inconsciente contra a mãe se tornou motoramente ativa; depois, quando sobreveio o primeiro momento de tranquilidade, a rebelião estava reprimida e o domínio da censura foi restabelecido, ficou aberta a essa hostilidade apenas a região dos sonhos para a realização desse desejo de morte; quando o estado normal se fortaleceu ainda mais, ela criou a preocupação exagerada com a mãe como contrarreação histérica e fenômeno de defesa. Nessa concatenação, não é mais inexplicável por que as jovens histéricas tantas vezes se apegam de maneira tão afetuosa às suas mães (Freud, 1900c/2017, p. 282, *grifo do autor*).

As explanações utilizadas pelo autor no mesmo texto para abordar um caso de neurose obsessiva assombrado por pensamentos de que poderia matar as pessoas que encontrasse, impossibilitando que o paciente saísse à rua, não divergem substancialmente das encontradas na histeria:

A análise – que aliás levou à sua cura – descobriu que o motivo dessa penosa ideia obsessiva eram os impulsos assassinos [*Mordimpulse*] contra seu pai, um tanto severo demais, e que se manifestaram de maneira consciente, para seu espanto, quando tinha sete anos de idade, mas que provinha, é claro, dos primeiros anos da infância. Depois da doença atroz e da morte do pai, surgiu, aos 31 anos, a censura obsessiva que se transferiu a desconhecidos sob a forma daquela fobia (Freud, 1900c/2017, pp. 282-283).

Estes casos não só prenunciam o momento que Freud (1900c/2017) irá dissertar sobre Édipo Rei, mas também esclarecem a proposição de que as inibições verificadas nas neuroses estão ligadas à autocensuras e ao conflito da vontade – referente a fazer ou não fazer. Em particular com ajuda deste último caso, podemos vislumbrar um exemplo da participação da agressividade na composição do sentimento de culpa e também nos conflitos da neurose.

É interessante destacar que se assume a agressividade como efeito do egoísmo, como manutenção do caráter primário – tipo de configuração que é mais proeminente na criança – frente aos rivais, mas os contornos fornecidos às manifestações do egoísmo não detém aceção mesclada com a sexualidade, como será proposto por Freud (1905/2016) no sadismo ou masoquismo. Em verdade a possibilidade de mescla dos instintos sexuais com os não-

¹⁰ As expressões “primeira instância” e “segunda instância” designam, no quadro da primeira concepção freudiana sobre o psiquismo, respectivamente, o Sistema Inconsciente e o Sistema Pré-consciente (Freud, 1900c/2017).

sexuais, que neste recorte estaria nos ditos instintos do Eu, quase não se figura no texto freudiano antes de *A introdução ao Narcisismo*, de 1914. Por enquanto, quando muito, a agressividade abre espaço para a expressão da sexualidade (ou está a serviço da sexualidade) como, por exemplo, na rivalidade entre dois que disputam o mesmo objeto de amor ou no fenômeno da resistência do objeto ao ato sexual que pode ser superada pelo uso da força.

Se a nossa primeira conclusão foi de que a agressividade pode prestar auxílio às funções defensivas, como ocorre na transferência negativa, na formação de compromisso presente na depreciação amorosa e no reforço da resistência, agora podemos indicar que a agressividade servirá ao lado contrário da balança, não mais a serviço da repressão, pois viabiliza a realização do desejo. Em outras palavras, a agressividade prestará serviço ao Eu no afastamento dos rivais, funcionando como uma força auxiliar e propulsora para a concretização do desejo.

A disparidade dessas duas conclusões sobre os papéis exercidos pela agressividade não aponta para uma ausência de coesão na teoria psicanalítica freudiana sobre o tema. Pelo contrário, demonstra que no item anterior analisamos o problema da agressividade num momento em que a repressão dos instintos já está presente (paciente adulto em análise) e o caráter primário está inibido, atuando a agressividade como auxiliar na reação que protege o Eu daquilo que foi reprimido, repelindo tudo aquilo que pode ativar o investimento no processo instintual conflitivo. Esse seria um dos fatores que levaria o paciente a se opor ou então denigrir o analista, por exemplo. Já na atual subseção, a construção girou em torno da rivalidade entre os rebentos e entre estes e os genitores do mesmo sexo, reportando-nos a um período em que o caráter primário ainda não teria sido reprimido ou estaria em vias de ser inibido, num período em que a sexualidade infantil não estava reprimida, daí, portanto, encontrarmos que a agressividade presta serviços diversos e serve para remover obstáculos no caminho da satisfação instintual.

Desta maneira podemos manter a conclusão já levantada: os instintos agressivos estão correlacionados ao Eu e assim jogam conforme os interesses deste. Ou seja, no caso da etapa pré-repressão da sexualidade infantil a agressividade será propulsora da sexualidade, removendo os rivais; e no caso do período pós-repressão e conseqüente inibição do caráter primário, a agressividade prestará ao Eu o serviço de reforço a resistência, afastando as tentações libidinais. Em razão disto, podemos conjecturar que após a repressão emergirá um conflito instintual, pois há um lado que quer ser satisfeito e o lado do Eu, socorrido pelos instintos de autoconservação, que se opõe agressivamente, auxiliado pela resistência contra a tentação libidinal.

Com o que está colocado parece claro que as reações agressivas estão ligadas ao levante do egoísmo que visa proteger o Eu, seja no momento anterior ou posterior da repressão. Mas só poderemos avançar na discussão sobre o egoísmo posteriormente, já que ele se clarifica quando seu complemento, o narcisismo, é introduzido na teoria. Foi por isso que advertimos acima que a discussão teórica terá que ser retomada no segundo capítulo, na segunda seção, 2.2., pois neste lugar, ficará mais claro ao leitor como o egoísmo coincide com a atividade do instinto de apoderamento, que visa garantir a autoconservação e autoafirmação do Eu. E mediante tais compreensões é possível abordar o complexo mecanismo de mescla dos instintos de apoderamento com os sexuais que desembocam na constituição do sadismo e do masoquismo. A importância dessa discussão se justifica pelas funções psíquicas que começam a ser assumidas pelas mesclas entre apoderamento e sexualidade que ajudam a definir os destinos dos investimentos do sujeito, bem como a estruturação que leva à produção do que a psicanálise freudiana entende por sentimento de culpa. Também nos mostra a crescente complexidade da teoria psicanalítica que passa a não só deixar melhor definido o que é o sexual, mas também o não-sexual, haja vista que após a introdução do narcisismo a ênfase de estudo será descolada do reprimido para o repressor, conforme colocação do próprio Freud em *Mal-estar na civilização*.

Por ora, para subsidiar melhor a discussão do capítulo seguinte, convém analisarmos a hostilidade na neurose obsessiva e paranoia, com a finalidade de verificar se outras acepções referentes à agressividade podem emergir nestes quadros clínicos, acepções que podem contrastar com as já levantadas ou então reforçá-las.

1.3 A ambivalência instintual: a proibição, a moralidade, o masoquismo e o sadismo.

No segundo ensaio de *Totem e Tabu*, intitulado *O tabu e ambivalência dos sentimentos*, Freud (1913b/2017) aborda o tabu fazendo alusão à neurose obsessiva. Na comparação proposta pelo autor é possível destacar que o ímpeto atormentador verificado na neurose obsessiva tem sua raiz em tendências ambivalentes – entendida como presença simultânea de sentimentos opostos pelo mesmo objeto – que serão conservadas na patologia, pois ambas as tendências costumam ser satisfeitas, conforme destacado na citação abaixo:

A proibição responde a cada novo avanço da libido reprimida com um novo aguçamento. A mútua inibição dos dois poderes conflitantes produz uma necessidade de descarga, de arrefecimento da tensão dominante, em que podemos reconhecer os motivos das ações obsessivas. *Estas são, na neurose, nítidas ações de compromisso,*

de um lado testemunhos de arrependimento, esforços de expiação etc.; de outro, ações substitutas, que compensam o instinto pelo que foi proibido (Freud, 1913b/2017, p. 59, grifos nossos).

A ambivalência no trecho acima apresentado está recebendo a designação mais específica referente ao impulso – fazer ou não fazer; reprimido e repressor – e acrescenta que o impulso reprimido não seria qualquer um, trata-se de algo com muito valor para o sujeito que teria existido na infância, mas que foi encoberto pela repressão. Na citação a seguir, pode ser apontada a correlação entre repressão (proibição, no caso do tabu) e o impulso de grande valor, conforme grifos: “Mas podemos reconstruir a história do tabu segundo o modelo das proibições obsessivas [...] *Tais proibições recaíram sobre atividades para as quais havia um forte pendor*” (Freud, 1913b/2017, p. 59). Na citação a seguir, o autor faz questão de destacar a “atitude ambivalente”, dando fundamento para a concepção apresentada de neurose obsessiva e clarificando a relação desta patologia com a repressão/proibição.

Mas uma coisa certamente resultou da permanência do tabu: o desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. Eles têm, em relação a tais proibições, uma *atitude ambivalente*; nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente por que querem, e o temor é mais forte do que o desejo. No entanto, o desejo é inconsciente em cada indivíduo desse povo, tal como no neurótico (Freud, 1913b/2017, p. 61, grifo do autor).

A temática da ambivalência emocional nesta análise seria um desdobramento do choque entre impulsos com metas antagonistas, que à luz das hipóteses freudianas do período estariam, por um lado, representados pelos instintos de autoconservação e, pelo outro, pelos sexuais. Este conflito afetivo se encontra bem desenvolvido em muitas passagens do texto, mas no contexto do *Tabu dos soberanos* se torna bem claro o problema da hostilidade presente nos cuidados com esses supostos seres superiores:

Na neurose, em especial na neurose obsessiva, que utilizamos principalmente em nossa comparação, a ocorrência de tal carinho excessivo é bastante comum. Chegamos a compreender muito bem sua origem. Ele sempre surge quando, além do carinho predominante, há uma corrente oposta, mas inconsciente de hostilidade, ou seja, quando se verifica o caso típico de ambivalência emocional. A hostilidade é então abafada por uma intensificação excessiva do carinho, que se manifesta como angustiada solicitude e que se torna obsessiva, pois de outro modo não cumpriria sua tarefa de manter sob repressão a corrente oposta inconsciente (Freud, 1913b/2017, p. 85).

Essa explicitação da correspondência entre a neurose obsessiva e o tabu dos soberanos, deixa particularmente claro que a neurose obsessiva pode ser entendida no conjunto de teses freudianas como uma proteção aos impulsos perversos altamente investidos na psique inconsciente, conforme Mezan (1982a) explicita. A citação abaixo clarifica esta posição dos impulsos perversos inconscientes e coloca uma correspondência de proporção entre a proibição/repressão e as ações ritualista dos obsessivos: “[...] reconhecemos nas prescrições obsessivas de determinados neuróticos as medidas de segurança e autopunições relativas ao intensificado impulso de matar, então voltaremos com outra apreciação à tese exposta acima, de que onde existe uma proibição deve esconder-se um desejo” (Freud, 1913b/2017, p. 115). Por se tratarem de impulsos de grande valor para a satisfação libidinal, a vigilância não pode esmorecer, será necessário construir satisfações substitutas, bem como também vigiar para que as metas que foram reprimidas do instinto não se tornem conscientes, conforme denotado a seguir: “Uma conscienciosidade especial, voltada para as metas desse instinto, é criada durante a sua repressão; porém, esta formação psíquica reativa não se sente segura, mas continuamente ameaçada pelo instinto que espregueira no inconsciente” (Freud, 1907/2016, p. 309).

Estes recortes nos remetem à uma citação que já havíamos anunciado páginas atrás e que agora reproduzimos novamente por estar em consonância com a linha de pensamento desenvolvido, fortalecendo a concepção referente à neurose em questão: “em compensação, a neurose obsessiva corresponde a uma supermoralidade imposta como uma carga de reforço ao caráter primário que voltou a se manifestar” (Freud, 1900c/2017, p. 273). Embora não esteja anunciado por Freud (1913b/2017) no contexto em que retiramos a citação acima, é possível que a hostilidade anunciada seja um dos componentes do sadismo, haja vista que as teorizações referente à neurose obsessiva, conforme destaca Mezan (1982a), sofrem poucas alterações, mas nenhuma tange o princípio anunciado. Por consequência, entendendo a perversão como sendo fruto de impulsos parciais que pouco se integraram ao primado da genitalidade, podemos ver no sadomasoquismo a perversão composta por parcelas de hostilidade. Mais uma vez é necessário pedir paciência e remeter o leitor ao futuro, pois o sadomasoquismo enquanto uma perversão, ou seja, na concepção sexual¹¹ será desenvolvido quando tivermos introduzido o problema do narcisismo e a mescla do instinto de apoderamento com os sexuais, produzindo o masoquismo e o sadismo.

¹¹ -É importante interpolar que as palavras sadismo ou masoquismo são usadas neste trabalho já considerando a mescla entre os instintos do Eu e os sexuais. Para mais esclarecimentos sobre essa terminologia adotada, o leitor pode consultar a introdução, lugar em que apresentamos uma breve problematização, ou a seção 2.2 “O complexo dinamismo entre o instinto de apoderamento, masoquismo, sadismo e a moralidade”.

Não bastasse ter encontrado uma face da neurose obsessiva fixada nos ímpetos masoquistas e sádicos (no polo do reprimido), nos perguntamos sobre a outra face, o polo do repressor que empreende esforços expiatórios. À respeito disso há uma invariável busca por (auto)punição ou penitência como forma de se desprender do suposto crime ou infração praticado. Isto nos lembra algo já anunciado na análise do caso Dora, utilizado por Freud (1901/2016) de forma a contrapor com a situação da paciente que é definida por conter muitos ganhos secundários que mantém seus sintomas: “Mas existem casos com motivos puramente internos, como, por exemplo, a autopunição, ou seja, arrependimento e penitência” (p. 223). Este entendimento nos deixa com uma complexa missão de teoricamente desmontar o par sadismo-masquismo e a consciência moral, que parece agir julgando e punindo de maneira agressiva o infrator (o próprio sujeito).

A análise do sonho de morte de pessoas queridas e do árduo contexto em que a neurose obsessiva é delineada nos possibilita encarar as mais diversas máscaras utilizadas para distorcer a agressividade contida na ambivalência. Coloca-se como um objetivo intermediário nos aprofundarmos mais sobre este contexto psicopatológico e se possível remontá-lo ao desenvolvimento emocional com a finalidade de descortinar o caráter primário para retomar o problema da moralidade e do par sadismo e masquismo.

Na citação a seguir, encontramos que os ímpetos sádicos, quando reprimidos, podem aumentar as tendências masoquistas: “[...] quem sofre das consequências da repressão de impulsos sádicos tem, na inclinação masoquista, outra fonte que lhe aumenta os sintomas” (Freud, 1905/2016, p. 65). Este fenômeno, mediante a interpolação do conceito de identificação, ainda a ser trabalho nesta dissertação, ajudará a explicar porque a inibição das tendências agressivas/sádicas formam certas parcelas da moralidade e a razão destas parcelas deterem características semelhantes ao masquismo. A explicação da repressão destes ímpetos sádicos/agressivos é construída através do conceito de ambivalência, tema relacionado com as fase pré-genitais do desenvolvimento, tais como as fases oral e anal do desenvolvimento, como apontam Laplanche e Pontalis (1982/2008, p. 18): “A ambivalência pode sobretudo ser evidenciada em certas afecções (psicoses, neurose obsessiva) e em certos estados (ciúme, luto). Caracteriza certas fases da evolução libidinal em que coexistem amor e destruição do objeto (fases sádico-oral e sádico-anal)”.

A respeito da organização sádica-erótica-anal vislumbramos uma apresentação sumária em 1913, no texto *A predisposição à neurose obsessiva*, em que Freud (1913a/2017) se atém à gênese de um quadro de neurose obsessiva em uma mulher que teria apresentado, a

princípio, uma histeria de angústia após uma severa renúncia em sua vida conjugal: não poderia ter filhos com seu marido. Esse quadro seria efeito de severas formações reativas aos impulsos eróticos-anais e sádicos, concordando-se com Jones (1913) citado por Freud (1913a/2017), sobre “o papel extraordinário que tem os impulsos de ódio e erotismo anal na sintomatologia da neurose obsessiva” (p. 330). A neurose obsessiva seria efeito da predisposição que o indivíduo carregaria em consequência de seu desenvolvimento sexual. Em alguns casos, “a organização sexual que contém a predisposição à neurose obsessiva se estabelece e jamais é inteiramente superada”; mas no caso considerado por Freud no texto, a hipótese é a de que a predisposição teria sido “primeiro substituída pelo estágio de desenvolvimento mais elevado e, depois, reativada por regressão deste” (Freud, 1913a/2017, p. 331).

Essa organização pré-genital, a anal sádica, também é claramente ligada ao desenvolvimento do Eu. E concomitantemente ao desenvolvimento do Eu, verificar-se-ia uma força instintual ativa que é chamada de “instinto de apoderamento” (Freud, 1913a/2017, p. 332). Essa modalidade de instinto colocar-se-ia à serviço da crueldade originária da criança, com a finalidade de autopreservação e garantia da satisfação, sem se importar pelos danos causados aos objetos. Para Laplanche (1982/2008), a preocupação com os danos causados aos objetos só apareceria depois, com o advento masoquismo. Para tanto é necessário que os impulsos egoístas, o apoderamento, se ligue ao erotismo anal, produzindo como meta ativa o sadismo e enquanto passiva o masoquismo.

Para tentar tornar mais claras as relações complexas sobre o ódio, sadismo, masoquismo, apoderamento e a atividade sexual, deveríamos aqui fazer um retorno cronológico e lançar mão do texto em que a organização anal sádica teria sido introduzida, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. No entanto, conforme nos informa Laplanche e Pontalis (1982/2008), as considerações freudianas sobre essa organização pré-genital passou a figurar entre as organizações oral e fálica apenas a partir da edição de 1915 do texto freudiano sobre a sexualidade. A inserção da organização pré-genital anal sádica no texto de *Três Ensaios* teria sido embasada justamente nas novas constatações referentes à neurose obsessiva. O retorno aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, objetivando esclarecer estas relações complexas sobre o ódio, sadismo, masoquismo, apoderamento e atividade sexual deverá ser suspenso neste presente momento, pois consultando o *vocabulário de Psicanálise* deparamo-nos com um limite para as nossas pretensões neste momento: a revisão dos *Três ensaios* para incluir a organização sádico-anal,

presente nessas novas constatações referentes à neurose obsessiva, só aconteceriam após 1914.

Desta maneira, considerando-se os recortes que orientam nossa exposição, suspenderemos o aprofundamento de nossas análises a respeito do ódio, crueldade originária, apoderamento e sadismo-masiquismo, até que seja possível construir o conceito de narcisismo e assim articular com a problemática dos destinos dos instintos, importante para a continuação de nosso trabalho. Consequentemente, ainda nos resta a problemática da consciência moral: entender a complexa relação estabelecida dessa instância auto-observadora e punidora, com a agressividade.

Entre as possíveis manifestações dessa consciência moral, o sentimento de culpa foi profundamente estudado pela psicanálise freudiana, contudo não é um fenômeno de fácil explicação, especialmente por ter ganhado uma acepção muito ampla, conforme é anunciado por Laplanche e Pontalis (1982/2008). Ademais, esses autores correlacionam o sentimento de culpa com a neurose obsessiva:

Inicialmente, o sentimento de culpa foi descoberto, sobretudo na neurose obsessiva, sob a forma das auto-recriminações, das ideias obsedantes contra as quais o sujeito luta porque elas lhe surgem como repreensíveis, e por fim sob a forma da vergonha ligada às próprias medidas de proteção (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 473).

No texto *Atos obsessivos e práticas religiosas*, Freud (1907/2016) faz comparações entre o rito cerimonial presente nas religiões com os encontrados na neurose obsessiva, e conclui que em ambas situações os rituais servem como maneira de livrar-se do sentimento de culpa. Esse sentimento é apontado como uma angústia expectante que observa os anseios ou movimento internos do sujeito que foram reprimidos, mas que podem ser despertados, levando à uma contrarreação (formação reativa). Em consequência da repressão dos desejos, o sentimento de culpa seria inconsciente e o próprio sujeito nada sabe sobre este, conforme apresentado na citação abaixo:

Pode-se dizer que quem sofre de compulsões e proibições age como se fosse dominado por um sentimento de culpa, do qual nada sabe, porém; de um sentimento de culpa inconsciente, portanto [...] Tal sentimento de culpa tem sua fonte em determinados processos psíquicos da infância, mas é continuamente reavivado na *tentação* que se repete a cada novo ensejo, e, por outro lado, faz surgir uma *angústia expectante* que sempre fica à espreita, uma expectativa de desgraça que, mediante a noção de *castigo*, acha-se ligada à percepção interna da tentação (Freud, 1907/2016, p. 308, *grifos do autor*).

A referida angústia expectante é definida como uma formação psíquica reativa, conforme uma citação já apresentada neste trabalho e que convém repetir: “Uma conscienciosidade especial, voltada para as metas desse instinto, é criada durante a sua repressão; porém, esta formação psíquica reativa não se sente segura, mas continuamente ameaçada pelo instinto que espreita no inconsciente” (Freud, 1907/2016, p. 309). Este conceito, formação reativa, já havia sido introduzido em outros trabalhos, entre os quais damos destaque aos *Três ensaios* de Freud (1905/2016). Ali encontramos que a formação reativa (ocasionalmente expressa como nojo, vergonha, pudor, ternura excessiva) se opõe à força do desejo mediante a construção em torno do ímpeto original de uma ação que contrastaria com a tendência original.

A correspondência entre infância (desejo), repressão, formação reativa e sentimento de culpa é também trabalhada em *Totem e Tabu* (Freud, 1913b/2017), no qual são levantadas questões referentes à religião. Segundo propõe, é a partir da consciência de culpa dos filhos, por assassinarem o pai, que são criados os dois tabus fundamentais do totemismo (não matar o animal totêmico e não manter relações sexuais com membros do mesmo clã totêmico) que coincidem com os desejos reprimidos do complexo edípico. O sentimento de culpa seria efeito dos “[...] impulsos afetuosos até então subjugados” (p. 218) que se impuseram aos filhos parricidas “Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele [...]” (p. 218). A correspondência da culpa com os ímpetos agressivos já havia sido anunciada em outro momento, para explicar a razão da possível supermoralidade encontrada na neurose obsessiva, conforme cita-se abaixo:

Levando em conta que os neuróticos obsessivos têm que desenvolver uma supermoral para defender o seu amor objetal da hostilidade que por trás dele espreita, estaremos inclinados a ver certo grau dessa antecipação do desenvolvimento do Eu como típica da natureza humana, e achar que a aptidão para a gênese da moral baseia-se na circunstância de no desenvolvimento o ódio ser precursor do amor (Freud, 1913b/2017, pp. 335-336).

Esta leitura implica em pensarmos que a moralidade é construída contra as forças da agressividade (ódio) e impedem que estas se tornem manifestas¹². Na situação dos filhos parricidas temos o contexto em que o ímpeto assassino é concretizado, mas a vontade de tomar o lugar do pai malogra por fazer surgir entre os irmãos uma rivalidade que não

¹² - Encontraremos depois de uma década e meia uma posição bem semelhante em *Mal-estar na civilização*, conforme se observa na citação a seguir: “A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada” (Freud, 1930/2017, p. 92).

permitiria um convívio em paz se não fossem criadas restrições; fatalmente, os irmãos proibem reciprocamente as mesmas coisas que o pai outrora já havia proibido e provocado a revolta que culminou no assassinato (Freud, 1913b/2017). Agora, segundo as palavras do autor,

O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da ‘obediência a *posteriori*’, tão conhecida nas psicanálises (Freud, 1913b/2017, p. 219).

Embora não esteja presente nesta obra o conceito de ideal do Eu, todo o contexto da teorização se assemelha muito com o conceito, posteriormente desenvolvido, como veremos. Ademais o sistema totêmico implica numa espécie de contrato com o pai, “em que este concedia tudo o que a fantasia da criança poderia dele esperar, proteção, cuidado, indulgência” (Freud, 1913b/2017, p. 220), como compromisso de honrar o pai e não repetir o ato, agora deslocado ao animal totêmico. O pai enquanto vivo era coercitivo aos filhos, impunha à força suas regras, mas após o crime e arrependimento, o espectro dele passa a vigiar os filhos, conforme destacamos: “A religião totêmica desenvolveu-se a partir da consciência de culpa dos filhos, como tentativa de acalmar esse sentimento e de apaziguar o pai ofendido, mediante a obediência *a posteriori*” (p. 221). Efetivamente, a mitigação dos sentimentos hostis e a impossibilidade de assumir o lugar do pai fizeram reconstruir o pai como um ideal em relação ao qual agora os filhos se subordinam.

Assim, após um longo período pôde se abrandar a irritação contra o pai, que impelira ao ato, o anseio por ele pôde aumentar, e foi possível nascer um ideal que tinha por conteúdo o ilimitado poder do pai primevo, outrora combatido, e a disposição de a ele sujeitar-se (Freud, 1913b/2017, p. 226).

A concepção de ideal e sujeição do indivíduo será posteriormente absorvida pelo conceito de narcisismo, mas podemos lançar um olhar sobre o contexto com elementos teóricos pré-1914 e isto nos ajudará a fundamentar uma possível relação agressiva (masoquista) entre o Eu e o ideal. Isso porque a ascensão do pai assassinado como um ideal pode ser lida como uma fantasia cujo investimento se deu por meio da regressão da libido, precisamente da maneira proposta por Freud (1910/2017), ou seja, por consequência da insatisfação vivenciada na realidade. Reviver o pai é regredir no desenvolvimento da libido e

recorrer à fantasia como maneira de manejar a insatisfação, retornando à um tempo de prazer que permite recobrir o aspecto faltante da realidade (o pai e a subordinação).

A fuga da realidade insatisfatória para aquilo que, por sua nocividade biológica, denominamos doença, embora nunca se dê sem um imediato ganho de prazer para o doente, efetua-se pela via da involução (*regressão*), do retorno a fases anteriores da vida sexual, em que a satisfação não esteve ausente [...] Não de notar que nós, homens, com as elevadas exigências de nossa cultura e sob o peso de nossas repressões internas, vemos a realidade como totalmente insatisfatória e por isso entretemos uma vida de fantasias, em que, produzindo realizações de desejos, adoramos compensar as deficiências da vida real. Nessas fantasias há muito da natureza propriamente constitutiva da personalidade, e também daqueles seus impulsos reprimidos em prol da realidade (Freud, 1910c/2017, pp. 277-278, *grifo do autor*).

Desta forma, por meio da regressão e da fantasia um pedaço de paraíso perdido é mantido. A subordinação à este ideal pode ser devidamente interpretado como sendo uma conservação de um período que na atualidade do sujeito se faz tão necessário. As autocensuras emanadas da consciência moral facilitam os conflitos da vontade, fazer ou não fazer, e as inibições – não fazer. Ficamos com a impressão de que neste contexto a agressividade demonstra outra face que não é apenas a de defesa ou de força intermediária para obter satisfação de um desejo (como no caso da rivalidade); há um ganho com a conservação da fantasia concomitante aos confrontos que a realidade ou demais desejos fazem. Confronto, pois o pai já não mais existe na realidade e o sujeito já haveria experimentado desejos menos regredidos. A pressão dos desejos incestuosos que os filhos tiveram de se proibir para não se assassinem em disputas não cessarão, caso contrário toda a conservação e subordinação à este ideal (pai) não teriam nenhum propósito e não haveria conflito fomentador da regressão. Talvez uma conclusão a ser extraída disto é que a agressividade manifestada na subordinação, em ser humilde e fraco perante ao pai (ideal), é sobretudo do desejo em si¹³ e não uma defesa ou um meio para realização de um desejo.

Ao vislumbrar a teorização acima e reportá-la a outras teorizações de mesmo período, encontraremos uma razão para a proposição do conceito de narcisismo. A regressão que definimos, refere-se ao escoar da libido investida no objeto escolhido (mãe) para um outro que não existe na realidade, apenas dentro do Eu. Se a regressão carregasse traços exclusivos das tendências autoeróticas, a masturbação seria uma atividade que ganharia destaque; aliás, a

¹³ - Podemos indicar ao leitor que a partir do segundo capítulo, subseção 2.2.2 Os entroncamentos do ideal para a composição das fantasias sadomasoquistas, buscaremos esclarecer, através das fantasias sadomasoquistas, que apanhar do pai ou ser humilhado é um substituto deformado dos desejos incestuosos que acham satisfação mediante expiação. Estamos no terreno do narcisismo, pois o caráter agressivo presente no masoquismo seria oriundo dos instintos do Eu que se uniram aos sexuais.

masturbação pode até acontecer, mas não se esgota toda libido em regressão. É destacada uma tendência até então não profundamente explorada em nosso trabalho, a necessidade de manter um ideal que assume características proibitivas e que, de alguma forma promove o estabelecimento de ganhos primários ao Eu, por se sujeitar. A perpetuação desses argumentos abrem espaço para pensar que por medo de terem o mesmo destino do pai, os filhos se proíbem e são forçados a manter a imagem do pai vivo entre eles e dentro de si, o que implica numa erotização de algo intermediário entre o corpo (autoerótico) e objeto (externo). Parece que esta situação, de investir libido nos processos do Eu já era prevista, porém não desenvolvida, pois Freud (1907/2016) anuncia a possibilidade de mescla entre os instintos sexuais e os instintos egoístas:

[...] na base da formação da religião também parece estar a supressão, a *renúncia* a determinados impulsos instintuais; mas estes não são, como na neurose, exclusivamente *componentes sexuais, mas instintos egoístas, socialmente danosos, aos quais não falta geralmente, por outro lado, um aporte sexual*. [...] *Talvez devido aos componentes sexuais mesclados, talvez graças a características sexuais dos instintos, a supressão do instinto se revela insuficiente e inconclusa também na vida religiosa* (pp. 310-311, grifos nossos).

Reconhecemos na relação que será mantida com o pai elevado ao ideal uma atitude masoquista, pois estes se submetem à força e a agressão do pai. Inicialmente, a nossa leitura sobre o relato do assassinato do pai recebe a mesma teorização dos *sonhos da morte de pessoas queridas*, verificando a agressividade como uma força auxiliar para realização do desejo, talvez efeito do instinto de apoderamento que objetiva remover os rivais, no caso o pai. Mas eles se veem nas mesmas conjecturas em que se encontrava o pai, passam a correr o mesmo risco de serem assassinados, e a única saída seria barrar os desejos incestuosos ao fazer valer as regras do pai assassinado. Os impulsos sexuais incestuosos e os de apoderamento (parricidas e potencialmente fraticidas) barrados retornam aos seus respectivos portadores sob a forma do pai feito ideal e assim, se antes o pai os coagiam, agora os rebentos submetem-se a esta figura que foi internalizada. Essa confluência entre as duas classes de instintos e o retorno destes caracterizam uma tendência masoquista que se realiza na expiação. Isto que estamos expondo equivale ao que Laplanche e Pontalis (1982/2008) afirmam ao dizer que a compaixão pelo outro só aparece no período masoquista, período produzido pelo retorno do instinto de apoderamento e conseqüente ligação com os instintos sexuais:

Mas, por outro lado, “... causar danos ao objeto ou aniquilá-lo lhe é indiferente (S.E., XIV, p. 139)”, pois a consideração pelo outro e pelo seu sofrimento só aparecem no retorno masoquista, tempo em que a pulsão de dominação se torna indiscernível da excitação sexual que prova (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 12).

Com o desenvolvimento do conceito do narcisismo, esperamos clarificar o significado do retorno mencionado pelos autores e conseqüentemente como se desenvolve o masoquismo e o sadismo. Não podemos deixar de notar que as construções presentes em *Totem e Tabu* preparam terreno para uma divisão entre duas formas de agressividade: haveria aquela não-sexual, representadas pelo egoísmo e a sexual, oriunda da mescla dos instintos do Eu com os sexuais. A situação seria simples demais se a agressividade sexual fosse apenas explicada pela perversão sadomasoquista, porém não é o caso. Freud (1905/2016) muito bem salientou que a perversão detém elementos presentes na sexualidade normal, o que a faz tão chocante ou repudiável é que a mesma traz à luz impulsos que não puderam ser integrados aos demais, separando-se das demais tendências sexuais e, conseqüentemente, exibindo-se de forma destacada. A conclusão mais genérica que podemos tirar das colocações freudianas é que entre a perversão, a neurose e a normalidade há uma espécie de *continuum* que depende das disposições do sujeito, fixação da libido e da repressão (fator que retroage sobre a fixação, fortalecendo-a). Resumidamente, a agressividade mesclada com a sexualidade assume diversos contornos e nem todos são tão visíveis como na perversão mencionada.

A respeito da agressividade sexual é indispensável articulá-la com o narcisismo e os produtos desse período, como a construção do ideal e a libidinização da agressividade que culmina no masoquismo e no sadismo. Torna-se necessário abordar essa agressividade sexual por meio de uma reflexão teórica que delimite o fenômeno da incorporação e da identificação e revele como estes ajudam a compor o narcisismo e o estranho curso dos instintos que acham satisfação na relação de obediência entre o Eu e o ideal.

CAPÍTULO II

O EU COMO OBJETO DOS INSTINTOS SEXUAIS: A INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO ESCLARECE E REORDENA AS RELAÇÕES ENTRE A AGRESSIVIDADE E A SEXUALIDADE [1914-1920]

No capítulo anterior discutimos alguns aspectos sobre a agressividade até que nos deparamos com a neurose obsessiva e a moralidade. Objetivando compreender os embates entre o ímpeto que almeja satisfação e conseqüentemente salvaguarda dos interesses do Eu, o caráter primário, e a moralidade, tropeçamos em uma seara em que a polarização Eu (sujeito) e objeto foi destituída pela concepção de que o objeto pode estar internalizado e manter relações que subordinam o Eu aos seus ensejos. Desta maneira chegamos a conclusão de que a subordinação ao pai da horda primitiva, agora elevado à figura do ideal, funciona como uma realização de desejo e foi possível assinalar tal situação como masoquista.

As construções realizadas sobre a agressividade até o momento da introdução da problemática da moralidade se resumiam à concepção de egoísmo. Assim, a agressividade era entendida ora enquanto componente das defesas ora enquanto uma força auxiliar – propulsora por ser capaz de afastar os rivais e remover os obstáculos que impossibilitem a realização do desejo – sendo que, segundo apresentamos, o que vai definir o uso da agressividade, se para uma coisa ou outra, é a existência da inibição do caráter primário e a repressão da sexualidade infantil. Pensamos ser possível condensar as acepções da agressividade oriundas do egoísmo com uma metáfora bem simples como a do fiel cão que morde seu dono quando este põe a mão na vasilha de comida enquanto o animal se alimenta. Não há nada de sexual nesta metáfora, o cão não sente prazer em causar dor no dono e este por sua vez não sente prazer em ser mordido. Esta metáfora parece harmonizar-se com a concepção de que “O egoísmo ou ‘interesse do ego’ (*Ichinteresse*) define-se como investimento pelas pulsões do ego” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 140), ou seja, o que se entende por egoísmo do ponto de vista da psicanálise pressupõe o investimento dos instintos do Eu ou de autoconservação, o que significa dizer, ao menos em tese, que não envolveria impulsos sexuais. A reação agressiva oriunda dos interesses do Eu teria a finalidade adaptativa e serviria ao sujeito como maneira de salvaguardar aquilo que é vitalmente necessário, em nosso exemplo, o alimento que se encontra na vasilha.

Essa concepção quase pura do egoísmo, supostamente, dependente do investimento de instintos do Eu apenas, parece difícil de continuar a ser sustentada após a introdução do

conceito de narcisismo. Porque, diferentemente do egoísmo conforme definido, o narcisismo é entendido como “[...] investimento do ego pelas pulsões sexuais” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 140), ou seja, também em tese, uma sexualização dos processos egóicos. Com a complicação introduzida pelo narcisismo no ponto de partida que é o Eu, a agressividade passa a receber formulações diferentes, podendo ser distinguidas em uma agressividade não-sexual (representada pelo egoísmo) e a agressividade sexual (representada no narcisismo através do par complementar sadismo e masoquismo, presente tanto na perversão ou em metas atenuadas, como na neurose e na moralidade).

Conforme explorado, a rivalidade consumada no assassinato do pai primordial culminou na conservação da figura do mesmo enquanto um ideal. Este ganhou poderes que não detinha enquanto vivo e se coloca como uma presença espectral que subordina e domina os filhos. Reconhecemos que nos encontramos em um território dominado pelo narcisismo, pois este domínio tem características sexuais (conforme já discutido na seção anterior) e é realizado por um investimento no Eu pelos instintos sexuais – harmonizando-se com a citação presente no parágrafo anterior.

Em consequência da introdução do narcisismo, ficamos com alguns problemas teóricos para serem resolvidos: a polarização entre o Eu e o objeto fica perdida e isto determina que os destinos para os instintos possam tornar-se mais complexos, incluído a possibilidade de retorno ao próprio Eu daquilo que outrora estava sendo buscado na externalidade. Assim, será necessário, nas páginas que se seguem, entender como as alterações ou derivações dos instintos ocorrem mediante o processo de retorno ao Eu que permite que este se configure como um destino para o investimento libidinal e a partir disso compreender as complexas mesclas estabelecidas entre os instintos sexuais e os instintos do Eu. Este percurso permitirá entender, no presente recorte, as relações entre moralidade, masoquismo e sadismo.

2.1 – Algumas considerações sobre o narcisismo e o ideal nas etapas da formação do Eu

Uma definição simples do que seria narcisismo não resulta em grandes dificuldades, o que se torna delicado neste território é ser capaz de integrá-lo ao conjunto geral, devido às inúmeras possibilidades de compreensão que se abrem. Isto implica em dificuldades no manejo desse conceito, pois nosso objetivo não é levantar uma discussão a esmo, mas ser capaz de definir o narcisismo para articulá-lo com o problema da agressividade e

compreender os desenvolvimentos teóricos do período de 1914-1920 a respeito do masoquismo, sadismo e da moralidade que está correlacionada à estes, conforme anunciado em nossas discussões da subseção 1.3 A ambivalência instintual: *a proibição, a moralidade, o masoquismo e o sadismo*.

A citação abaixo permite-nos definir o narcisismo e também delinear uma visão abrangente sobre o entrelaçamento deste conceito com o ideal e o desenvolvimento do Eu.

Se quiséssemos condensar a tese de Freud e radicalizá-la, ela se sustentaria em três proposições: o narcisismo é um investimento libidinal de si, um *amor de si mesmo* – tese que parece não ter nada de surpreendente –; mas esse investimento libidinal de si mesmo passa necessariamente no homem pelo *investimento libidinal do ego*; e, terceira tese, o investimento libidinal do ego é inseparável da própria *constituição do ego* humano (Laplanche, 1985b, p. 72, grifos do autor).

Entende-se que o narcisismo descrito pela primeira proposição apresentada por Laplanche (1985b) consiste em um investimento libidinal realizado sobre si mesmo. Destaca-se que este amor de si é consequência do Eu se interpor como um objeto, atrair investimento libidinal para as representações nele presentes, ou seja, erotizar-se à luz de uma imago ideal que teria sido forjada à luz do objeto que nutre e cuida – conforme comentado por Bleichmar (1983). Desta maneira a concepção de narcisismo que estamos discutindo não implicaria em ausência de relações¹⁴, pois para que todo esse processo ocorra é mister que haja alguma imago dentro do Eu e esta só pode ser assimilada desde fora. Caso contrário teríamos de pensar que o Eu já comporta objetos desde sempre, o que ao nosso ver não é uma afirmação passível de ser sustentada.

Levando esse raciocínio mais adiante, concordaríamos com Laplanche (1985b) que não somente a sexualidade, mas também o Eu, seria efeito do apoio nas funções vitais (prazer de função) e assim num momento muito precoce, o desenvolvimento do Eu é semelhante, senão equivalente ao da sexualidade. Isto permite pensar que uma parcela do Eu é também um objeto sexual, fundado em apoio nos instintos de autoconservação. Estas conclusões pontuadas por Laplanche (1985b) não se encontram fora da proposição de Freud (1905/2016) que descreve a sexualidade infantil por meio de três características, a saber: está apoiada em funções vitais até que se despregam destas, é autoerótica e é composta por instintos parciais.

¹⁴ - Pensamos que mesmo no ápice do narcisismo, quando a criança detém dentro de si a perfeição e é capaz de se auto amar (em complacência com o autoerotismo), não é possível concebê-lo num estágio de ausência de relações – conforme o modelo do ovo que detém o alimento dentro da casca, exposto por Freud (1911/2017) em alusão a capacidade de se satisfazer autisticamente –, pois além da sexualidade, existem as necessidades autoconservativas que não podem ser satisfeitas sem algum objeto externo.

Dentre essas características destacamos a de apoio, pois seria mediante um processo vicariante com os instintos de autoconservação que os instintos sexuais passam a se compor, e nestes primórdios do desenvolvimento não é clara a separação entre ambos. Por isso Freud (1914/2013) não considera o narcisismo exclusivamente como uma perversão, “mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação” (p.15), remetendo-nos a essa não clara separação entre as duas tendências.

Dito de outra forma, o narcisismo interpõe o Eu como um órgão ou então uma especialização do organismo cujo investimento não só seria produtor de prazer, bem como preservaria a vida, pois o narcisismo tenta agregar ou sintetizar sob uma organização, todo o material e energia disponível no aparelho psíquico mediante a captação dos afluentes somáticos e dos investimentos feitos sobre os objetos. Consequentemente isto esclareceria a tese abaixo que se refere à inexistência do Eu enquanto unidade nos primórdios e propõe que uma nova ação deva emergir para que o Eu se torne investido.

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, *uma nova ação psíquica*, para que se forme o narcisismo (Freud, 1914/2013, pp. 18-19, grifo nosso).

Esta nova ação psíquica leva a constituição do narcisismo primário¹⁵, momento em que o Eu se vê como portador da absoluta perfeição e se ama, pois concentra em si tudo aquilo que já foi reconhecido como prazeroso. Os processos produtores dessa configuração não podem ser outros senão os da introjeção e da projeção, porque “Ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fonte de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expõe de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer” (Freud, 1915/2013, pp. 74-75). As primeiras externalidades introjetadas seriam aquelas capazes de suprir os ímpetus desprazerosos que se somam constantemente e ascendem do reino autoconservativo, razão pela qual convém afirmar o seguinte: “O narcisismo primário, como realidade psíquica, só pode ser o mito primário do retorno ao seio materno, cenário que Freud situa às vezes explicitamente entre as grandes fantasias originárias” (Laplanche, 1985b, p. 76).

¹⁵ - Como uma possível maneira de entender este conceito nos valem da posição de Laplanche (1985b) e de Bleichmar (1983) produzida mediante resgate do conceito de Eu na obra de Freud. Estes propõem que o narcisismo primário não é um estado anobjetal, destacam que ele constitui-se por uma relação narcísica que da origem ao Eu enquanto uma estrutura.

Esta ascensão do Eu enquanto um possível objeto apoiar-se-ia no seio materno, numa mescla entre sexual e autoconservativo que pouco permite diferenciar ambos. É possível inferir esse apoio da sexualidade nos instintos de autoconservação a partir das palavras de Freud, conforme abaixo:

Como vimos, o objeto é levado ao Eu, desde o mundo exterior, primeiramente pelos instintos de autoconservação, e não pode descartar que também o sentindo original do ódio designe a relação para com o mundo exterior alheio e portador de estímulos (Freud, 1915/2013, pp. 75-76).

A teorização do apoio, segundo Freud (1914/2013), lança bases para a escolha do objeto. Este último por sua vez, evidencia o caráter de apoio, pois o que é tomado como objeto sexual é a mãe ou o cuidador, portanto ama-se aquele que produz a satisfação das necessidades vitais, como se encontra na citação abaixo:

Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui (Freud, 1914/2013, p. 32).

É necessário evidenciar que entre a fundação do autoerotismo, entendido como prazer parcial produzido pela estimulação das zonas erógenas, e o amor objetal, há uma espécie de intermediário, que seria o narcisismo. Embora o autoerotismo e o narcisismo possam levar à mesma concepção, da libido satisfeita em si mesmo, podemos estabelecer uma clara distinção teórica, se nos valermos do que já trabalhamos nas páginas anteriores, pois sabemos que uma nova ação psíquica deve advir para adentrarmos no narcisismo. É como se o narcisismo, enquanto uma organização, fosse algo a mais do que o autoerótico, uma espécie de confluência de todos interesses sexuais para um objeto (o Eu), enquanto seu antecessor fosse a ausência de organização. Se pensarmos que tanto no autoerotismo como no narcisismo o impulso é satisfeito no próprio sujeito, veremos que ambos têm fortes semelhanças, mas ainda há uma diferença que os separa: no caso do narcisismo o ímpeto sexual é investido no Eu e assim acaba por sexualizar os processos do Eu, disto podemos dizer que o autoerotismo é fundamental para a ocorrência do narcisismo, mas que o narcisismo, por organizar as relações do sujeito com os componentes intrapsíquicos e intersubjetivos, poderia ser compreendido como uma estrutura, enquanto o autoerotismo não daria organização suficiente para receber a mesma nomenclatura.

Este momento de apoio da sexualidade autoerótica nas funções autoconservativas, segundo a nossa leitura, prepararia o terreno para a fundação do narcisismo. Isto nos remete à breve discussão que Green (1988a) faz no prefácio da obra *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*, na qual ao discutir a resistência, tema que não nos é primário, propõe uma definição de narcisismo que complementa o que estamos desenvolvendo neste trabalho. Segundo o autor o narcisismo é o cimento que aglutina os componentes do Eu, dando-lhe forma, seguem as palavras do autor:

Uma das principais razões desta oposição tenaz [entre a resposta passiva dos objetos do mundo físico quando submetidos ao exame e a resistência ativa dos objetos humanos], quando a análise recai sobre o Eu, é o narcisismo. O cimento que mantém a unidade constituída do Eu reuniu seus componentes para adquirir uma identidade formal tão preciosa ao sentimento de sua existência quanto o sentido pelo qual ele se apreender como ser (Green, 1988a, p. 9).

Desta maneira podemos sustentar o argumento de que o narcisismo reflete a unificação das tendências autoeróticas sobre uma estrutura que se reconhece. É possível ainda propor uma metáfora: se o narcisismo é o cimento, conceberemos os tijolos como as tendências autoeróticas e as representações até então inscritas no Eu. Se olharmos este edifício através de uma secção meridiana, teremos que toda a base deste, o solo em que as demais peças se apoiam, remete às tendências autoconservativas e o objeto externo que fornece alimento e cuidados. Ademais, podemos dizer que as tendências autoconservativas colocam o sujeito em relação com os objetos, haja vista a insuficiência do infante que requer cuidados, e disso podemos derivar que os tijolos do Eu prestes à serem assentados com o cimento do narcisismo são marcados por representações que suprem a insuficiência. Consequentemente, isto levaria o Eu a tomar a si mesmo como um ideal, admirando a própria perfeição, se amando, pois detém em si tudo aquilo que admira. Este narcisismo, segundo a revisão que desenvolvemos, não pode ser existente desde as origens e sim preparado. Sendo assim, concordamos com Laplanche (1985b) no que tange esta questão e destacamos por grifos aquilo que complementa a colocação anterior de Green (1988a):

O autoerotismo era descrito como o momento em que surgia a sexualidade humana como tal, constitutivo, nesse sentido, do campo que a psicanálise explora. Isto significa que, por sua vez, *o narcisismo que vem unificar o funcionamento autoerótico e lhe “dar forma”, embora tido como “primário”, apareça como que preparado por um processo já complexo* (pp. 77-78, grifos nossos).

Parece plausível sustentar o argumento de que há uma reciprocidade entre o desenvolvimento sexual do Eu (rumo ao narcisismo) e as tendências autoconservativas, pois no território da oralidade, a meta sexual (a incorporação) lança as sementes do que posteriormente se tornarão identificações, conforme Freud (1905/2016) expõe:

Nela a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão diferenciadas em seu interior. O objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como identificação, um papel psíquico relevante (p. 108).

A base da identificação se encontra, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008), numa das significações possíveis ao conceito de incorporação que é a de assimilar as particularidades e qualidades do objeto e mantê-lo dentro de si. No entanto, tal processo não seria depurado das tendências agressivas, fenômeno que se encontra correlacionado à dois fatores: a crueldade originária ou instinto de apoderamento e a finalidade sexual da atividade oral que é “obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 239). Estas colocações nos deixam com uma impressão que deverá ser confirmada ou refutada posteriormente: obter prazer por fazer o objeto penetrar em si assemelha-se muito com o masoquismo, que objetiva obter prazer pela dor, doando-se ao objeto, fornecendo o próprio corpo para ser usado pelo objeto? Em complemento à questão devemos considerar se no caso do masoquismo o objeto a ser introjetado é idealizado, fator que de certa maneira pode nos ajudar a elucidar o problema econômico do masoquismo.

Ocorre também que neste período do desenvolvimento a distinção entre os instintos de autoconservação e a sexualidade ainda não é claramente observável e pode culminar na destruição do objeto através de uma conduta fantasiosa ou real. Neste conjunto, o instinto de apoderamento ganha destaque, pois o mesmo existe em sua forma pura – a crueldade originária – e assim representa os ímpetus dos instintos de autoconservação, conforme foi possível destacar e discutir no capítulo anterior; mas também é verificado neste recorte teórico de 1914-1920 de maneira mesclada, tingindo a sexualidade com o caráter violento encontrado no complexo dinamismo do sadismo-masoquismo, conforme interpretamos da proposição de Laplanche e Pontalis (1982/2008): “Neste quadro teórico, a explicação de comportamentos ou sentimentos tão manifestamente agressivos como o sadismo ou o ódio, por exemplo, é procurada num mecanismo complexo dos dois grandes tipos de pulsões [as de autoconservação e as sexuais]” (p. 12). Eis uma situação que requer uma investigação mais

apropriada, particularmente para cobrir a problemática da moralidade que começamos a vislumbrar quando cogitada a possibilidade de se tratar de um fenômeno masoquista.

Sabemos que o masoquismo é um fenômeno sexual por excelência, e mediante o que temos construído, a sexualidade, seja despedaçada nos instintos parciais ou integrada sobre o primado dos genitais, só pode ocorrer mediante apoio na satisfação dos instintos de autoconservação. Destas satisfações, paulatinamente chega-se ao narcisismo, que em certa maneira carrega forte semelhança com o masoquismo, pois toma o próprio Eu como objeto. Convém perguntarmos e discutirmos quando possível, se as semelhanças entre masoquismo e narcisismo são aparências ou se detém reciprocidades que até então não abordamos. Na seção seguinte teremos a oportunidade de estudar o masoquismo e ali abordaremos as relações que poderíamos considerar entre estes dois conceitos.

O narcisismo, entendido como investimento dos instintos sexuais no Eu, pode representar o retorno ao sujeito dos instintos de autoconservação, dotando-o de máxima perfeição, pois tem em seu centro as representações dos objetos que são capazes de satisfazer as necessidades autoconservativas. O Eu, vislumbrado pela sua perfeição, deve se amar como um ideal, e este estado de perfeição será conservado posteriormente no ideal do Eu, conforme indicado abaixo:

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante o seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1914/2013, p. 40).

Pensamos que se o ideal é oriundo da reunião das múltiplas partes referentes aos instintos parciais sobre uma forma, teremos que o ideal também é oriundo dos instintos de autoconservação e dos sexuais derivados destes, sendo, portanto, algo sexualizado. Isto é importante de conjecturarmos, pois se por um lado o ideal é o cerne do narcisismo, teremos consequentemente que ele tem em seu bojo os objetos que nutriam e cuidaram do sujeito até então. Por um lado o vir a se tornar os cuidadores, identificando-se com eles, é uma maneira de obter renovadamente a perfeição que o Eu um dia gozou. Se estivermos corretos, nossos argumentos tornariam elucidado a aproximação entre masoquismo e o ideal. Portanto,

teríamos que o ideal é composto pelos instintos sexuais que se encontram presentes no sujeito e também pelos processos de retorno dos instintos de autoconservação.

Havíamos levantando, logo no início do capítulo, conjecturas que nos permitiram pensar na agressividade enquanto um fenômeno do egoísmo, como manifestação que defende os interesses do Eu. Embora esteja mais clara a relação entre a agressividade oriunda do egoísmo e o instinto de apoderamento, como principal propulsor do egoísmo, ainda não conseguimos encerrar a discussão pois descobrimos, por meio das discussões realizadas nesta seção, que o instinto de apoderamento ajuda a compor o sadismo e o masoquismo. Esta conjectura foi viabilizada pela elucidação do conceito de narcisismo que permite estabelecer o Eu como objeto de relação aos demais elementos internos. Faltam muitos elementos a serem clareados, pois mal tangenciamos uma elucidação a respeito do instinto de apoderamento e nos deparamos com o complexo apoio da sexualidade nas funções autoconservativas e a possibilidade de mescla do referido instinto com os sexuais, culminando na tessitura do sadismo e masoquismo para este período psicanalítico estudado. Ao sermos capazes de entender estas relações, a moralidade que delineamos no final do primeiro capítulo desta dissertação, como um fenômeno com traços masoquista, obterá uma explicação mais satisfatória.

2.2 O complexo dinamismo entre o instinto de apoderamento, masoquismo, sadismo e a moralidade

A quantidade de temas em discussão nesta seção, bem como a complexidade dos mesmos, que parece exigir um grau considerável de atenção para a leitura, levou-nos a organizar a exposição em três subseções: a primeira trata da problemática do instinto de apoderamento e do retorno contra a própria pessoa; a segunda desenvolve discussões sobre o ideal na formulação das fantasias sadomasoquistas; a terceira por fim, apresenta uma discussão sobre o masoquismo, sadismo e a moralidade.

2.2.1 – O instinto de apoderamento e o seu retorno contra a própria pessoa

O instinto de apoderamento, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008), é visto por Freud como “pulsão dirigida desde o início para o exterior e que constitui o único elemento presente na crueldade originária da criança” (p. 399). Esta leitura implica na compreensão de que desde os primórdios, talvez até antes do narcisismo, esse ímpeto é direcionado como uma

tendência que busca algo no exterior e é relativamente autônomo em relação às tendências sexuais, conforme se verifica no texto de Freud:

Entretanto, temos de admitir que também a vida sexual infantil, com todo o predomínio das zonas erógenas, mostra componentes para os quais outras pessoas, desde o início, entram em consideração como objetos sexuais. *Dessa espécie são os instintos de voyeurismo e exibicionismo e de crueldade, que surgem com certa independência das zonas erógenas* e apenas mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital,¹⁶ *mas já na infância se fazem notar como tendências autônomas, inicialmente distintas da atividade sexual erógena* (Freud, 1905/2016, p. 99, grifos nossos).

Qualificamos o instinto de apoderamento como uma força que busca na externalidade algum objeto devido às próprias características que os instintos recebem na obra freudiana. Eles são tipificados como atividade, conforme é pontuado por Freud (1915/2013): “O caráter impulsivo é característica geral dos instintos, é mesmo a essência deles. Todo instinto é uma porção de atividade; quando se fala, desleixadamente, de instintos passivos, não se quer dizer outra coisa senão instintos com meta passiva” (p. 57). Se falássemos de passividade no que tange a meta deste instinto, teríamos realizado uma derivação do mesmo que incluiria o retorno à própria pessoa e teria semelhanças com os fenômenos do narcisismo, autoerotismo, masoquismo, por se tratar de um instinto que obtém satisfação tomando o Eu como objeto. Laplanche (1985a) apresentou uma argumentação interessante sobre esta problemática ao aproximar *Instintos e seus Destinos* com *O problema econômico do masoquismo*. Esse autor destaca que a atividade agressiva é primária, e o instinto de apoderamento, por se tratar de uma parte dos instintos do Eu, já estaria presente desde o início da vida, sendo a partir do encontro com o objeto que ocorreria o apoio fundante da sexualidade, cujo primeiro tempo seria passiva¹⁷, autoerótica e masoquista.

Esta primeira agressividade, segundo Freud (1905/2016), tem seu suporte na musculatura e o domínio do objeto não tem o objetivo de fazer o outro sofrer, mas sim precaver que o egoísmo obtenha a satisfação requerida. Em outras palavras, a conduta

¹⁶ - Nota do tradutor: “Vida sexual” nas edições de 1905 e 1910.

¹⁷ - Na discussão de Laplanche (1985a) a agressividade é associada às tendências não-sexuais e sadismo e masoquismo àquelas em que a mescla entre agressividade e libido já havia se efetuado. Segundo o autor, esta seria uma possível forma de revisar os textos freudianos de 1915 e 1924, pois parece que Freud utiliza sadismo e masoquismo em muitos momentos sem a conotação sexual e as vezes em que quer dar claro destaque ao sexual, “é obrigado a atribuir a esses termos uma espécie de complemento explicativo ou de determinativo que os distinga: fala de ‘sadismo propriamente dito’ ou de ‘masoquismo propriamente dito’” (Laplanche, 1985a, p. 91). O que justificaria a ocorrência deste desvio conceitual seria o deslizamento que opera na gênese do instinto sexual, gerado pelo apoio da sexualidade nas funções vitais. Ademais, também propõe que certas dificuldades na compreensão do sadismo e do masoquismo advém do fato de a teoria do apoio ser colocada em segundo plano ou até mesmo “recalcada”.

agressiva para com o objeto advém da relação odiosa estabelecida entre o Eu e o mundo externo, pois este impõe-lhe estímulos e o sobrecarrega, produzindo desprazer. Mas, por outro lado, é o desprazer a condição para o prazer, desde que a sobrecarga seja dissipada. Conseqüentemente o ódio e a agressividade partem do modelo proposto pelo Eu e em sua busca por se manter vivo, conforme pode ser verificado nas citações abaixo.

Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do Eu narcísico. Como expressão da reação de desprazer provocada por objetos, sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma oposição que repete a de ódio e amor (Freud, 1915/2013, p.79).

Ademais, Freud liga diretamente o ódio com o Eu e sua luta pela autoconservação. O ódio, conforme se depreende dos textos freudianos, seria uma produção afetiva ligada ao desprazer, enquanto a agressividade ou ímpeto em dominar e agredir seriam manifestações comportamentais que dariam inteligibilidade aos afetos odiosos.

O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação. Pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação (Freud, 1915/2013, p. 78).

Emparelhando os conceitos, chegamos a descrição de que a atividade dos instintos de autoconservação tocam os objetos e fundariam a sexualidade por meio do retorno ao sujeito. Entendemos este destino instintual como “um processo pelo qual a pulsão substitui, pela própria pessoa, um objeto independente” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 464). Esta leitura conceitual será motor na proposta por Laplanche (1985b) de aproximar os dois textos (*Os instintos e seus destinos* e *O problema econômico do masoquismo*) separados pela virada de 20, leitura esta que, a nosso ver, não parece romper com a conceitualização freudiana. Acrescentamos, mediados pelo pensamento apresentado por Laplanche (1985a, 1985b), que o nascimento da sexualidade nesta descrição culmina no modelo autoerótico. Posteriormente, quando ocorrer o agrupamento das tendências autoeróticas dispersas, teria lugar o narcisismo primário. A partir daí, o amor seria derivado da capacidade do Eu se satisfazer pela via autoerótica, e o ódio da reação do Eu ao mundo externo que lhe dispensa estímulos, conforme demonstramos nas duas citações anteriores de Freud (1915/2013).

Levando adiante as nossas descrições realizadas até aqui, parece possível pensar o amor emparelhado com a fantasia¹⁸ como um processo autoerótico, pois o sujeito se dota de toda perfeição que poderia ter e se ama por isto. Assim a fantasia torna-se um caminho privilegiado para a realização da sexualidade autoerótica.

Especificamente, nesse contexto a fantasia será marcada pelo desejo de ser o outro, ser o objeto amado, ser sua imagem e semelhança, enfim... a fantasia detém características que foram moldadas pelo apoio da sexualidade nas funções vitais e possibilita o que já anunciamos anteriores: retornar ao seio, voltar a ser um, voltar ao estado indiferenciado. Este estado nos remete à citação abaixo, em que o retorno da libido investida no objeto ao Eu lhe preencherá de plenitude.

O retorno da libido objetal ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente e, por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra (Freud, 1914/2013, p. 47-48).

Porém devemos reconhecer uma ambivalência neste processo, pois a primeira relação do Eu se estabelece a partir do ódio e da agressividade que posteriormente se mesclam ao instinto sexual nascente, o que justifica a seguinte citação freudiana: “Conforme alguns autores, essa agressividade mesclada aos instintos sexuais é um vestígio de apetites canibalescos, ou seja, uma contribuição do aparelho de apoderamento que serve à satisfação da outra necessidade, ontogeneticamente mais antiga” (Freud, 1905/2016, pp. 54-55). Se Freud (1905/2016) concorda com os autores a que se refere, teríamos a possibilidade de dizer que a ambivalência afetiva será, neste recorte levantado, uma ambivalência primitiva por ser efeito do instinto dos instintos do Eu que se levantam desde os primórdios da existência desta instância para defender seus próprios interesses e, para tanto, o objeto deverá se submeter ao instinto de apoderamento. Nesse sentido, a concepção que encontramos no texto de 1905 parece considerar a ambivalência tão primitiva quanto a concepção apresentada por Freud em *O Eu e o Id*¹⁹, de 1923. Não cabe discutir a questão, mas não podemos deixar de anunciar a semelhança entre as duas construções teóricas, ainda que separadas por quase duas décadas,

¹⁸ - Entendemos a fantasia na acepção de Laplanche e Pontalis (1982/2008), como um roteiro imaginário que representa um desejo que pode estar distorcido e também inconsciente.

¹⁹ - Evitando destoar dos nossos objetivos, citamos aqui a colocação de Freud em *O Eu e Id* a respeito do caráter primitivo da ambivalência: “Surge também a questão de a *ambivalência* ordinária, que com frequência é fortalecida na disposição constitucional à neurose, poder ser apreendida como resultado de uma disjunção; mas ela é tão primordial que deve ser antes uma mescla instintual não consumada” (Freud, 1923/2017, p. 52).

pois ambas sugerem que a ambivalência é efeito da não total compactuação dos instintos não-sexuais com os sexuais e destacam que os instintos representados pelo ódio chegam ao objeto antes daqueles que representam o amor. Complementamos que o ódio parece ser presente ainda nos estágios preliminares do amor:

A história da origem e das relações do amor nos torna mais compreensível o fato de tão frequentemente ele aparecer como “ambivalente”, isto é, em companhia de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. O ódio mesclado ao amor procede em parte dos estágios preliminares do amor, não superados inteiramente, e de outra parte se fundamenta nas reações de rejeição dos instintos do Eu, que nos frequentes conflitos entre interesses do Eu e do amor podem invocar motivos reais e atuais (Freud, 1915/2013, p. 80).

Em concordância com a interpretação de Laplanche (1985b), entendemos que ocorrerá o retorno das tendências autoconservativas e, mesmo que de modo parcial, do ódio. A sexualidade e a fantasia que estão emparelhadas passam a receber os germes formadores das tendências masoquistas e sádicas, pois o retorno parcial do ódio implica em junção do instinto de apoderamento com os sexuais. Neste contexto e em concordância com Laplanche (1985a), caberia, interpor a possibilidade do masoquismo ser anterior ao sadismo, pois assim como a sexualidade autoerógena, o sujeito se coloca como objeto dos instintos.

Dar destaque ao masoquismo na composição da sexualidade infantil nos conduz a continuar a problematização a respeito da moralidade, não somente pelas semelhanças que já haviam sido denunciadas no capítulo anterior, mas porque enquanto destinos dos impulsos, ambos (masoquismo e moralidade) são satisfeitos colocando o sujeito em posição reflexa, ou seja, em si mesmo. Objetivando elucidar melhor as relações entre a moralidade, masoquismo e sadismo, será necessário continuar a discussão entre o conceito de ideal do Eu para então nos apropriarmos um pouco mais sobre a dinâmica entre a moralidade, sadismo e masoquismo.

2.2.2 – Os entroncamentos do ideal para a composição das fantasias sadomasoquistas

Para continuar a desenvolver a temática será necessário interpolar com a problemática do ideal que havíamos anunciado na seção anterior, pois este primeiro período de fundação da sexualidade, tomado como autoerótico conforme fundamentamos, é o período em que o Eu introjeta o objeto e assim se torna o próprio ideal. Será necessário que ocorra alguma

frustração à essa perfeição²⁰ e o Eu comece a não apenas sentir a dependência que detém de seus objetos externos de amor, mas que também está muito longe de ser o ideal como havia acreditado anteriormente. Até este momento a satisfação libidinal fazia coincidir autoerotismo e narcisismo: a libido é satisfeita tomando o corpo como objeto, efeito da identificação do Eu com os objetos provedores das necessidades, mas este modelo de relação para consigo não pode se manter, será necessário buscar um objeto no mundo externo para a satisfação.

A escolha de objeto que se põe como opção e faz deslocar no outro o ideal perdido que agora pode ser novamente alcançado, consta entre as descrições oferecidas por Freud (1914/2013) sobre os tipos de escolha de objeto, a saber: a pessoa escolheria o que gostaria de ser, mas implicitamente também o que ela foi, caracterizando o tipo de escolha de objeto narcísico. Desta maneira ocorre que: “Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo da escolha narcísica de objeto, aquilo que já foi e que perdeu, ou que possui os méritos que jamais teve” (p. 48). Por fim, cabe reproduzir os tipos de escolha narcísica conforme é proposto pelo autor: “a) o que ela mesmo é (a si mesma), b) o que ela mesma foi, c) o que ela mesma gostaria de ser, d) a pessoa que foi parte dela” (Freud, 1914/2013, p. 36).

O que estamos descrevendo se assemelha muito com o jogo de espelhos que Laplanche (1985b) considera como operante num duplo deslocamento presente na escolha de objeto narcísica na homossexualidade:

[...] o homossexual se coloca no lugar da mãe, e seu “objeto” no lugar da criança que ele foi um dia. Se acrescentarmos que não há aí posições estáveis, mas, ao contrário, um movimento oscilatório que, à menor vibração do espelho, provoca intercâmbio das posições, concluímos que os modelos aplicáveis ao narcisismo com a complexidade das trocas que eles devem permitir, não tem nada da forma fechada e auto-suficiente do “ovo” (p. 80).

Neste intercâmbio de posições entre mãe que cuida e criança desamparada talvez pudéssemos efetuar duas trocas de termos para auxiliar em nossa discussão: substituir o termo “mãe” pelo termo “ideal” e o “criança” pelo “Eu”. Portanto, o jogo de espelhos comportaria o ideal que cuida e o Eu desamparado; com as substituições dos termos tornar-se-ia mais compreensível a dependência do Eu para com o seu ideal, o que permite compreender também a busca constante do Eu em ser amado pelo ideal.

Parece ser lícito supor que qualquer coisa, seja uma pessoa, objeto ou impulso que ameace a relação de plenitude do Eu com o ideal será perseguido com ímpetos destrutivos,

²⁰ -Talvez os próprios instintos de autoconservação sejam encarregados disso, pois eles não podem se auto satisfazer, sempre requerem objetos provindos do mundo externo.

pois não só o ideal representa um investimento narcísico, portanto, sexual, como também autoconservativo – conforme a fantasia de retorno ao seio materno, apresentada na caracterização do narcisismo primário, acima. Por isso parece também ser cabível pensar que um invasor ou um terceiro nessa relação receberá toda a hostilidade do infante em estado de plenitude, que visaria a punição de seu rival. Este uso da agressividade contra os rivais, não fugiria do escopo da nossa discussão realizada na seção 1.2 do capítulo anterior, dedicada à discussão dos sonhos de morte de pessoas queridas, podendo ser tipificada como uma defesa forjada para manejo de um conflito com algo do mundo externo. Desta maneira a citação abaixo, constante de nota adicionada em 1919 por Freud (1900c/2017), parece retratar bem o que estamos fundamentando: “Para o ilimitado amor-próprio (narcisismo) da criança, qualquer perturbação é um *crimen laesae majestatis* e, tal como a legislação draconiana, o sentimento da criança estabelece para todos esses delitos a única pena que não admite gradações” (p. 277).

Esta hostilidade, embrenhada pelo narcisismo e pelo egoísmo, segundo pensamos, corresponderia ao primeiro período da fantasia sádica-masquista de “Batem numa criança” de Freud (1919/2017), pois supõe-se uma mescla com egoísmo, representada pela fantasia de que a criança espancada é uma que o fantasiador odeia. Nas palavras do autor: “Eis, portanto, o teor e o significado da fantasia de surra na primeira fase. A fantasia, evidentemente, satisfaz o ciúmes da criança e depende da sua vida amorosa, mas é também vigorosamente apoiada por seus interesses egoístas” (p. 305). Esta fantasia seria parte da primeira infância e ainda sofreria duas distorções: a 1ª distorção, ou se preferirmos o 2º tempo da fantasia, mantém-se inconsciente e o seu significado, bem como o seu conteúdo (o pai bate na criança, não mais no rival), só pode ser construído mediante a análise. Seu caráter inconsciente é justificado pelo recalçamento sofrido pela fantasia identificada como incestuosa e, concomitantemente, surge um derivado do inconsciente: ser agredido é equivalente a ser punido por desejos proibidos e ao mesmo tempo representam a satisfação do amor incestuoso. Já a 2ª distorção, ou 3º tempo da fantasia, é bem genérico, conscientemente anunciado pelo paciente que reporta uma lembrança pouco clara em que algumas crianças apanham e pouco se sabe, a princípio, sobre estas crianças ou quem as agride.

Entender a passagem do primeiro tempo para o segundo nos é de extrema importância, pois salta-se de um período entremeado entre egoísmo e sexualidade (que retroage sobre o egoísmo e faz ocorrer o desejo do rival ser espancado pelo pai), para uma atitude masquista (puramente sexual) em relação ao pai que espanca. Esta passagem parece clarificar a relação do desenvolvimento da moralidade e as suas relações com a repressão e com o masoquismo.

Mas antes de seguirmos na exposição, é necessário retomar uma discussão terminológica que temos levantado: parece-nos ser plausível sustentar que a sexualidade referida no primeiro momento da fantasia é apenas referente ao amor que a criança nutriria à figura incestuosa, e a agressividade de esperar que o rival seja agredido não estaria relacionada à alguma suposta presença das tendências sádicas que gozam com a violência. A citação a seguir elucida o que estamos defendendo.

Permanece então duvidoso que se possa designá-la como puramente “sexual”; mas tampouco nos arriscamos a chamá-la de “sádica”. Sabemos que aproximando-se da origem, costumam desaparecer todas as características sobre as quais habitualmente construímos as nossas diferenças. Então, de forma semelhante à profecia que as três bruxas fizeram a Banquo, talvez possamos dizer: não claramente sexual, tampouco sádica, mas o material de que surgirão depois as duas coisas (Freud, 1919/2017, p. 305, grifos nossos).

Na parte destacada, entendemos que pela forma como o argumento foi colocado, é possível dizer que o sexual é uma coisa e o sádico é outra. Se, para Laplanche (1985a) é possível, através do contexto, perceber que Freud está se referindo à agressividade (não-sexual) ou ao sadismo e masoquismo propriamente ditos (fenômenos sexuais mesclados com a agressividade), concluímos que o termo sádico se alinha mais à tendência vinculada ao instinto de apoderamento do que à sua mescla com o instinto sexual. Mas também temos que reconhecer que a nossa posição não é absoluta e que na mesma citação, encontramos um alerta que nos anuncia a dificuldade de separar os instintos sexuais dos não-sexuais, pois quanto mais próximo dos primórdios da vida, menor é a clareza que permite distingui-los. Segue o referido trecho: “Permanece então duvidoso que se possa designá-la como puramente ‘sexual’; mas tampouco nos arriscamos a chamá-la de ‘sádica’. *Sabemos que aproximando-se da origem, costumam desaparecer todas as características sobre as quais habitualmente construímos as nossas diferenças*” (Freud, 1919/2017, p. 305, grifos nossos). Uma distinção absoluta do sexual e do não-sexual, especialmente nos primórdios, enquanto a tendência sexual não se descolou da autoconservação, não nos parece possível.

Agora podemos retomar o curso que trilhávamos: para Freud (1919/2017) a passagem do primeiro período para o segundo na produção das fantasias perversas resultaria do fato de não mais tolerar a escolha de objeto incestuosa que será reprimida. O impulso para a repressão seria dado pela internalização de conteúdos morais, razão pela qual, esclarece o autor “ao mesmo tempo que esse processo de repressão surge uma consciência de culpa” (p. 307) ligada aos desejos incestuosos continuamente presente no inconsciente do fantasiador.

Seria esta situação que levaria à uma inversão, desde a fantasia de punir o rival para a de ser punido, metaforizada na concepção de o pai não amar a criança [o fantasiador] e por isso espancá-la, demonstrando também a inversão do conteúdo. Neste segundo momento é destacado pelo autor o caráter sexual:

Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo (Freud, 1919/2017, p. 308, grifos do autor).

Hipotetizamos que na transição do primeiro período para o segundo ocorre uma identificação da criança com a que apanha, assumindo assim na fantasia o papel do outro, o papel de ser punida por ter feito algo errado, apontando o retorno à própria pessoa. A inversão do conteúdo da fantasia – meu pai me amava e por isso bate em quem odeio transforma-se em meu pai me odeia e agora ele me bate – é complacente ao retorno da meta inicial (agressiva) para a masoquista, representando uma derivação do primeiro período e uma concomitante inibição do caráter infantil primário. Com os argumentos presentes neste parágrafo é possível aproximar os conceitos de identificação com o retorno à própria pessoa? Cabe analisarmos melhor os fundamentos da identificação para então lançarmos luzes sobre a possibilidade que levantamos.

Antes de analisar o mecanismo de identificação, vale esclarecer o de introjeção. Na introjeção “O sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 248). Isto ocorreria quer porque a introjeção assemelhar-se-ia com a incorporação, e assim proporcionaria prazer fazendo algo penetrar no sujeito, conforme discutimos acima, ou quer porque a meta original do instinto não poderia mais ser mantida. A partir daí ocorreria uma modificação na meta do instinto que se encerra no Eu – aquilo que foi introjetado convergiria com o retorno do instinto à própria pessoa, fazendo acontecer o movimento de por para dentro aquilo que era de fora, como Laplanche e Pontalis (1982/2008) esclareceram acima. Isto implica que este elemento internalizado passa a ser o alvo dos instintos antes investidos fora.

A identificação que supomos haver entre a criança e o seu rival que é agredido, talvez não seja a primeira a ocorrer quando comparamos com outras possibilidades que estão presentes na fantasia. Como desenvolvemos no parágrafo anterior, a introjeção pode ocorrer mediante a renúncia, de maneira que se conserva o objeto colocando-o para dentro do Eu.

Como a criança renunciaria ao amor pelo pai que agride o rival, logo, o pai seria primeiro introjetado e, em seguida, assume-se o lugar do rival: a criança encena ser o pai agressor fazendo retornar, à própria pessoa, o investimento agressivo dispensado ao rival.

No suposto retorno do investimento agressivo deve ocorrer a mescla com os instintos sexuais nutridos pelo pai agressor, de maneira que o que sucederá após isto são derivações das metas instintuais iniciais (afastar o rival e consumir o amor incestuoso). Por isso, convém lembrar a seguinte colocação de Freud: “Pode-se decompor a vida de cada instinto em uma série de ondas, cronologicamente separadas, homogêneas no interior de uma unidade de tempo qualquer, que se comportam entre si como erupções sucessivas de lava” (Freud, 1915/2013, p. 69). Hipoteticamente, parece ser possível pensar que a fantasia fornece indícios sobre os destinos dos instintos e dessa maneira podemos entender a importância da introjeção da agressividade²¹ (não-sexual) para a composição dos instintos sadomasoquistas.

2.2.3 – O masoquismo, o sadismo e a moralidade

Tradicionalmente é reconhecido que as tendências masoquistas e sádicas estão correlacionadas à organização anal do desenvolvimento psicosssexual, corolário da polaridade entre a atividade e passividade. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008), “Freud faz coincidir a atividade com o sadismo e a passividade com o erotismo anal, e a atribui a cada uma das pulsões parciais correspondentes uma fonte distinta: musculatura e mucosa anal” (p. 186). Estas correspondências estabelecidas ressoam no plano psíquico, pois entra em consideração o domínio do objeto, herança do instinto de apoderamento que almeja a garantia da satisfação, seja da maneira ativa ou passiva. Desta maneira, faz-se necessário investigar melhor o destino de cada uma dessas correntes, a egoísta e a sexual incestuosa, levantadas na subseção anterior, pois elas parecem ajudar a lançar nova luz sobre o tema do masoquismo.

Faz-se necessário um esclarecimento a fim de complementar o que defendemos nas subseções 2.2.2 e 2.2.3 à respeito do masoquismo. Ao aproximarmos o masoquismo com o autoerotismo, não estávamos a assinalar o masoquismo abstraído que Freud (1933b)²² propôs

²¹ - Talvez seria possível afinar um pouco mais a afirmação: “A rigor, não se pode falar, como faz Freud, de ‘introjeção da agressividade’; nesse caso seria melhor utilizar a expressão ‘retorno sobre a própria pessoa’” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 249).

²² - A discussão em questão se encontra no terceiro capítulo desta dissertação, porém é necessário esclarecer o que estamos apontando: Freud relata um masoquismo que se abstraído dos instintos eróticos culminaria na autodestruição. Segue abaixo o trecho do autor sobre questionamento:

Vamos retornar ao problema especial que o masoquismo nos coloca. Se abstraímos por um instante os seus componentes eróticos, ele testemunha que existe uma tendência que tem por objetivo a própria destruição. Se também para o instinto de destruição é verdadeiro que o Eu – mas aqui nos referimos

na segunda teoria instintual e serve de base para argumentar que o masoquismo, entendido como tendência para autodestruição é mais antigo que o sadismo. Este masoquismo que levantamos nas discussões realizadas mais se assemelha ao masoquismo erógeno, discutido em *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, que recebe por Freud (1924/2017) a definição de também ser oriunda de mesclas (no caso entre os instintos de vida e os de morte) e é efeito colateral de processos fisiológicos que produzem a erotização das áreas afetadas. Discutiremos melhor estas questões no terceiro capítulo dessa dissertação, respeitando os cortes propostos para estudo, mas é de importância apontar que no caso do masoquismo abstraído se verifica o que foi anunciado na nota de rodapé nº17, segundo a qual, ocorre um deslizamento conceitual que leva, em muitas ocorrências, Freud a equiparar sadismo e masoquismo com agressividade, sem que haja qualquer conotação sexual que justifique o uso dos termos em questão. Assim, neste caso em específico, parece ser possível reportar um contrassenso no uso da palavra masoquismo, já que a autodestruição como consequência da abstração das tendências eróticas presentes no masoquismo, não levaria ao esclarecimento que o masoquismo é anterior ao sadismo, e sim que a agressividade sem função erótica é anterior tanto ao sadismo como também ao masoquismo, pois estes últimos são frutos dos instintos do Eu mesclados com os sexuais.

Este masoquismo como sinônimo de autodestruição, segundo pensamos, parece referir-se à um estado marco zero, ou um momento anterior a qualquer mescla entre os instintos de vida com os de morte. Conforme apontaremos no terceiro capítulo, existe a possibilidade de pensar que os instintos de morte neste marco zero²³ são uma potência indiferenciada para o masoquismo e o sadismo, possibilidade de pensamento deixada aberta pelo próprio Freud (1924/2017, 1933b/2017) quando é equiparado o instinto de morte atuante no organismo com sadismo primordial e masoquismo, segundo pensamos, primordial também. Essas semelhanças parecem abrir caminhos para aproximarmos a noção de apoio como fundadora da sexualidade com o conceito de masoquismo erógeno trazido por Freud (1924/2017), conceito que neste artigo é descrito pela ligação da libido produzida e saciada pelo manejo das funções vitais com o instinto de morte que ficou investido no próprio sujeito.

mais ao Id, à pessoa inteira – inclui originalmente todos os impulsos instintuais, disso resulta que o masoquismo é mais velho que o sadismo, mas o sadismo é instinto de destruição voltado para fora, que desse modo adquire o caráter de agressividade (Freud, 1933b/2017, p. 254-255, grifos nossos).

²³ - A título de esclarecimento, convém dizer que estamos chamando de marco zero uma situação hipotética prévia à qualquer junção entre os instintos de vida e de morte e talvez prévia à qualquer relação estabelecida com um objeto.

Não queremos com isso propor alguma continuidade entre estes dois pontos teóricos, entre o tempo masoquista ser anterior ao tempo sádico, na gênese da sexualidade considerando-se o apoio, e o masoquismo erógeno, descrito e discutido na segunda teoria instintual. Porém apontar este tipo de problemática é importante para evitar leituras ou anunciações ingênuas ou pouco delimitadas sobre o que são estes dois conceitos e sobre o que advém primeiro, se seria o sadismo ou o masoquismo²⁴.

Reconhecemos que existem diferenças entre a primeira e segunda tópica, mas parece ser possível mediante uma purificação terminológica eliminar ou então reduzir o abismo que há entre estes dois recortes teóricos, porém, neste momento do trabalho não convém discutir a fundo esta questão, uma vez que nossos objetivos neste capítulo são outros. No entanto, se faz necessário anunciar que a gênese da sexualidade orientada pela noção de apoio abre possibilidades para pensar no tempo masoquista como anterior ao sádico e assim sendo, permite aproximação com a noção de masoquismo erógeno e aparente novidade da segunda teoria instintual, novidade que toma o masoquismo como anterior ao sadismo. Isto possibilita pensar em proximidade entre duas concepções teóricas separadas pela virada de 1920. Cabe salientar que esta questão será discutida na primeira seção do terceiro capítulo. O que estamos anunciando ao falar de masoquismo é que este pode ser definido por meio de uma erotização dos processos do Eu, o que se assemelharia mais ao masoquismo primário, o erógeno. Se estivermos corretos, daí seria possível derivar o sadismo. Retornaremos à esta questão após discutirmos a identificação narcísica e obtermos discutirmos as fantasias da perversão sadomasoquista que nos auxiliarão a compreender a moralidade. Para tanto, retomemos a discussão com base no texto *Batem numa criança*.

A corrente egoísta que culmina na rivalidade do irmão que é agredido no primeiro tempo pouco tem de sexualidade em si. Mas isto é modificado quando a criança que fantasia se põe no lugar daquela que apanha, veremos que houve uma transformação na esfera do Eu, que passaria a reunir componentes sexuais e faz regredir a relação original para um investimento narcísico, conforme já discutido. No caso em particular poderíamos sustentar o argumento de que a hostilidade redirecionada ao Eu entra em junção com o narcisismo, fundando a tendência masoquista que achará desafogo pela expiação. Além disso, devemos

²⁴ - É afirmado por Freud (1919/2017, p. 314) a respeito desta problemática: “Parece confirmar-se, primariamente, que o masoquismo não é uma manifestação do instinto primária, mas surge de uma reversão do sadismo contra a própria pessoa, isto é, pela regressão do objeto para o Eu”. Porém tal afirmação é facilmente contestada, pois no contexto em que ele expõe, o das fantasias masoquistas, é afirmado alto e claro que o primeiro período desta não é sexual, portanto tampouco seria sádico ou masoquista. Isto no leva a fortalecer a concepção de que o termo “sadismo” é muitas vezes utilizado por Freud como sinônimo de agressividade sem que compreenda uma ação sexual, conforme discutimos anteriormente.

atentar para um outro efeito: ao acolher o rival dentro de si a criança torna-se um ser idealizado, pois comporta dentro de si aquilo que ela gostaria de ser (o rival que é amado pelo pai ao ser agredido) e concomitantemente o que ela foi um dia (amado pelo pai).

A outra corrente, que buscava amor do pai e clamava por provas desse amor pela punição do rival será forçosamente abandonada ao advento da barreira do incesto. Porém, reconhecemos que a repressão e conseqüente deformação do conteúdo não implica em seu abandono, mas numa derivação que engendra a identificação e atuação da figura do pai que agride. O prazer oriundo desta fantasia seria justificado pela mescla entre os instintos e seria aumentado de maneira diretamente proporcional se a quantidade de ódio presente na ambivalência também for aumentado. O conjunto da ambivalência explicaria o gozo promovido pelo apanhar: além da satisfação regredida dos desejos incestuosos, haverá a expiação da culpa pelos desejos e também obter-se-ia a satisfação de tendências agressivas originalmente dirigidas ao objeto. Desta maneira não podemos deixar de notar que ocorre aquilo que em *Luto e Melancolia*, Freud (1917/2013) chama de identificação narcísica, fenômeno que está presente nas afecções narcísicas, que são aquelas em que o próprio Eu se vê trincado por ser palco do conflito instintual (ambivalência).

Se o amor ao objeto – a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo – refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. O automartírio claramente prazeroso na melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa (Freud, 1917/2013, p. 184).

A identificação narcísica esclareceria como o Eu pode ser tomado enquanto destino para o investimento libidinal, sobretudo para aquela parcela da libido que se mesclou com o instinto de apoderamento. Conforme salientado na citação anterior, é possível manter o amor pelo objeto e desta maneira o instinto continua atuante e regressivamente obtém a satisfação para a relação proibida.

Estas construções a respeito das fantasias masoquistas perversas nos dão indícios a respeito das neuroses, afecções compreendidas com o negativo da perversão, e nos fornecem uma característica da moralidade: a moralidade que leva o sujeito a buscar a punição pelos desejos proibidos age de maneira narcísica fazendo retornar sobre o sujeito a agressividade do caráter primário que será satisfeito enquanto tendência masoquista. A repressão que divisa a neurose da perversão é influenciada pela moralidade que se interpõe proibindo a manifestação

primária e posteriormente, a manifestação do instinto derivado ficando, no caso da neurose, a meta instintual atenuada. Isto corresponderia ao que Freud, segundo uma revisão de 1909 realizada em *A Interpretação dos Sonhos*, chamou de masoquistas ideais:

O outro motivo dos sonhos de oposição ao desejo é tão claro que facilmente corremos o risco de não enxergá-lo, como aconteceu comigo mesmo por muito tempo. Na constituição sexual de muitas pessoas, há um componente masoquista que surgiu da inversão de um componente agressivo, sádico. Chamamos tais pessoas de masoquistas “ideais” quando não buscam o prazer na dor física que lhe é infligida, e sim na humilhação e na tortura psíquica. É fácil de compreender que essas pessoas possam ter sonhos de desprazer e de oposição ao desejo, sonhos que para elas, no entanto, não são outra coisa senão realizações de desejo, a satisfação de suas inclinações masoquistas (Freud, 1900c/2017, p. 180).

Por fim, convém questionar: E como seria possível conceber neste jogo de identificações o fundamento do sadismo? Se nos atentarmos para o conteúdo da fantasia do primeiro tempo, descrita em *Batem numa criança* (Freud, 1919/2019), temos que o pai pune uma criança e que isto se conserva no segundo tempo: o pai continua a desempenhar a atividade de punir, mas outra criança. Num primeiro tempo o pai pune o rival do infante, representando os instintos egoístas deste. No segundo tempo o pai pune o fantasiador, representando os desejos masoquistas e a complacente consciência de culpa do fantasiador por ter desejado o incesto. Desta ação, punir, em nome daquilo que se acredita ser certo, não podemos derivar a atividade do sadismo? O sádico humilha e pune aquele que lhe causou algum sofrimento, direto ou indiretamente? Retomando termos das descrições de *Totem e Tabu* (Freud, 1913b/2017) reconhecemos na submissão dos filhos ao pai primevo, elevado ao ideal após o assassinato, uma conduta masoquista, pode-se dizer que a conduta dos filhos faz do ideal um sádico? Se o sádico tem prazer em agredir, humilhar e dominar o outro, a resposta não pode ser outra a não positiva às três perguntas. Este ideal não pouparia qualquer possibilidade de expiação, particularmente quando aquilo que foi proibido é realizado ou então, simplesmente desejado. Ousaríamos acrescentar na nossa aceção mais uma consideração: ao agredir o pecador, o ideal se renova, purifica-se, pois está a afastar, mediante a agressividade do sadismo, tudo aquilo que é proibido, mantendo as tentações longe de si e reassegurando o seu lugar de ideal.

Convém clarificar que a agressão provinda do sádico detém interesse sexual em sua perpetuação, tratando-se de uma agressão com finalidade. O que se encontra em jogo não é aniquilar o objeto, mas sim impetrar a submissão, controlar e humilhar, conforme é afirmado por Laplanche (1985a). Há, segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008), uma bipolaridade no

sadismo, pois ao passo que almeja destruir, também almeja retê-lo. Nas palavras dos referidos:

Como conceber a ligação entre o sadismo e o erotismo anal? O sadismo, bipolar por natureza – visto que visa, contraditoriamente, destruir o objeto e mantê-lo, dominando-o –, encontraria a sua correspondência privilegiada no funcionamento bifásico do esfíncter anal (evacuação-retenção) e no controle deste (p. 186).

Segundo pensamos, o prazer do sádico estaria em danificar o objeto e posteriormente recuperá-lo, provando a onipotência reiterada do Eu. Porém, cabe interpor a questão se esta seria a única fonte de prazer para o sádico, pois quando o comparamos com o masoquismo, percebemos que há um prazer corpóreo neste último que é gerado pelos instintos que retornam ao Eu. Para Laplanche e Pontalis (1982/2008) o sadismo pode ser entendido como uma derivação do masoquismo, nas palavras do autor:

Fazer sofrer não faz parte da meta originária; o objetivo de produzir a dor e a fusão com a sexualidade aparecem no retorno ao masoquismo; o sadismo no sentido erógeno do termo é efeito de um segundo retorno do masoquismo sobre o objeto (Laplanche & Pontalis (1982/2008, p. 399).

Esta linha de pensamento apresentada pelo autor permite assinalar, no sádico, que entre ele e o objeto há uma identificação e correlativamente poderá haver intercâmbio de posições, pois há nele uma bipolaridade que almeja agredir e também reter/conversar o objeto. A necessidade de reter o objeto sinaliza o medo de perdê-lo, conseqüentemente perder a satisfação que se obtinha. Como um recurso, surgirá, conforme já trabalhado nesta dissertação, a possibilidade de conversar a relação e satisfação, quando não é possível substituir por outra, por meio de uma derivação fantasiosa produzida pela identificação. Logo o sádico se transmutará para uma posição masoquista.

A respeito do prazer do sádico ainda cabe mais uma problemática. Ainda que o sádico não doe o seu corpo ao deleite dos instintos, é equivocado falar que não há produção de erogeneidade, pois ele emprega-o de modo a obter a satisfação ativamente. Exemplificamos: um punho que defere um soco será impactado por uma face, o que abriria a possibilidade de entender prazer em agredir, não somente, mas também pela teoria do choque mecânico utilizada por Freud (1905/2016) para fundamentar a produção da excitação sexual. Disso se seguiria a seguinte proposição: enquanto se agride, também se gera excitações no órgão

agressor havendo, conseqüentemente, a eliciação de dor no agressor, fator que leva à uma espécie de retorno à própria pessoa, de retorno ao masoquismo²⁵.

Gostaríamos, ante as discussões que realizamos até este ponto, de tecer um comentário para que então passarmos ao próximo capítulo, como uma maneira de tentar unir nossos dois primeiros capítulos, separados por uma necessidade que levantamos. Segundo o ponto de vista desenvolvido, a complexidade que começou a ser levantada pela linha de pensamento que inicia, nesta dissertação, em *Totem e Tabu*, a respeito da moralidade e da atividade masoquista, parece se verificar neste segundo recorte teórico, de maneira que ficamos com a impressão de que o referido texto estava já a preparar o caminho para os novas pesquisas em Psicanálise, sobretudo aquelas que irão se ater ao problema do Eu. O narcisismo, enquanto conceito, seria o melhor expoente desta guinada na pesquisa psicanalítica. Com o aprofundamento do saber psicanalítico sobre o Eu, chegou-se a conclusão de que o próprio Eu é investido por libido, processo que não tem nada de extraordinário em sua ocorrência, mas que nos mostra derivações dos instintos que tomam o Eu como objeto. Assim, a clara separação entre sexual e não-sexual, que encontramos razoavelmente estabelecida na primeira teoria pulsional ver-se-ia ameaçada. Mas antes que esta proposta leve à segunda teoria pulsional, podemos destacar que tanto o desenvolvimento do Eu como o da sexualidade parecem ser concomitantes, pois os instintos de autoconservação em suas reações odiosas capturariam os objetos, fazendo retornar ao Eu novas representações, conjuntamente com o instinto de apoderamento. Disto decorreriam as mesclas entre os instintos sexuais e não-sexuais, que fundamentam formulações a respeito do sadismo, masoquismo e da moralidade.

²⁵ - Não competiria aos nossos objetivos pensar nos demais instintos como o par do exibicionismo e do voyeurismo. Porém, parece-nos ser de importância propor que eles também podem se fazer presentes na dinâmica sádica e masoquista que estamos propondo, facilitando o movimento de identificação do Eu com uma das posições, como p. ex.: o sádico pode se comprazer na agressão e ao mesmo tempo satisfazer seu ímpeto visual.

CAPÍTULO III

IMPLICAÇÕES DA INTRODUÇÃO DO CONCEITO DE INSTINTO DE MORTE PARA AS RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE E SEXUALIDADE: CONTINUIDADE OU RUPTURA NA CONCEPÇÃO DE SADISMO E MASOQUISMO?

A passagem do segundo para o terceiro capítulo deste trabalho não é fruto de uma transposição simples e continuísta do que já havíamos levantado em discussão, pois compreende-se que entre os dois períodos existem diferenças teóricas. São colocados em discussão por Freud temas diferentes ou com uma perspectiva diferente, sendo a alteração mais primordial que engendra as demais, em nossa opinião, a mudança da ênfase de pesquisa do reprimido para o repressor, conforme reconhecido por Freud (1923/2017).

Vimos na introdução que Monzani (1989a) propõe uma concepção sobre o movimento teórico-clínico de Freud que não difere essencialmente da de Laplanche (1985). Em relação ao problema a ser analisado neste capítulo, a posição destes autores não somente nos parece muito interessante, mas também coerente, pois permite compreender que a posição freudiana sobre a moralidade, o sadismo e o masoquismo não é permeada por rupturas, mas por uma concepção cada vez mais elaborada sobre a temática.

Assumindo a possibilidade de algumas continuidades, o abismo entre a primeira e a segunda tópica pode ser superado em alguns pontos, os quais, lembramos ao leitor, já havíamos levantado em discussão nos capítulos anteriores. Os objetos de investigação e as conclusões lá alcançadas tocavam problemas que seriam mais pertinentes às discussões da segunda tópica, mas que apareceram muito antes, em especial o problema do Eu enquanto uma instância e o ideal. Essas discussões giraram em torno das articulações de *Totem e Tabu* (no primeiro capítulo) e *Introdução ao Narcisismo* (segundo capítulo), sendo que sobre este último, Laplanche (1985b) atesta a existência do Eu antes da segunda tópica: “O ego, ao contrário, é uma unidade *no indivíduo*; ele aparece neste texto [Laplanche se refere à *Introdução ao Narcisismo*], antes da “segunda tópica”, como instância” (Laplanche, 1985b, p. 77, *grifos do autor*). Levantar estas colocações permite pavimentar o caminho para pensarmos em construções da segunda tópica não realizadas meramente como implosão ou destruição de articulações da primeira tópica, mas ao contrário disso, conforme Monzani (1989a), como desenvolvimento e, conseqüentemente, maior especialização das descrições realizadas sobre o aparelho psíquico.

Nos referidos textos freudianos já é sentida uma mudança de ênfase na pesquisa psicanalítica que vai do reprimido (e seus derivados) para aquilo que reprime, pois procura-se fundamentar o que seria a moralidade, como ela se constitui e a relação estabelecida com a repressão. O próprio Freud explicita esta mudança de guinada em muitos textos do período após 1920, conforme pode-se destacar:

Por fim, avançamos de modo a poder afastar nossa atenção do reprimido e voltá-la para o repressor, e achamo-nos diante desse Eu, que parecia ser tão evidente, com a segura expectativa de também ali achar coisas para as quais não podíamos estar preparados [...] (Freud, 1933/2017, p. 193).

A transformação do projeto de pesquisa, deslocando o problema do reprimido ao repressor, passa invariavelmente pelo conceito de narcisismo e com este conceito a primeira teoria dos instintos teria ficado ameaçada, não podendo ser mais sustentada nos termos anteriores, sendo necessário o desenvolvimento de uma nova teoria instintual. Monzani (1989a) clarifica a respeito desta questão:

Coisa diferente parece acontecer, por exemplo, com a introdução do conceito de “narcisismo”. Essa noção, como efeito, acabou por esfumazar o primeiro dualismo pulsional e parece que foi a partir dela, de fato, que Freud se viu obrigado a introduzir um novo dualismo, este sim, segundo inúmeros autores, tendo provado uma mudança radical no estatuto da teoria (p. 16).

O desenvolvimento do conceito de narcisismo levou, por sua vez, à produção de interrogações mais aprofundadas sobre a moralidade, e estes prosseguiram ganhando contornos mais claros, conforme abordamos, desde a trama de *Totem e tabu* até chegar no conceito de Super-eu, anunciado no âmbito da teoria estrutural que acompanha a segunda teoria instintual.

Estes temas parecem comportar bons exemplos da noção de desenvolvimento, e nos são de grande importância, pois ao abordamos as teorias referentes à agressividade na obra freudiana chegamos até o Eu (egoísmo e narcisismo) e daí passamos a trabalhar conceitos como a moralidade (ideal do Eu), masoquismo e sadismo. A citação a seguir, de Freud (1923/2017), articula tanto a transformação da ênfase de pesquisa, como também anuncia nos termos da nova teoria a moralidade (o Super-eu):

Enquanto nos ocupávamos do estudo do reprimido na vida psíquica, não precisamos partilhar a trêmula aflição com o paradeiro do elevado no ser humano. Agora que nos

lançamos à análise do Eu, podemos responder o seguinte, a todos os que, abalados em sua consciência ética, queixaram-se de que tem de haver algo elevado no homem: “Sem dúvida, e é este o algo elevado, o ideal do Eu ou Super-eu, o representante de nossa relação com os pais. Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós” (Freud, 1923/2017, p. 45).

Monzani (1989a), em concordância com a posição de Freud sobre as transformações que ocorrem na teoria psicanalítica, da primeira para a segunda tópica, propõe que esses novos exames que a segunda tópica realiza seriam efeitos do aprofundamento do saber psicanalítico a respeito do processo de repressão. A guinada na teoria faz mudar as problemáticas de pesquisa, sendo que algumas passam a ganhar mais corpo no pensamento de Freud, de maneira que seria possível, segundo Mezan (1982b), separar os últimos vinte anos da vida intelectual do autor por quatro razões: 1º)- a situação da Psicanálise não depender exclusivamente de Freud abre a possibilidade do mesmo exercer de forma livre a sua tendência especulativa; 2º)- a introdução dos instintos de morte; 3º)- o fenômeno da agressividade obriga revisões teóricas; 4º)- por último o interesse pela civilização e suas mazelas.

Seguindo esse traçado sobre campo teórico delineado, é interessante repensar a posição do Eu a respeito da agressividade, pois, conforme esclarece Perelberg (1999), a agressividade, entendida como uma maneira dentre tantas, de relacionamento entre as instâncias psíquicas é uma das características do pensamento estrutural da segunda tópica. Em miúdos, a agressividade ajuda a tipificar as relações estabelecidas entre as instâncias psíquicas na nova concepção de psiquismo formulada por Freud (1923/2017), o Id, Eu e o Super-eu, conforme veremos abaixo. Acreditamos que o pensamento estrutural permite lançar novos olhares a respeito da dinâmica intrapsíquica e sobre o nosso problema de pesquisa, que é de lastrear a agressividade na obra freudiana com a ajuda e articulação das noções de sexual e não-sexual. Se antes já era possível reconhecer a agressividade como parte importante da dinâmica, quiçá neste novo recorte teórico, em que as relações entre o Eu e o Super-eu (ideal de Eu) são problematizadas e passam a deter uma posição privilegiada enquanto fator da psicodinâmica. Torna-se mais clara a explicação de uma variedade de fenômenos pautados na repetição que se verifica na transferência dos neuróticos, cuja explicação é dada através do sentimento de culpa inconsciente expresso na necessidade de punição, compulsivamente buscado. Fenômenos que não só fornecem explicações para o sofrimento neurótico, mas também colocam em pauta os limites terapêuticos. É isto que podemos apreender com a leitura de Freud (1933b/2017):

Tivemos de procurar por esse ou esses motivos e o encontramos, surpreendente, numa forte necessidade de castigo, que só pudemos incluir entre os desejos masoquistas. A importância prática desse achado não fica atrás da teoria, pois essa necessidade de punição é maior inimigo de nosso esforço terapêutico (p. 259).

A referida necessidade de punição é denominada por Freud (1924/2017) como masoquismo moral e suas origens estariam ligadas ao caráter inconsciente da moralidade, que faria surgir aquilo que foi batizado de sentimento de culpa inconsciente. Este conjunto teórico é correlacionado à agressividade e suas possíveis amálgamas com a sexualidade, pois conforme desenvolveremos ao longo deste capítulo, encontrar-se-á nestas manifestações a marca dos instintos de morte em junção com Eros.

Eros, não nos causa espanto ou surpresa, pois como Freud (1923/2017) anuncia, ele é composto pelos instintos de autoconservação e pelos sexuais, conforme assinalado na introdução e no segundo capítulo. De certa maneira, a construção teórica que abrange Eros seria uma reordenação que agrega sobre a mesma rubrica os instintos sexuais e os autoconservativos, não sendo talvez equivocado dizer que ao menos virtualmente Eros já era uma possibilidade. O que é novo são os instintos de morte. Por isso, um dos objetivos do capítulo é elucidar essa categoria de instintos e buscar defini-los segundo os textos.

Em síntese apresentamos o que segue ao leitor: a discussão está organizada em duas seções. A primeira será desenvolvida com a finalidade de definirmos o que é entendido como instinto de morte nas teorizações freudianas. Para tanto, nossos debates serão socorridos pelo sadismo e masoquismo, para que a partir daí, seja possível construir uma compreensão sobre esse instinto primal. É importante termos em mente que a equiparação da agressividade com o instinto de morte é efeito de uma longa cadeia conceitual, cuja ordem não pode ser desprezada sem que ocorram prejuízos à teoria. Sobre isto, alerta-nos Mezan (1982b, p. 264): “A série que obedece à lógica interna da teoria é a que vai da repetição à regressão, desta à pulsão de morte e daí à agressividade, implicando qualquer modificação da ordem constitutiva num beco sem saída para a continuidade do raciocínio”. Em outras palavras, cabe pensar a agressividade como efeito final de toda uma cadeia, que para um aparelho psíquico já formado e clivado pela repressão só apareceria em consequência da regressão que faz separar as junções entre Eros e instinto de morte.

Com essa primeira discussão ficam abertos para a segunda seção os caminhos para analisarmos mais detalhadamente, no recorte da segunda tópica, o problema do masoquismo

em suas diversas formas de apresentação, e do sadismo, para então levantarmos em seus espécimes as variações de cota sexual e não-sexual que haveria em cada um deles.

3.1 Tentativa de definição dos instintos de morte a partir de algumas aproximações ao papel do sadismo e masoquismo na constituição da sexualidade

O nosso ponto de partida não poderia ser outro a não ser a transformação que se deu na teoria psicanalítica com a formulação do conceito de instinto de morte. Se num primeiro momento era possível discutir a agressividade e o ímpeto para agressão como algo que se reporta aos instintos de autoconservação puros ou mesclados com a sexualidade, agora a situação é um pouco diferente, pois Freud (1930/2017) propõe a agressividade como representante dos instintos de morte, conforme se segue: “Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo” (p. 90). À respeito disso, Simanke (2014) comenta sinteticamente sobre a transformação a que nos referimos:

Assim, se na primeira teoria instintual a agressão era sempre um comportamento secundário ou derivado – dos impulsos para a autoconservação do indivíduo ou da sexualidade – ela agora é redefinida como expressão de “um instinto agressivo especial autônomo” (Freud, 1998[1930], p. 117), o que é admitido por Freud como uma alteração substancial da teoria psicanalítica geral sobre os motivadores instintivos do comportamento humano e de seus processos mentais (Simanke, 2014, p. 448).

A grande razão para colocar a agressividade como emissária dos instintos de morte parte da reordenação do entendimento freudiano à respeito da sexualidade que neste momento não concebe mais que Eros, o representante do sexual e do autoconservativo, detenha em si a possibilidade e o almejo de agredir e destruir. Ademais, no modelo teórico da primeira tópica, a agressividade, segundo a exposição que contemplamos nos dois primeiros capítulos dessa dissertação e a problematização realizada por Simanke (2014), pode ser classificada da seguinte forma: há a agressividade concebida como um fenômeno adaptativo (instintos de autoconservação), que é aquela que repetidamente temos chamado de não-sexual, e há a agressividade sexual, representada pelo sadismo e masoquismo. Mas estas descrições tiveram de ser revistas, pois para Freud (1930/2017), a gama de fenômenos referentes à agressividade requeriam maior ampliação, já que nem toda agressividade é adaptativa e tampouco o masoquismo e sadismo conseguem cobrir toda a agressividade não adaptativa. Segue elucidação nas palavras de Simanke (2014):

Como consequência, ele explicitamente abandona a hipótese anterior de que a agressividade e a destrutividade não adaptativas – aquelas que não podiam ser explicadas pela ação do instinto de autoconservação – teriam uma motivação primariamente sexual, ou seja, que toda crueldade seria, em última instância, uma manifestação dos componentes sádicos da sexualidade. Ao contrário, Freud passa a defender a ideia de que é preciso atribuir-lhes uma explicação biológica independente, que é justamente a função que a hipótese dos instintos de morte passa a cumprir na teoria (Simanke, 2014, p. 448).

Em *Mal-estar na civilização*, Freud (1930/2017) realiza, durante as discussões, algumas retomadas da história do pensamento psicanalítico e é possível observar que o tema da agressividade vai ganhando espaço e sendo incluso no corpo conceitual psicanalítico, de tal maneira que o autor se questiona como pode ter ignorado algo tão presente nas manifestações psíquicas por tamanho tempo²⁶. As colocações de Freud (1930/2017) servem como base para Simanke (2014) apontar a explicação biológica independente da agressividade, emancipando-a do modelo explicativo que encontrávamos na primeira tópica. Nas palavras de Freud:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida (A ânsia de destruição voltada para dentro se subtrai geralmente à percepção, é verdade, quando não é tingida eroticamente). (Freud, 1930/2017, p. 87).

Ao pensarmos a obra freudiana apoiados na concepção de desenvolvimento, conforme anunciamos brevemente páginas atrás e na introdução, abrimos a possibilidade de aproximar dois pontos das tópicas freudianas mediante argumentação sobre a sexualidade infantil e verificar quão viável é a discussão que permite manter estes pontos unidos. Portanto, pensando em encarar a segunda tópica como um desenvolvimento da primeira e objetivando delimitar com maior propriedade o que seriam os instintos de morte, tomaremos como ponto de discussão um marco hipotético no desenvolvimento do sujeito que compreenderia o estágio pré-relações com qualquer objeto (que chamaremos de marco zero) rumo as relações primárias do sujeito para com os objetos e com o mundo.

²⁶ - Numa colocação muito adequada, Laplanche (1985a) argumenta que Freud falseia a história de seu pensamento nas passagens em que ele se põe à revisar o percurso desenvolvido até o momento. Assim, para Laplanche (1985a) e Laplanche e Pontalis (1982/2008) é bem claro que a agressividade está presente desde os primórdios da teoria psicanalítica, porém não é figurada de maneira tão clara, mas com sinônimos de fácil reconhecimento. Remetemos o leitor ao primeiro capítulo dessa dissertação.

Nosso recorte teórico serve apenas para a finalidade de criar uma maneira de isolar os instintos de morte antes de qualquer amálgama com os instintos de vida e a partir disso definir e entender algumas de suas propriedades. Pois é nisto ou próximo disso que retornaremos ao trabalharmos os conceitos de regressão e repetição que culminam na necessidade de punição – necessidade que reconhecemos uma modalidade de masoquismo, o famigerado masoquismo moral. Nosso ponto de partida é definir este marco zero e, para tanto, nos valemos das discussões que podem ser lançadas pela ideia anunciada por Freud (1933b/2017) de um masoquismo abstraído dos componentes eróticos, conforme se encontra na citação abaixo:

Vamos retornar ao problema especial que o masoquismo nos coloca. *Se abstraímos por um instante os seus componentes eróticos*, ele testemunha que existe uma tendência que tem por objetivo a própria destruição. Se também para o instinto de destruição é verdadeiro que o Eu – mas aqui nos referimos mais ao Id, à pessoa inteira – inclui originalmente todos os impulsos instintuais, disso resulta que o masoquismo é mais velho que o sadismo, mas o sadismo é instinto de destruição voltado para fora, que desse modo adquire o caráter de agressividade (Freud, 1933b/2017, p. 254-255, *grifos nossos*).

Pensar neste masoquismo abstraído dos componentes eróticos, nos levaria à um momento inicial ou fictício do desenvolvimento em que o nenhuma amálgama entre os instintos se efetuou, pois pelo contexto das colocações do autor a abstração só pode significar isolar algo com a finalidade de coloca-lo sob reflexão, ou seja, o termo parece obter um significado de “subtração”. Vejamos o que resulta se efetuarmos um deslocamento: ao subtraírmos (abstraímos) por um instante os seus componentes eróticos, o masoquismo testemunharia a existência, mesmo que apenas teoricamente, de uma tendência que tem por objetivo a própria autodestruição. Admitindo que a substituição efetuada contempla a colocação do autor, sem divergência ou pluralismo de interpretação, avançamos e podemos lançar o argumento de que o masoquismo subtraído dos componentes eróticos é um contrassenso, assim como também seria o sadismo sem a amálgama com Eros.

Como mencionamos no segundo capítulo, parece acertada a proposição de Laplanche (1985a) a respeito dos termos masoquismo e sadismo utilizados por Freud de maneira pouco precisa, que em muitas passagens pode levar à equiparação destes com a agressividade autodirigida e heterodirigida, respectivamente. Daí, talvez, a necessidade de recorrer a um complemento como a expressão “sadismo propriamente dito” (Freud, 1924/2017, p. 191) quando objetiva falar da agressividade enquanto fenômeno sexual. Segue abaixo uma citação do argumento de Laplanche (1985a, p. 91):

Essa oposição [sexual e não-sexual], contudo, não está regularmente fixada numa distinção terminológica absoluta: “*sadismo*” e “*masoquismo*” são, às vezes, utilizados, no intervalo de algumas linhas, ora para designar a violência não sexual, ora para designar uma atividade ligada, ou mais ou menos estreitamente, a um prazer sexual. Tal “confusão” tende reaparecer mesmo quando Freud parece querer reservar os termos de sadismo e de masoquismo ao aspecto da violência que é sexualizada. *Em tais casos, às vezes, é obrigado a atribuir a esses termos uma espécie de complemento explicativo ou de determinativo que os distinga: fala de “sadismo propriamente dito” ou de “masoquismo propriamente dito”*. Encontramo-nos aqui diante de um problema “terminológico” que implica na própria coisa: nossa opinião é de que os deslizamentos que Freud permite que se estabeleçam no interior de oposições conceituais que ele percebe perfeitamente e que servem mesmo de linha diretriz a seu raciocínio, não são outra coisa senão o deslizamento que se opera, na gênese da pulsão sexual, pelo movimento do apoio (Laplanche, 1985a, p. 91, *grifos nossos*).

Através de uma espécie de depuração conceitual que propusemos, torna-se acessível à nossa pesquisa uma delimitação mais clara do que seriam os instintos de morte, pois estamos identificando-os como agressividade e ao mesmo tempo diferenciando-os do que se entendia por agressividade na primeira tópica. Com esta primeira diferenciação, o problema entre o sadismo e masoquismo passaria a se mostrar de maneira diferente do que é convencionalizado, pois os instintos de morte estagnados no sujeito, para usar uma expressão de Laplanche (1985a), não são equivalentes ao masoquismo. O masoquismo em seu sentido original (ou masoquismo propriamente dito) é efeito de uma amálgama dessa agressividade, não-sexual e não adaptativa com os instintos sexuais, ou seja, dos instintos de morte estagnados no sujeito com a libido, correspondendo ao que é definido por Freud (1924/2017) por masoquismo erógeno. O que também é algo diferente de destrutividade autodirigida, pois a agressividade autodirigida contaria com os instintos de morte em sua forma mais próxima da pura. É neste sentido que pensamos não haver ruptura, mas sim desenvolvimento na teoria freudiana, ao menos no tema do sadismo e masoquismo, pois ao eliminarmos um contrassenso²⁷ muito veiculado ao sadismo e masoquismo, podemos entender o sentido que foi proposto ao conceito de instinto de morte durante a sua forja.

Antes, na primeira teoria instintual, também encontraríamos que o sadismo e masoquismo eram também fruto da união do não-sexual com o sexual, mas o sentido veiculado aos instintos não-sexuais era distinto dos que são propostos aos instinto de morte. Nessa trajetória, o conceito de narcisismo parece ser fundamental, pois é por meio deste que a

²⁷ - Convencionalmente se propaga uma concepção simplista a respeito de quem haveria ocorrido primeiro, se seria o masoquismo ou o sadismo. Assim, nesta concepção, diz-se que na primeira tópica seria o sadismo e na segunda tópica o masoquismo, conforme indica Laplanche (1985a).

problemática das mesclas/amalgamas dos instintos começa a ocupar espaço notável nas formulações metapsicológicas.

A citação abaixo parece confirmar as nossas colocações e desenvolvimentos realizados até aqui, pois leva a entender que o masoquismo propriamente erógeno é um resíduo conservado da ocorrência da união dos instintos de vida e de morte:

Admitindo-se alguma imprecisão, pode-se dizer que o instinto de morte atuante no organismo – o sadismo primordial – é idêntico ao masoquismo. Depois que sua parte principal foi transposta para fora, para os objetos, permanece no interior, como seu resíduo, o *masoquismo propriamente erógeno*, que por um lado, tornou-se componente da libido, e, por outro lado, ainda tem seu próprio ser como objeto. *Esse masoquismo, então, seria testemunha e sobrevivência daquela fase de formação em que sucedeu a amálgama, tão importante para a vida, de Eros e instinto de morte* (Freud, 1924/2017, pp. 192-193, *grifos nossos*).

Teríamos, portanto, que no recorte problematizado, o sadismo primordial é idêntico ao masoquismo, sendo ambos oriundos do mesmo processo, mas que a partir de um certo momento tomam destinos distintos: o sadismo transposto para os objetos e o masoquismo sendo parcela da libido que toma narcisicamente o próprio corpo como objeto. Segundo desenvolveremos na seção a seguir, uma possível chave teórica para explicação desta amálgama estaria nas relações estabelecidas com o objeto de amor, logo, encontraríamos uma espécie de contingência fundadora do masoquismo e do sadismo: ambos seriam oriundos do mesmo processo que é efeito da união dos instintos primais que, senão consequência, é em grande parte viabilizado pela relação entre a mãe e o infante. Isto parece nos dar suporte para afirmar que o masoquismo e o sadismo são ocorrências relacionais, assim como a sexualidade. Retornaremos a esta questão na parte seguinte deste capítulo.

O encadeamento proposto pelas articulações conceituais viabilizadas até aqui nos parece ser de extrema importância por ajudar a evitar enganos na leitura dos conceitos freudianos. A agressividade como um fenômeno não-sexual só poderia ser configurada num tempo prévio a qualquer estabelecimento de relação com os objetos capazes de suprirem as necessidades fisiológicas, ou efeito de severas regressões que fariam operar a disjunção dos instintos e a manifestação, senão pura, quase pura dos instintos de morte.

Detenhamo-nos por um instante nas possibilidades levantadas no parágrafo anterior e observaremos que ambos os casos se reportam à nossa descrição fictícia de um marco zero, pois fazem operar um retrocesso das amálgamas para um estado em que elas ainda não teriam ocorrido ou cujo domínio de Eros não é percebido. Trata-se, portanto, de um momento fictício

em que nenhuma relação objetual teria ainda se estabelecido e nenhuma necessidade fisiológica sanada. O passo seguinte, pensando numa progressão linear de desenvolvimento, seria o gradual domínio de Eros sobre os instintos de morte, ocorrência que depende da produção e satisfação das necessidades vitais e fisiológicas. Justificamos: nos termos que assinalados e discutirmos no segundo capítulo, a sexualidade infantil tem como afluyente o apoio em funções vitais. Consequentemente, podemos verificar que a libido seria um efeito marginal das excitações vitais, parasitária daquilo que aflui do soma e requer que alguém satisfaça. É isto que entendemos da seguinte citação freudiana:

Nos *Três ensaios de uma teoria da sexualidade*, na passagem sobre as fontes da sexualidade infantil, *afirmei que a excitação sexual produz-se como efeito secundário em toda uma gama de processos internos, logo que a intensidade desses processos ultrapassa determinados limites quantitativos*. E que talvez nada de importante ocorra no organismo que não forneça componentes para a excitação do instinto sexual (Freud, 1924/2017, p. 190, *grifos nossos*).

Esta concepção nos leva a pensar o desenvolvimento da libido e a sexualidade infantil como intermediado por relações estabelecidas entre o sujeito e seus cuidadores, pois a não satisfação das necessidades vitais levaria à morte, e no caso contrário, a satisfação reafirmaria a produção da libido como efeito secundário.

Retomando o exame que havíamos proposto a respeito de uma possível proximidade entre a primeira e a segunda tópica e à agressividade pode-se dizer, com Laplanche (1985a), que tal aproximação decorreria do maior aprofundamento e especialização das concepções que encontramos em 1915, em *Instintos e seus destinos*:

Essa é a tese do “masoquismo primário” ou “originário”, e as aparências confirmam de modo indubitável que ela é inteiramente nova, só aparecendo em 1920 com a postulação do ser mítico que é a pulsão de morte. Sem querer, entretanto, minimizar a novidade da última teoria freudiana das pulsões, gostaríamos de mostrar qual o elo, tênue, mas sólido, que a liga à tese que, em 1915, se apreende de uma reflexão ao mesmo tempo clínica e dialética sobre a gênese do sadomasoquismo. Essa teoria, implícita, talvez imperfeitamente deduzida pelo próprio Freud, e, sobretudo logo encoberta, comporta, segundo pensamos uma dupla base: o uso da noção de apoio (“*étayage*”) na teoria do sadomasoquismo e a prioridade do tempo masoquista na gênese da pulsão sadomasoquista, na medida em que esta é pulsão sexual – pulsão, pois, no verdadeiro sentido do “*Trieb*” freudiano (Laplanche, 1985b, p. 90).

Em particular, neste período da obra, Freud (1924/2017) inferirá o masoquismo erógeno por meio da ligação da libido fomentada pelos processos vitais, remetendo-nos à concepção de apoio dos instintos sexuais nas funções vitais e posterior mescla com o instinto agressivo. Este, agora tomado como autônomo e circunscrito pelos instintos de morte, não seria mais, como vimos antes, uma derivação do egoísmo que quer agarrar violentamente os objetos para garantir a sobrevivência e a satisfação das necessidades sexuais.

Na mesma linha de argumentos, podemos destacar que em Freud (1915/2013), a concepção de que o ódio (entendido como hostilidade ao mundo que dispensa estímulos) toca o objeto antes da libido nos lembra, nos termos da segunda tópica, a expulsão para fora dos instintos de morte. Esta ideia também parece estar presente em *Luto e Melancolia* (1917/2013), pois nos dois textos encontra-se a ideia de que amor (ímpetus sexuais) e ódio (ímpetus não-sexuais) têm desenvolvimentos diferentes e só depois se ligam, movimento que nos lembra do estado que estamos insistindo em chamar de “marco zero”. A semelhança entre estas colocações com a seguinte de 1920 é tão grande que convém reproduzir o que é anunciado neste texto que introduziu o novo dualismo instintual freudiano:

Mas como pode o instinto sádico, que visa a ferir o objeto, ser derivado do Eros conservador da vida? Não cabe supor que esse sadismo²⁸ é na verdade um instinto de morte que foi empurrado do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto?[...] Podemos dizer, de fato, que o sadismo expulso do Eu mostrou o caminho aos componentes libidinais do instinto sexual; depois estes ocorrem para o objeto (Freud, 1920/2017, pp. 225-226).

Convém, no momento, anunciar que na teoria freudiana, a expulsão dos instintos de morte pela libido narcísica é o argumento que endossará e fundamentará no recorte da segunda tópica a ambivalência enquanto algo tão primitivo que deve ter um caráter constitucional²⁹.

Surge também a questão de a *ambivalência* ordinária, que com frequência é fortalecida na disposição constitucional à neurose, poder ser apreendida como resultado de uma

²⁸ - Aqui se verifica outra vez o problema a que nos referenciamos anteriormente: o uso da palavra sadismo fora do contexto sexual. O nosso argumento se encontra justificado ao decorrer desta subseção e da anterior, mas se alguém ainda se mostrar cético ao que realizamos até este momento, temos uma boa base para argumentar através da citação apresentada. Nesta, ocorre que Freud (1920/2017) propõe que o “sadismo” foi empurrado pela libido (narcísica) e a partir disso esse mostra caminho para os instintos sexuais, ou seja, esse “sadismo”, não seria o propriamente dito, ele não se encontra amalgamado com a libido, tal ligação só acontecerá depois, tal quando ambos tocarem ao objeto ou quando houver o retorno daquilo que está sendo chamado de “sadismo”.

²⁹ - Aqui também podemos trazer outro ponto de forte semelhança com a primeira tópica, pois conforme anunciamos no primeiro capítulo, a ambivalência é oriunda de algo tão primitivo e nos reporta a instintos com metas antagonistas. Na primeira tópica falávamos do não-sexual, oriundos do Eu, portanto agressivos, e do sexual; aqui discutimos as tendências opostas entre Eros (de unir) e dos instintos de morte (de desagregar).

disjunção; mas ela é tão primordial que deve ser antes uma mescla instintual não consumada (Freud, 1923/2017, p. 52).

Pelos argumentos apresentados, parece que é possível assumirmos a posição de que os instintos de morte, enquanto pura conceitualização, podem ser definidos como um potencial de agressividade que pode tomar os mais diversos cursos: pode ficar inerte, levando o próprio organismo à ruína e retorno ao estado inorgânico, pode ser empurrado para fora e se manifestar como instinto de destruição. Parece que pouco importa o local em que o referido instinto se encontra, sua atitude para com as coisas ou para com o sujeito é de destruir. Portanto, mais acertadamente podemos aceitar a proposição de Laplanche e Pontalis (1982/2008) que sintetiza o pensamento freudiano a respeito da meta dos instintos de morte.

A noção de pulsão de morte foi introduzida em *Além do Princípio do Prazer* (*Jenseits des Lustprinzips*, 1920) num registro fracamente especulativo; mas, a partir desse texto [*Além do princípio do prazer*], Freud procura reconhecer os seus efeitos na experiência. Assim, nos textos posteriores, fala muitas vezes de pulsão de destruição, o que lhe permite assinalar mais exatamente a meta das pulsões de morte (p. 398, grifos nossos).

Em vez de uma exposição puramente descritiva, a discussão que levantamos até o presente momento visou chegar à uma definição do que seriam os instintos de morte em uma acepção mais pura possível, bem como diferenciar coisas que são muitas vezes tomadas como equivalentes, tais como o: instinto de morte e agressividade, instinto de morte e sadismo-masoquismo, sadismo-masoquismo e agressividade.

Retratando um panorama semelhante e com maior abrangência, pois incluem o problema do trauma, Andrade e Bezerra Jr. (2009) assinalaram o quanto estas noções são utilizadas de maneiras pouco precisas; argumento que fortalece a necessidade de toda a discussão desenvolvida nesta subseção.

Contudo, comumente confundido com conceitos freudianos que o tangenciam (como os de agressividade, trauma e pulsão de morte), o termo é frequentemente utilizado de forma imprecisa e com alcance e limite teóricos nem sempre bem definidos, o que resulta em uma visão pouco clara do problema ao qual se quer fazer referência (Andrade & Bezerra Jr., 2009, p. 447).

Outra razão para a discussão é a necessidade de diferenciar os conceitos que partem da hipótese de instinto de morte, pois dessa maneira se tornam mais claros os indicativos da junção e de disjunção entre os instintos primais, conceito que, segundo nossa opinião, serve

como um operador clínico por contribuir e facilitar o raciocínio em diversos fenômenos clínicos, dos quais podemos citar: o manejo clínico de paciente com demasiados traços caracterológicos, manejo de quadros dissociativos e traumáticos, a transferência dos neuróticos, entre outros, que se encontram definidos pelo problema da compulsão à repetição. O reconhecimento destas noções coloca-nos em caminho de afirmar com todas as palavras que o sadismo e o masoquismo são agressões sexualizadas, efeito de amálgamas entre os instintos de vida e de morte. Também abre-se para nós um melhor entendimento sobre o curso apontado por Mezan (1982b):

A série que obedece à lógica interna da teoria é a que vai da repetição à regressão, desta à pulsão de morte e daí à agressividade, implicando qualquer modificação da ordem constitutiva num beco sem saída para a continuidade do raciocínio (p. 264).

Pensamos desta maneira, pois a repetição de situações, entendida na proposição de Freud (1920/2017), de situações e vivências desprazerosas que o sujeito não consegue evitar, implica no caráter compulsivo que não é extinto pela repressão, pelo fato de que tal mecanismo levaria à certa degradação da libido. A esse respeito, Freud considera que “[...] a experiência clínica nos mostrou também que em muitos casos sucede, *em vez do habitual resultado de repressão, uma degradação da libido*, uma regressão da organização da libido a um estágio anterior” (Freud 1933b/2017, p. 226, *grifos nossos*). Concomitantemente à degradação da libido ou sua regressão desde estados de maior interação ou fusão com impulsos não libidinais, a estados anteriores do processo de desenvolvimento sexual, ocorreria a disjunção instintual. Perguntamo-nos o quão adiante pode seguir a disjunção, se ela pode chegar ao ponto em que possa ocorrer uma total separação dos instintos de vida e de morte. Nesse caso como seria possível rastrear os instintos de morte, que descobrirmos serem os responsáveis pela agressividade, haja vista que Freud (1923/2017, 1930/2017 e 1933b/2017) os descreve como silenciosos se não mesclados com os instintos de vida.

A posição que encontramos em Freud (1923/2017, 1930/2017) é a de que estes instintos primais nunca estão puros, há sempre algum grau de amálgama, como se verifica no recorte a seguir: “Ao mesmo tempo, a partir desse exemplo podemos suspeitar que as duas espécies de instintos raramente — talvez nunca — surgem isoladas uma da outra, mas se fundem em proporções diferentes e muito variadas, tornando-se irreconhecíveis para nosso julgamento”. (Freud, 1930/2017, p. 86).

Em síntese, esperamos que tenha sido possível, pela discussão apresentada, assentar o instinto de morte em uma direção que dará curso ao nosso pensamento na próxima seção.

Assim pensamos, pois os instintos de morte passam a ocupar o espaço de não-sexual, mas não enquanto uma função adaptativa como era ocupado pela agressividade oriunda dos instintos egoístas na primeira teoria dos instintos. Saber mais sobre os instintos de morte, tão controversos quando comparado com as outras teorizações freudianas, proporciona-nos fundamentos para discutir as relações dinâmicas produzidas pelas amálgamas entre o par antagonista, o sexual e o não-sexual, em diversas manifestações, tais como: o masoquismo erógeno, o sadismo e o masoquismo moral. Portanto na discussão que segue objetivamos compreender as referidas manifestações e paulatinamente analisar a dinâmica dos opostos.

3.2 Masoquismo erógeno, masoquismo moral e o sadismo: a teoria do apoio e a dinâmica sujeito-objeto como fundamentantes do sexual

Em continuidade à discussão dos instintos de morte, torna-se necessário agora pensarmos em algumas das inúmeras combinações que os referidos instintos podem realizar com Eros. Por esta via será possível obter uma boa caracterização das relações e da dinâmica que se estabelece entre a agressividade, o não-sexual, associada aos instintos de morte, com a sexualidade, oriunda dos instintos de vida ou Eros. Para tanto, os conceitos de junção e disjunção instintual são necessários para compreender a proposição de que os instintos primais não se manifestam de maneira pura. Isso não significa, porém, que as inúmeras amálgamas efetuadas seriam constantes. Se foi possível, na primeira teoria instintual, fundamentar que as mesclas entre o sexual e o não-sexual produzem derivações instintuais importantes para a explicação do masoquismo e sadismo, questionamos como as coisas podem ficar neste novo recorte, em que as amálgamas oscilam e permitem até propor um masoquismo moral, por exemplo.

A importância de estudar estes fenômenos não se reduz aos objetivos estabelecidos para este trabalho, mas pode ir além, especialmente se levantarmos o alcance clínico que esta teoria pode deter. É por meio desta compreensão que os inúmeros fenômenos³⁰ que podem ser associados à compulsão à repetição começariam a ganhar clareza e permitir o estabelecimento de alguns direcionamentos para quadros tão enigmáticos, especialmente por não encontrarmos

³⁰ - Embora não seja nosso objetivo aprofundar-nos nesta temática, é importante apontar sobre o que estamos nos referindo, mesmo correndo risco de ser repetitivo: quadros permeados por traços caracterológicos, quadros dissociativos e traumáticos, a transferência do neurótico, entre outros, entre os quais nos parece importante destacar aqueles que foram marcados pelo que Green (1988b) chamará de assassinato sem sangue – definido como um desinvestimento maciço no objeto primário, culminando no estabelecimento do Complexo da Mãe Morta.

ganhos tão aparentes na repetição. A citação abaixo esclarece o que estamos apresentando neste momento:

Todavia, foi a partir da observação da compulsão à repetição que Freud pensou em teorizar aquilo a que chamou pulsão de morte. De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. Mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, *o simples princípio de prazer não pode explicá-lo* (Roudinesco & Plon, 1998/1997, p. 631).

Conforme se lê na parte destacada da citação, encontrar-se-ia na compulsão à repetição algo que não pode ser explicado pelo princípio do prazer, alguma coisa que o guardião da vida não pode dominar. Como não é nosso objetivo apreender as transformações que sofre o conceito de princípio de prazer na obra, tomaremos como ponto de partida as discussões advindas da segunda tópica. Subentende-se que para chegar ao princípio do prazer é necessário que certos processos mentais estejam já assentados no plano de base, pois o ascender ao princípio do prazer requer o estabelecimento de algum domínio sobre o que se encontraria antes dele, aquilo designado como aquém e além do princípio do prazer. Segundo essa visão de desenvolvimento, mesmo no caso do princípio de prazer já ter sido estabelecido, é possível que ocorram desorganizações e desarticulações que podem levar o estado atual de volta ao antecessor. Desta maneira, para avançarmos no que objetivamos, é fundamental saber se as misturas entre os instintos podem culminar no estabelecimento do princípio do prazer ou manterá a vigência daquilo que Freud (1920/2017, 1924/2017) chamou de princípio do Nirvana. Resulta dessas considerações mais tardias de Freud a proposição de três princípios que regulariam o funcionamento do psiquismo, conforme se verifica na síntese abaixo:

Assim chegamos a uma pequena, mas interessante cadeia de relações: o princípio de *Nirvana* exprime a tendência do instinto de morte, o princípio do *prazer* representa reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio de *realidade*, a influência do mundo externo (Freud, 1924/2017, p. 187, *grifos do autor*).

A diferenciação entre estes poderia parecer estéril e sem justificativa, se não caracterizarmos estes princípios e se não compreendermos as sucessivas evoluções necessárias para possibilitar o salto de um regime de funcionamento para o outro. Detalhemos o que está sendo enunciado: para Freud (1924/2017) o princípio do Nirvana é suposto como aquele que regularia os processos instintuais primitivos, representando, sobretudo, as metas

dos instintos de morte, cuja finalidade seria a diminuição quantitativa da carga de estímulos rumo ao nível zero, ou seja, extinguir a tensão inerente à vida, retornar ao inorgânico. Diferentemente, o jogo nos termos do princípio do prazer, embora tenha correspondência com a diminuição quantitativa, passa a receber de Freud (1924/2017) a rubrica de diminuição qualitativa, conforme discutiremos abaixo. A modificação neste último princípio estaria associada ao desenvolvimento paulatino de tolerância à tensão interna, no aguardo do encontro de algo real (externo) para eliminar a tensão.

As evoluções que se situam entre estes princípios dependeriam de modificações nas amálgamas instintuais, sendo a primeira, a passagem de um estado primordial permeado pelo princípio do Nirvana para o estabelecimento do princípio do prazer. Essa passagem ocorreria em complacência à formação de junções que efetivamente levariam Eros a dominar Thánatos e subjugar-lo para que trabalhe subordinado às exigências da vida (Freud 1923/2017). Já a segunda passagem, a do princípio de prazer para o de realidade, pressupõe o aprendizado de uma tolerância provisória de alguma cota de tensão. Alinhando as transformações que estamos descrevendo, salta aos olhos como algo substancial o processo de sexualização ou erotização. Esse processo seria próprio do primeiro momento ao segundo, porque nos termos da teoria analisada, será interposta a meta qualitativa sobre a quantitativa³¹. Este movimento de junção pode ser contraposto com o movimento de disjunção, possibilitando equiparar a junção com a progressão dos processos psicosexuais a níveis cada vez mais elaborados e supostamente melhor adaptados, e disjunção com regressão dessas funções a estados anteriores.

Colocando estas ideias na sequência proposta por Mezan (1982b) e já anunciada neste trabalho, temos o seguinte encadeamento: repetição - regressão - instinto de morte - agressividade. Segundo pensamos, este encadeamento dá destaque ao conceito de regressão, importante para nossa discussão, pois serve de ponto de ancoragem para prosseguir em nossa análise das relações entre o não-sexual e o sexual. Portanto, para avançarmos em nossa discussão será necessário apresentar a seguir uma breve caracterização da regressão.

Em textos publicados por Freud, encontramos em *A interpretação dos Sonhos* (1900d/2017) uma concepção inicial de regressão, proposta para esclarecer, em particular, o processo de formação dos sonhos. Laplanche e Pontalis (1982/2006, p. 440) esclarecem que a regressão pode ser entendida em três perspectivas diferentes, no sentido tópico, sentido

³¹ - Esta afirmação faz menção a transformação que ocorre do desamparo para o estado do reconhecimento de elementos que representem perigo, ou a chamada angústia sinal. No primeiro estado, a meta é tida como quantitativa, pois obtém sua realização procurando descarregar o acúmulo de tensão via alucinação, grito e choro; enquanto no segundo a meta está correlacionada à manter o objeto.

temporal, e sentido formal. A primeira consistiria em regressões desde um sistema psíquico mais avançado à um sistema anterior; o segundo sentido designaria o retorno a etapas cronologicamente anteriores; e o terceiro indicaria a regressão desde formas mais elaboradas de organização e expressão dos processos psíquicos para formas primitivas. Como poderíamos pensar os processos regressivos se introduzirmos o novo entendimento freudiano sobre a fusão e disjunção dos instintos?

Ora, se por fusão ou mescla instintual supõe-se uma união cada vez maior entre os instintos, de modo que o aproveitamento libidinal (Eros) da agressividade (instintos de morte) tenderia à criação de formas mais elaboradas de expressão psíquica e comportamental, a desfusão dos instintos significaria uma liberação das tendências envolvidas. Ou seja, a disjunção instintual implicaria em separação de forças instintuais até então fusionadas, erotizadas. Em outras palavras, a disfunção dos instintos estariam intimamente ligada a processos regressivos. É a ideia que encontramos hipotetizada por Freud em *O Eu e o Id*: “Numa generalização rápida, conjecturamos que a essência de uma regressão libidinal, da fase genital à sádico-anal, por exemplo, *baseia-se numa disjunção instintual, e, inversamente, o avanço da fase genital inicial à definitiva tem por condição um acréscimo de componentes eróticos*” (Freud, 1923/2017, p. 52, *grifos nossos*). Posteriormente, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, publicado em 1926, Freud (1926/2017) reafirmará esse novo entendimento metapsicológico sobre a regressão, e de certo modo, destacando nessa concepção a disjunção instintual conforme se nota a seguir: “A explicação *metapsicológica* para a regressão eu enxergo numa ‘disjunção de instintos’, no afastamento dos componentes eróticos que, com o início da fase genital, haviam se agregado aos investimentos destrutivos da fase sádica” (Freud, 1926/2017, p. 50, *grifos do autor*).

Levando adiante a proposta de disjunção da libido, é possível inferir que ela se torna parcialmente liberta da meta e do objeto, e assim pode tomar cursos distintos, manejados pelo Eu, enquanto os instintos de morte que restariam no processo em questão seriam mantidos em mesma quantidade. Agora, porém, ligados à uma pequena parcela de libido que permaneceria não sublimada, pois ao menos em tese, os instintos de morte não ocorreriam de maneira pura, conforme discutimos na subseção anterior. Talvez possamos resumir essa ideia nos termos do próprio Freud (1930/2017, p. 89): “Nossa atual concepção pode ser expressa, de modo aproximado, dizendo que em toda manifestação instintual há libido, mas nem tudo nela é libido”.

Pensando no fenômeno da exteriorização agressiva e interpolando-o com uma visão geral do desenvolvimento do sujeito, teríamos que isso pode retratar um período muito inicial

da vida em que os instintos de morte ainda detém expressões perto da sua meta original, o que implica na possibilidade de hipotetizar que o princípio do prazer não teria se configurado como guardião da vida, ou o domínio do princípio de prazer ainda não seria estável, ocorrendo constantes regressões. Mas, também é possível conjecturar que numa pessoa relativamente desenvolvida, o princípio do prazer pode ser colocado fora de circulação ou temporariamente inibido, levando-nos à hipótese de que estas manifestações agressivas encontradas num adulto poderiam ser esclarecidas como baseadas na regressão e, conseqüentemente, numa disjunção instintual. Se essas conjecturas forem plausíveis, poder-se-ia dizer que a quantidade de libido envolvida no processo contrabalança as tendências agressivas, sendo a sexualidade, portanto, algo como um composto que aglutina e domina a agressividade ligada aos instintos de morte, inibindo-a em suas metas originais e interpondo-se à meta de Eros. Se quisermos ser pragmáticos, talvez seja possível pensar numa espécie de escala: quanto mais Eros, menos dominância da agressividade e menos manifestações como as repetições e menos agressividade; quanto menos Eros, maior intensidade da repetição e outras manifestações associadas aos instintos de morte e entre estas, como tentaremos mostrar abaixo, as mesclas de sadismo e masoquismo à caminho de suas metas originais³².

Resta-nos seguir em nossa discussão e ocuparmo-nos em responder, à luz dessa teoria, os fenômenos do masoquismo erógeno, do sadismo, e por fim o masoquismo moral. O masoquismo erógeno aparentemente não nos traz grandes enigmas em sua descrição, pois já o havíamos anunciado na seção anterior como sendo produto da ligação da libido com os instintos de morte, e o sadismo talvez não seja muito diferente desta definição, sendo o oposto, no caso ativo, quando em comparação com o masoquismo. Mas existem pontos delicados que devem ser discutidos sobre ambos e para tanto procederemos primeiro definindo-os sinteticamente para posteriormente abordá-los separadamente.

As colocações de Laplanche e Pontalis (1982/2006, p. 468) são bem claras e diretas a respeito deste assunto: “Num só movimento, a pulsão de morte, associando-se à libido, cinde-se em sadismo e masoquismo erógenos”. Estes processos encontram-se distantes do sadomasoquismo enquanto perversão, embora promovam ganhos erógenos no desempenho de seus intentos, mas não substituem essencialmente a meta sexual; talvez até seja possível dizer que, em certa maneira, o masoquismo e sadismo erógenos impulsionam ou auxiliam o alcance

³² - Está fora do objetivo deste trabalho estender a discussão para a prática clínica, mas não podemos deixar de notar o quanto este referencial que gira em torno da inteligibilidade do negativo parece orientar o entendimento de uma ampla gama de fenômenos clínicos, sobretudo o fenômeno da repetição, que podemos alocar próximo da meta original dos instintos de morte.

da meta sexual, não somente na perversão sadomasoquista, mas também em manifestações ordinárias, assim como vários pequenos afluentes alimentam grandes rios³³. A aparente simplicidade na descrição destes fenômenos não se estende à compreensão e explicação teórica dos mesmos, pois a descrição não tem obrigação de responder como a dor, sofrida ou gerada, é produtora de prazer nestes casos.

Começaremos com o masoquismo: neste ocorreria que a quantidade de excitação produzida pela dor pode converter-se em incremento da excitação sexual ou em prazer, e isto seria constatável sem grandes dificuldades em acontecimentos do cotidiano. Para melhor descrever e abordar o que estamos discutindo, parece ficar clara a diferença entre a descrição do fenômeno e a teoria quando abordamos um exemplo, que se não comum, é ao menos plausível: durante a atividade sexual a ocorrência de arranhões, se considerados desprazerosos, podem ser sentidos como afrodisíacos, aumentando a excitação sexual de quem é arranhado, podendo ser até mesmo sentido como prazeroso. Daí que se levanta a questão, pois se tradicionalmente, pela concepção econômica, o desprazer é sentido como aumento da excitação e o prazer como redução, como se explicaria o paradoxo econômico que há no masoquismo? Além da transformação de dor em prazer, como explicar o aumento da excitação que é sentido como prazeroso (no exemplo apresentado ou então em atividades sexuais preliminares), e não como incômodo? Convém nos atermos um pouco às questões propostas, pois ao clarificarmos os meandros do masoquismo, obteremos uma visão mais clara sobre as relações dinâmicas entre o sexual e o não-sexual na segunda tópica.

Talvez alguma resposta possa ser comportada pelas características da dor: nos termos em que é descrita pela teoria, a dor carregaria algum grau ou potencial erógeno em si? Numa discussão sobre a dor, pautada no texto *Além do princípio do prazer*, Monzani (1989c) pontua que esta é produzida por um excesso quantitativo que se depara com uma anticatexia, um investimento narcísico no órgão afetado que serve para frear o avanço da quantidade excessiva. Seria produzido um represamento da excitação e este, por sua vez, geraria a sensação de dor. Remontando ao que já havia sido definido no segundo capítulo desta dissertação, o investimento narcísico é efeito de certa cota de libido que é investida no Eu, particularmente no caso em questão, em certa parte do Eu que foi alvejada por algo que teria transpassado os limites de absorção e contenção dos estímulos pelos sistemas defensivos, o

³³ - Em certa maneira, estamos apresentando o lado contrário do que é explicitado pela metáfora do rio apresentada nos *Três ensaios*: “Acrescentamos ainda a explicação para a prevalência das inclinações perversas nos psiconeuróticos, vendo-a como preenchimento colateral de canais secundários quando há desvio do leito principal da corrente, devido à ‘repressão’, e nos voltamos para o exame da vida sexual na infância” (Freud, 1905/2016, p. 156).

para-excitação. Uma vez que este investimento consiga ligar a energia invasora, temos que todo o processo fica articulado ao princípio do prazer.

Embora nossa discussão não tenha nos brindado com a conversão de dor em prazer, ela trouxe consigo um possível argumento que pode explicar parcialmente o nosso problema: a dor leva investimento ao órgão em questão, portanto seria cabível conceber que este investimento pode ajudar a preencher os afluentes que desemboca no rio, ou seja, auxiliar na produção de excitação que será descarregada? Estamos inclinados, pela argumentação desenvolvida, à dizer sim para a questão, porém sabemos que esta pergunta é em si contingencial, nem a pergunta e a resposta dada podem responder o problema maior: em termos metapsicológicos como se explicaria a transformação de dor (grande quantidade de excitação) em prazer?

Este enigma, do prazer na dor, é um problema levantado por Freud (1924/2017), mas cuja resposta definitiva não é dada, embora fique anunciado que o prazer estaria ligado a fatores qualitativos e não somente quantitativos, conforme destacamos abaixo:

Ao que parece, sentimos o aumento ou decréscimo dos montantes de estímulos diretamente na série dos sentimentos de tensão, e não há dúvida de que existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas. O estado de excitação sexual é o mais claro exemplo de um aumento de estímulos assim prazeroso, mas certamente não é o único. Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso. *Parece que não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica dele que só podemos designar como qualitativa. Estaríamos bem mais adiantados na psicologia, se soubéssemos indicar qual é esse traço qualitativo.* Talvez seja o ritmo, o transcurso temporal das mudanças, elevações e quedas da quantidade de estímulos; não o sabemos. (Freud, 1924/2017, pp. 186-187, *grifos nossos*).

Dado o caráter enigmático do fator qualitativo, apontado na citação por Freud (1924/2017), como sendo da ordem do ritmo e/ou elevação e rebaixamento de excitações, tentaremos problematizá-lo recorrendo a alguns conceitos relacionados à certos contornos presentes em sua descrição do masoquismo erógeno. Buscaremos elementos no contexto primitivo da vida do indivíduo em que o fator quantitativo impõe-se de forma brutal, persistindo até que realizações advindas do exterior ajudem a promover a redução das excitações.

Segundo descrições de Freud (1926/2017), as manifestações nesse tipo de situação marcada por excessos de excitação, designadas como angústia, tiram os seus protótipos da vivência do nascimento. Com base nesse modelo, todo desenvolvimento posterior crescente

de excitação será sentido com ameaçador, produzindo de maneira automática a angústia. Esta seria a essência da angústia automática. O bebê se encontra no estado de desamparo [*Hilflosigkeit*] (Freud, 1926/2017, p. 80), não pode nem acudir a si mesmo, e neste vigora o fator quantitativo que elicia a resposta de angústia. Posteriormente, com os cuidados maternos, a produção e expressão da angústia não ficaria vinculada exclusivamente aos fatores quantitativos, ou seja, apenas ao aumento de excitação, mas passaria a ligar-se à condição de perder o objeto amado, caso em que o infante ver-se-ia remetido ao seu estado inicial de desamparo. Consequentemente, emergiria na situação vivenciada como eminência de perda uma angústia entendida por Freud como um sinal reativo à falta do objeto reconhecido como capaz de sanar a situação de calamidade. Está seria o que Freud (1926/2017) denomina angústia-sinal, ou sinal de angústia. Nas palavras do autor:

Tendo-se constatado que um objeto externo apreensível pela percepção pode pôr fim à situação perigosa que lembra o nascimento, *o teor do perigo se desloca da situação econômica para sua condição, a perda do objeto*. A falta da mãe torna-se perigo; tão logo este surge, o bebê dá o sinal de angústia, ainda antes que se instale a temida situação econômica. Essa transformação constitui um primeiro grande avanço no desvelo pela autoconservação, e ao mesmo tempo compreende a transição do automático e involuntário ressurgimento da angústia para a sua deliberada reprodução como sinal de perigo (Freud, 1926/2017, pp. 79-80, *grifos nossos*).

Parece-nos ser plausível propor uma compreensão do fenômeno do masoquismo erógeno por meio de compreensão da condição do bebê, conforme grifada na citação acima. Estamos propondo que interpor o objeto mãe frente ao desamparo [*Hilflosigkeit*] direcionamos ao estabelecimento de uma camada psíquica sobre os destinos das excitações que advém do soma. Isto poderia ser esquematicamente representado pela entrada de um novo coparticipante na regulação da angústia, adicionando algo junto ao fator quantitativo, sendo talvez este novo fator o qualitativo, cuja ênfase é a percepção externa do objeto com a finalidade de obter segurança quanto à ameaça instintual vivida no desamparo. Referimos o vínculo com o objeto como correlacionado ao fator qualitativo na regulação dos processos mentais em decorrência de nossas conclusões na seção anterior, que apreenderam o aumento de Eros nos processos mentais como consequência da satisfação dos ímpetus autoconservativos, e quase há pouco compreendemos que o aumento de Eros pode fazer passar de um modelo de funcionamento pautado na extinção da excitação, princípio de nirvana, para o princípio de prazer.

Esta possibilidade de interpretação do fator qualitativo não teria correspondência direta com aquilo que Freud se referia como ritmo ou outras alterações do tipo, mas com a

tolerância da dor e do incômodo ou então da conversão da tensão em prazer em nome do objeto amado. Essa hipótese parece ser um possível caminho para explicar o masoquismo erógeno, sobretudo se formos capazes de aproximar o masoquismo erógeno com o feminino, pois neste último, como destacado por Freud (1924/2017), as agressões devem advir de um objeto amado ou idealizado.

Outra razão que justificaria essa aproximação estaria nas próprias características encontradas no masoquismo feminino. Neste, o sujeito adota uma conduta infantil que remontaria aos tempos do desenvolvimento em que a criança é carente, depende do objeto amado, podendo ansiar por uma punição, como se verifica em Freud (1924/2017), talvez como forma de não perder o objeto. Para sustentarmos esse ponto de vista somos socorridos por considerações já apresentadas neste trabalho, em particular alguns desenvolvimentos feitos no primeiro capítulo. Ali, realizamos algumas discussões passando pelo texto *Totem e Tabu* e mostramos como os filhos da horda primeva necessitavam manter vivo, enquanto um ideal, o pai assassinado, sujeitando-se a ele. Em consequência levantamos a hipótese de que a não sujeição remeteria à ameaça de perda do objeto amado, provocando angústia, enquanto a submissão, por mais que fosse por uma via dolorosa, seria vivenciada como prazerosa por ver assegurado o amor do objeto paterno. De maneira semelhante, Freud (1930/2017) discorre sobre a posição do religioso, compreendendo que para muitos a submissão ao ideal (o Pai ou o Senhor) mediante sofrimento se configura como possibilidade de fonte de prazer, conforme grifamos abaixo:

Existem, como, desejos, muitos caminhos que podem levar à felicidade, tal como é acessível ao ser humano, mas nenhum que a ela conduza seguramente. Tampouco a religião pode manter a sua promessa. *Quando o crente se vê obrigado a falar dos “escrutáveis desígnios” do Senhor, está admitindo que lhe restou, como última possibilidade de consolo e fonte de prazer no sofrimento, apenas a submissão incondicional.* E se está disposto a isso, provavelmente poderia ter se poupado o rodeio (Freud, 1930/2017, p. 42-43, *grifos nossos*).

Nossas hipóteses, se corretas até aqui, levam-nos para um compromisso longínquo, pois na nossa atual proposta o masoquismo erógeno se apresenta como elemento privilegiado que pode ajudar a melhor compreender o sadismo e o masoquismo moral.

No masoquismo feminino encontramos um jogo de submissão em que o sujeito se porta como uma criança levada e é punida por alguém, sendo esta uma posição que encontramos em Freud (1924/2017), conforme se nota na citação abaixo. A aproximação

entre as duas formas de masoquismo parece se justificar por comportar sempre a necessidade de uma relação entre a criança e um ser superior, que é fantasiada ou realizada.

Os desempenhos reais de pervertidos masoquistas [Freud está descrevendo o masoquismo feminino] coincidem inteiramente com as fantasias, quer sejam realizados como fim em si, quer sirvam para induzir a potência e levar ao ato sexual. Nos dois casos – os desempenhos são, afinal, apenas realização das fantasias em forma de jogo – o conteúdo manifesto é: ser amordaçado, amarrado, golpeado, chicoteado de maneira dolorosa, maltratado de algum modo, *obrigado à obediência incondicional, humilhado*. Muito mais raramente, e com grandes restrições, veem-se incluídas também mutilações nesse conteúdo. *A interpretação imediata, comodamente alcançada, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especialmente como uma criança malcomportada* (Freud, 1924/2017, p. 188-189, *grifos nossos*).

No nível das hipóteses dinâmicas, se não podemos tomar o grifado acima como aquilo que confirma a nossa concepção de que o caráter erógeno deve estar ligado a aspectos relacionais, devemos apontar algo de mesma magnitude para se somar com outros argumentos. Portanto, parece possível afirmar que o masoquismo feminino tem como fundamental a necessidade de ao menos dois personagens, a criança e o objeto de amor, ainda que todo o investimento feito nos papéis dos participantes seja puramente fantasioso. Por se tratarem de fenômenos sexuais, essas formas de masoquismos (erógeno e feminino) diferenciam-se do moral, nos termos tratados por Freud (Freud, 1924/2017). O autor considera que, nesse último, o caráter sexual teria desaparecido em decorrência do estabelecimento das identificações que, segundo Freud (1923/2017), produzem a dessexualização. Assim, a relação objetual também desapareceria, culminando em investimento narcísico, porém, ligeiramente diferente do que foi tratado em *Luto e Melancolia*, (Freud, 1917/2017), pois as hipóteses de agora envolveriam uma nova dualidade instintual. Nosso argumento acerca do estatuto relacional do masoquismo também é sustentado pela citação abaixo:

A terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, é digna de nota principalmente por haver atenuado sua relação com aquilo que reconhecemos como sexualidade. *Em todos os demais sofrimentos masoquistas há a condição de partirem da pessoa amada e ser tolerados por ordem sua*; tal restrição é posta de lado no masoquismo moral. O que importa é o sofrimento mesmo; se ele é infligido por uma pessoa amada ou qualquer outra não faz diferença [...] (Freud, 1924/2017, p. 194, *grifos nossos*).

No nível instintual, conforme já estabelecido páginas atrás, o masoquismo erógeno adviria da fusão dos instintos de vida e de morte. É complicado dizer quando ocorreria tal

junção, pois nos termos em que temos trabalhado, admitimos que ambos instintos não ocorrem de maneira separada, mas nem por isto a cota das junções será sempre constante. Daí derivamos um imbricamento entre a nossa concepção dinâmica e instintual com o seguinte problema: o objeto mãe poderia ser, senão o fator que leva a esta ligação, o fator que incrementa o grau erógeno desta fusão? Estamos inclinados a dizer que sim, pois na medida em que Eros estende seu domínio sobre o instinto de morte, aumentaria o grau de erogeneidade do processo em foco. Disto resulta que os vínculos, sejam fantasiosos ou reais, devem ser mantidos para a resolução da excitação, quem sabe intensificados.

Para tentar reforçar nossa construção sobre o caráter relacional do masoquismo, poderíamos buscar sustentação no 2º capítulo desta dissertação. Analisamos naquele lugar o segundo tempo da fantasia sadomasoquista presente em *Batem numa criança*, cuja interpretação levantou a possibilidade de identificação da criança fantasiadora com aquele que apanha no primeiro tempo da fantasia. Isso ocorreria mediante uma introjeção da figura do pai agressor: a fantasiadora internalizaria a figura paterna, de maneira que a agressão emanada do pai encontraria expiação pelos desejos incestuosos. A punição tornou-se um substituto regredido para a atividade incestuosa e permite continuar o amor, ainda que deva renunciar ao objeto. Desse contexto, ainda é possível, como se fosse um crochê, ir desmanchando os nós que pareceriam, num primeiro olhar, enigmáticos, pois o segundo tempo da fantasia sadomasoquista configurar-se-ia por advento de transformações narcisistas pela introjeção dos objetos. Assim, o sujeito se põe em condição de humilhação-sofrimento-dor por viabilizar fantasias que o aproximam do amor a que não pode renunciar, portanto, permitindo de maneira regressiva a satisfação do que havia sido reprimido – a relação incestuosa.

O masoquismo, seja erógeno ou feminino, pelos caminhos que estamos conjecturando, é marcado pela produção de prazer, ainda que a seja experimentando um aumento de excitação, desde que seja mantida uma relação objetual real ou fantasiosa com o objeto idealizado. Esta concepção relacional pode ser aferida na (re)caraterização feita por Freud (1924/2017) sobre o desenvolvimento da libido, pois para melhor explicar o masoquismo erógeno, o autor interpõe que este haveria sido formado por uma cota de autoagressividade tingida pela libido presente no sujeito e que representam diversas formas da sexualidade infantil, todas elas fazendo menção à relações com os objetos idealizados.

O masoquismo erógeno partilha todas as fases de desenvolvimento da libido, delas tomando as variadas roupagens psíquicas que assume. O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) procede da organização oral primitiva; o desejo de ser surrado pelo pai, da fase sádico-anal que a ela sucede; a castração, embora depois negada,

introduz-se no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio fálico da organização; *as situações em que o indivíduo é possuído ou dá à luz*, características femininas, derivam naturalmente da organização genital final (Freud, 1924/2017, p. 193, *grifos nossos*).

A ênfase em nos estendermos nas discussões deve-se à pressuposição que pensa o masoquismo erógeno como etapa primordial que fornece boas pistas para as discussões desse final de capítulo, em particular no problema do sadismo e do masoquismo moral. A problemática do masoquismo não ocupa um espaço de pouco valor, nem tampouco é concebido como algo isolado de outros componentes dos processos mentais, tanto é que Freud (Freud, 1924/2017) toma-o hipoteticamente como constitucional: “O primeiro, o masoquismo erógeno, o prazer na dor, também está na base das duas outras formas; *ele deve ter fundamento biológico e constitucional*, e permanece incompreensível se não nos resolvemos a formular suposições acerca de pontos bastante obscuros” (Freud, 1924/2017, p. 188, *grifos do autor*).

O sadismo propriamente dito partiria, seguindo a aceção que tomamos de Laplanche e Pontalis (2008), da união entre os instintos de vida e de morte que o gerariam em concomitância com o masoquismo. As construções aqui desenvolvidas indicam que o movimento que cinde os instintos agressivos erotizados em masoquismo e sadismo dar-se-ia ou seria fortalecido após o estabelecimento da relação objetal entre criança e mãe.

Se no masoquismo, identificamos o caráter de prazer na dor como uma maneira de conservar a relação em questão, criança-mãe, será que o sadismo fundaria algo novo ou traria alguma alteração à visão proposta ao masoquismo? O esclarecimento dessa questão talvez forneça pistas sobre o masoquismo moral, por duas razões que parecem amarradas pelo mesmo fenômeno: a primeira se refere àquilo que é anunciado por Freud (1924/2017, 1930/2017), acerca do retorno do sadismo (não realizado ou reprimido) que resulta no masoquismo secundário, somando-se ao primário (erógeno) e produzindo a busca por alguma forma de agressão ou punição; a segunda se refere ao gozo masoquista que há no sadismo, gozo que ocorreria por identificação com aquele que sofre, conforme argumentos já desenvolvidos desde o final do segundo capítulo.

O problema econômico do masoquismo giraria em torno da incoerência em relação ao fator quantitativo: mais dor seria equivalente de mais prazer. O sadismo, embora articulado de maneira diferente, não escaparia do mesmo tipo de problema, inclusive objetamos que, em termos quantitativos, o sadismo é capaz de agregar menos excitação quando comparado com o masoquismo. Isto, pois, ser agredido geraria mais dor do que agredir, portanto ser agredido

produziria mais excitação marginal do que agredir. Ser agredido tem por excelência mais potencialidade erógena do que agredir, mas pensamos, e já argumentamos no final do capítulo anterior, que não poderia ser evitado algum tipo de prazer pela dor gerada em si mesmo ao agredir. Disto derivamos que o sadismo leva ao masoquismo, à medida em que para agredir, é necessário usar do corpo e inevitavelmente são causados danos e dor em si mesmo. E esta por sua vez levaria à produção de excitação sexual e prazer, demonstrando a inversão do sadismo em masoquismo secundário, como apontado por Freud (1924/2017, 1930/2017).

Numa rápida generalização pareceria simples dizer que o sadismo seria a forma ativa quando comparada ao masoquismo e que só isto bastaria para abordar o tema. Mas ao considerarmos o masoquismo a partir de uma problemática relacional, ou seja, referente à sexualidade, seremos compelidos a fazer o mesmo com o sadismo, e nisto encontramos uma dinâmica muito pertinente e particular: na nossa interpretação do masoquismo, a dor é geradora de prazer, desde que o sujeito não seja colocado em situação de desamparo [*Hilflosigkeit*]; no caso do sadismo valeria o inverso, prazer em gerar dor enquanto o sujeito ativo não seja igualmente colocado na situação de desamparo. Com o acréscimo, porém, de que seja escondida ou negada a posição de dependência para com o objeto. Segundo pensamos, se a dependência em relação ao objeto fosse tão clara ao sujeito, ela o inibiria em seus intentos sádicos, que voltariam em direção a si mesmo para conservar a relação com o objeto e poderiam colocá-lo numa posição masoquista.

Talvez possamos esclarecer melhor a influência exercida sobre os intentos sádicos pela dependência do sujeito em relação ao objeto, se retomarmos algumas ideias de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913b/2017). Se no mito da horda primeva a dependência para com o pai fosse clara aos filhos parricidas, a agressividade-sadismo geraria um conflito de antemão e quiçá eles já se resignariam antes mesmo de cometerem o crime. Destas particularidades do sadismo, é possível concluir que o grau de erogeneidade envolvida proviria da parasitagem junto ao masoquismo, pois é pelo retorno e identificação com o objeto idealizado que o sádico alcançaria o gozo, assumindo uma posição masoquista e de dependência que ele nega. Negando a importância psíquica do objeto, reafirma-se o lugar de ideal ou a soberba frente ao objeto, de maneira que o sádico pode se renovar como um ideal.

Seria necessário tornar mais claro os fundamentos metapsicológicos desse fenômeno, pois o sadismo carrega em si uma grande contradição: quer destruir o objeto e ainda assim mantê-lo, conforme bem elucidado por Laplanche e Pontalis (2008) numa citação já apresentada que convém ser reproduzida:

Como conceber a ligação entre o sadismo e o erotismo anal? O sadismo, bipolar por natureza – *visto que visa, contraditoriamente, destruir o objeto e mantê-lo, dominando-o* –, encontraria a sua correspondência privilegiada no funcionamento bifásico do esfíncter anal (evacuação-retenção) e no controle deste (p. 186, *grifos nossos*).

Parece-nos lícito ver nestas fantasias sádicas algum gérmen daquilo que um dia será a ação do Super-eu, pois, se o concebemos como Freud (1923/2017, 1930/2017) propõe, depararemos com o conceito de identificação, mecanismo pelo qual a figura de autoridade seria internalizada. Não faria sentido falar que o Super-eu teme perder o objeto³⁴, mas não podemos deixar de notar a posição angustiada que o Eu adota frente ao Super-eu, e que este último resultaria de uma diferenciação que produz uma gradação no interior do próprio Eu, ou seja, é constitutivo do Eu. Desta maneira, é possível pensar que o Super-eu é efeito do narcisismo que teria incorporado e introjetado o objeto de amor perdido e que este teria se voltado contra o Eu, de maneira que o vínculo original com o objeto e os investimentos feitos sobre este retornam, sendo agora satisfeitos no Eu. Nesta via de pensamento, pouco podemos diferenciar o Eu e o Super-eu, e em certo sentido, ambos parecem se complementar – ainda mais se pensarmos no chamado masoquismo moral.

Uma pergunta que levantamos e que de início não pareceu ter nenhuma relação com o problema do sadismo e do masoquismo moral foi: o Super-eu fornece amparo ao desamparo do Eu? Estamos inclinados a responder que sim, pois o problema do sentimento de culpa é uma variação das formas de angústia, conforme Freud (1930/2017) aponta: “Talvez seja aqui bem-vinda a observação de que o sentimento de culpa nada é, no fundo, senão uma variedade topográfica de angústia, e em suas fases posteriores coincide inteiramente com o *medo ao Super-eu*.” (Freud, 1930/2017, p. 108, *grifos do autor*). Pensamos que a variedade topográfica a que Freud se refere está ligada fundamentalmente aos processos econômicos, sendo estes os mais primitivos possíveis e que vão evoluindo conforme a produção de angústia passa a ser regulada pela condição de desamparo do infante. Agora nos deparamos com a possibilidade de afirmar que a angústia frente ao Super-eu é uma derivação das demais angústias – com isto não queremos apagar o peso da angústia de castração neste problema abordado e reconhecemos que a mesma é uma variação das anteriores –, pois a angústia frente ao Super-

³⁴ - Como dissemos no início, quem guarda a vida e sente o que se passa internamente é o Eu, a sede da angústia, na expressão de Freud (1923/2017). Mas é o próprio autor que nos alerta ressaltando que esta definição não segue inatacável, pois há um ponto do Eu que se mistura com o Id, e da mesma maneira podemos pensar que o Super-eu e o Eu formam muitas vezes mistos que não permitem separação clara do que é de um ou do outro.

eu deve ser oriunda do medo de perder o amor do objeto, que nos remete longitudinalmente ao desamparo.

Outra razão que permite aproximar as fantasias sádicas e o Super-eu são suas origens, a introjeção do pai e identificação paulatina. O que vai diferenciar ambas as tendências, sádicas e agressivas do Super-eu, é o que Freud (1924/2107) chama de dessexualização, que estaria na base do processo de identificação. Daí, portanto, teríamos que nos processos narcísicos que dão forma ao Super-eu haveria menos vigência de Eros sobre a amálgama entre os dois instintos primordiais, sendo a atividade da instância superegóica não só mais silenciosa, como também mais agressiva, porém, não necessariamente sádica, ainda que alguma cota de Eros esteja presente. Convém hipotetizar que a dessexualização do processo fundador do Super-eu, e também quaisquer outros processos, não seria plena, pois conforme palavras de Freud que convém reapresentar: “Nossa concepção pode ser expressa, de modo aproximado, dizendo que em toda manifestação instintual há libido, mas nem tudo nela é libido” (Freud, 1930/2017, p.89).

O masoquismo moral é um dos desdobramentos da dinâmica que estamos salientando entre o Eu e o Super-eu. Podemos defini-lo como não tendo relações claras com a sexualidade e tampouco com algum objeto, desta maneira, o masoquista moral seria, segundo Freud (1923/2017), aquele que oferece a face quando se faz presente a oportunidade de receber a bofetada. Trata-se do sofrimento pelo sofrimento, não haveria gozo sexual nisso, mas ainda assim o sujeito não pode evitá-lo. Nas colocações de Freud:

A terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, é digna de nota principalmente por haver atenuado sua relação com aquilo que reconhecemos como sexualidade. Em todos os demais sofrimentos masoquistas há a condição de partirem da pessoa amada e serem tolerados por ordem sua; tal restrição é posta de lado no masoquismo moral. O que importa é o sofrimento mesmo; se ele é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer não faz diferença; pode ser causado também por poderes ou circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada (Freud, 1924/2017, p. 194).

Encontraremos, como partes componentes desta forma de masoquismo, o masoquismo do Eu e o sadismo do Super-eu, segundo Freud (1923/2017, 1924/2017), em confluência, produzindo uma necessidade de punição sem que haja qualquer gozo sexual atrelado, conforme se encontra também anunciado na citação anterior. Perguntamo-nos se seria adequado falar de masoquismo e sadismo neste contexto, pois no caso do masoquismo do Eu, pouco podemos atribuir à conduta de buscar punição e expiação ao caráter sexual. Esse

masoquismo não parece desempenhar uma função erógena de tal forma que a sua fração de libido seria muito pequena, sinalizando a presença de identificações no Eu que conservariam a necessidade de deter uma figura idealizada dentro de si. Esta conduta do Eu seria complementada pelo Super-eu, sendo este fundado pela dessexualização e, conseqüentemente, deteria pouca libido em seus processos, o que produziria manifestações mais próximas da meta agressiva, não-sexual, advinda de dessexualização, do que da sádica, repleta de atividade sexual.

Essas considerações seriam decorrência das discussões desenvolvidas, que revelaram uma grande separação entre os instintos sexuais e os não-sexuais na obra freudiana, de maneira que palavras como sadismo ou masoquismo foram analisadas seguindo a rubrica do sexual. Não estamos a criticar Freud, nem tampouco a mudar o que já foi dito, estamos tentando construir uma leitura sobre pontos que nos são obscuros, dentre os quais concordamos com Freud (1930/2017) que pouco podemos saber das mesclas se elas não são tingidas pela libido. Portanto, ao abordar o problema do masoquismo moral deparamo-nos com essa coisa obscura que pouco se manifesta com clareza e que, segundo Freud (1923/2017, 1924/2017), só é percebida por meio das mais árduas resistências que fazem atestar que o paciente requer sofrer, não pode renunciar a qualquer possibilidade de sofrimento.

O motor desta enigmática forma de masoquismo é, segundo Freud (1924/2017), o sentimento de culpa inconsciente que se expressa numa reiterada necessidade de punição. Não obstante, encontraríamos no pensamento de Freud (1923/2017, 1926/2017) que a origem dessa compulsiva necessidade estaria ligada à masturbação infantil, que acha desafogo para as paixões oriundas do Complexo de Édipo. Isto parece reafirmar a concepção de que no caso do masoquismo moral haveria muito pouco de sexual, e muito mais de instinto de morte. Isso estaria relacionado à origem do masoquismo moral, que se encontraria na dessexualização das relações edípicas que teriam culminado na destruição do Complexo de Édipo. Para usar uma expressão de Freud (1923/2017), como um momento à derrocada edípica teria se levantado em seu lugar um eterno conflito entre o Eu e o Super-eu, conflito que entre outras formas expressar-se-ia na submissão do sujeito às mais diversas formas de punição e sofrimento possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de abarcar a agressividade na obra freudiana levou-nos a uma divisão do objeto em três recortes distintos. Ainda que tivéssemos clareza do que iríamos estudar, faltava-nos, no início de nosso projeto, a clareza de como seríamos capazes de abordar o objeto. Mediante reflexão paulatina e desenvolvimento das leituras, das quais destaca-se *Vida e morte em Psicanálise*, de Laplanche (1985), a nossa empreitada tornou-se possível, pois começamos a aderir à formulação de que a agressividade figuraria na obra freudiana, desde seus primórdios, como um ímpeto distinto da sexualidade. Porém, agressividade e sexualidade podem mesclar-se, levando a diversas manifestações, das quais demos destaque e desenvolvemos, nos recortes propostos, a moralidade, o masoquismo e o sadismo.

Longe de esgotar as discussões à respeito da agressividade na obra freudiana, observamos que nos três recortes desenvolvidos, as formulações a respeito da moralidade, sadismo e masoquismo, são semelhantes, ainda que o conjunto conceitual que os endosse não seja. Isto parece demonstrar que Freud teria se deparado com fenômenos que considerou importantes na prática clínica, e ainda que tenha reformulado o corpo conceitual com a finalidade de maior refinamento e potencial de explicação dos fatos clínicos, manteve vivo, ao longo de suas reflexões, o interesse em compreender os mesmos fenômenos. Assim sendo, somos compelidos a crer, conforme Monzani (1989b) já havia demonstrando, que a psicanálise freudiana se assemelha a uma longa gestação conceitual, na qual os conceitos vão sendo lentamente reordenados e refinados no encadeamento teórico, mas não abandonados.

Em nosso primeiro recorte teórico, compreendido pelo período de 1897 até a *Introdução sobre o narcisismo* de 1914, verificamos a existência de poucos desenvolvimentos teóricos a respeito da mescla entre os instintos sexuais e a agressividade. Em grande parte, isto se deve à não clara elucidação dedicada ao conceito de narcisismo, que é trabalhado em 1911 no *Caso Schreber* e aprofundado em 1914, com um texto dedicado a temática. É verdade que antes de 1911 já se encontrava, no texto freudiano, referências à mesclas entre os instintos, como demonstramos em uma passagem de 1907 sobre os ritos religiosos e práticas obsessivas.

Tipificamos que o aparecimento da agressividade em suas variações, hostilidade, ciúmes, resistência ao processo analítico, etc. eram explicadas quase que exclusivamente pelo egoísmo que serve ao Eu e seus interesses, sendo indubitavelmente um desses interesses não vivenciar sentimentos desprazerosos. Isto nos permitiu afirmar que a maioria das aparições da

agressividade parece servir à finalidade de defesa do Eu. Portanto, neste primeiro período a agressividade é tomada majoritariamente num sentido oposto ao sexual, figurada quase que exclusivamente como algo não-sexual. A maior exceção nessa pesquisa foi o problema da moralidade que denotou carregar traços masoquistas.

A escolha de dividir o período compreendido como primeira tópica do aparelho psíquico em dois recortes fez-se necessário para destacar as transformações na teoria do conflito instintual, privilegiando as discussões que surgem por intermédio da concepção de que o Eu pode ser o destino dos instintos sexuais. Assim, no segundo capítulo, ao estudarmos as relações entre a sexualidade e a agressividade, aprofundamo-nos sobre o complexo mecanismo de mescla dos instintos do Eu com os instintos sexuais, possibilidade que foi aberta pelo conceito de narcisismo. A partir daí, passamos a entender alguns motivos teóricos que colocam o problema da moralidade com contornos fundamentalmente masoquistas: trata-se do retorno dos instintos agressivos que ao chegarem ao Eu, mesclando-se aos sexuais, fundam o masoquismo. Especificamente no caso destes instintos agressivos mesclados com a sexualidade, o que retorna ao Eu é o instinto de apoderamento. É importante destacar que o movimento de retorno à pessoa também é responsável por fomentar a sexualidade infantil, pois ela se apoiaria nas funções vitais que são satisfeitas por meio dos instintos do Eu que busca objetos capazes de saciá-las.

Durante o desenvolvimento de nossas reflexões, acolhemos a proposição de Laplanche (1985a) a respeito do uso dos termos sadismo e masoquismo na obra freudiana. Para este autor, Freud muitas vezes desliza ao utilizar os referidos conceitos de um sentido sexual para o não-sexual, ou o contrário, o que pode levar à necessidade de entendermos, contextualmente, o que está sendo anunciado mediante recapitulação da noção de apoio da sexualidade infantil. Ao adotarmos essa posição, concordamos com Laplanche (1985a) que é possível ligar duas grandes obras de Freud, *Instintos e seus destinos*, de 1915 e *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, e fazer dissipar certas diferenças para então percebermos que a concepção de que o sadismo seria primário, quando comparado com o masoquismo, na primeira teoria dos instintos, pode levar a equívocos na interpretação da obra, haja vista que o suposto sadismo primário dificilmente pode ser tipificado como sexual, mas se assemelharia à agressividade não-sexual do instinto de apoderamento. Foi possível levantar que o masoquismo tem por excelência a característica erógena, pois, assim como a sexualidade infantil é fomentada pelo retorno dos instintos de autoconservação, o masoquismo é gerado pelo retorno a própria pessoa do instinto de apoderamento. Já o sadismo envolve mais outra derivação instintual que compreende o investimento no objeto das tendências mescladas que

fundaram o masoquismo, ou seja, um “segundo retorno do masoquismo sobre o objeto” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 399).

Destacamos por fim que a identificação, fundadora do ideal, seria uma maneira de conservar o amor quando se é obrigado a renunciar o objeto. Logo, encontramos que a identificação consiste em uma derivação instintual que faz retornar sobre o sujeito aquilo que era investido no objeto repetindo, numa relação narcísica, o que era buscado na relação com o objeto. Com isto encontramos também que a dinâmica entre o sexual e não-sexual, da agressividade, masoquismo e sadismo, respectivamente, é de extrema importância para compreensão dos problemas oriundos da psicologia das neuroses e das afecções narcísicas, por explicarem as derivações instintuais e posições cambiáveis da produção fantasiosa referente à agredir e ser agredido.

Em nosso terceiro capítulo, as discussões produzidas objetivaram dar continuidade ao que já havia sido desenvolvido no segundo capítulo, mas para tanto foi necessário discutir a segunda teoria instintual proposta em 1920, por Freud. Quanto à Eros, não havia muito que acrescentar; a novidade eram os instintos de morte que passavam a suportar de maneira autônoma a agressividade, portanto, esta já não mais era vista como correlacionada aos instintos do Eu, e não deteria a finalidade adaptativa ou sexual. Fez-se necessário uma longa argumentação, analisando o sadismo e o masoquismo, para lançarmos uma apreensão dos instintos de morte.

Evidenciamos em seguida que os instintos de morte, bem como os de vida, não se manifestam de maneira separada e atribuímos as mesclas constituídas às relações estabelecidas com os objetos. Por meio deste desvelamento compreendemos o masoquismo como um apego ao objeto com a finalidade de evitar a vivência de desamparo. Com isto foi possível definir, mais profundamente, o masoquismo erógeno para então fundamentar as demais formas (o secundário e o moral) e o sadismo.

Para entender as relações estabelecidas entre o Eu e o Ideal do Eu, fez-se necessário entrever o conceito de identificação pelo prisma da dessexualização, que por sua vez promove a possibilidade de uma expressão mais livre para os instintos de morte. Esse processo parece fundamentar, teoricamente, as explicações para as seguintes manifestações clínicas: compulsão à repetição, retorno do traumático, reação terapêutica negativa, bem como parece oferecer elementos para o entendimento dos traços caracterológicos de tão difícil manejo.

Bem cientes das limitações presentes nas discussões levantadas, estamos crentes que foi possível apreender, de maneira panorâmica, a agressividade na obra de Freud e lançar discussões sobre as principais manifestações (masoquismo, sadismo e moralidade).

Observamos que tanto na primeira tópica do aparelho psíquico, como na segunda, encontramos a explicação do par masoquismo-sadismo nas concepções referentes às mesclas instintuais. Também foi curioso encontrar que desde muito amiúde a moralidade é vista com traços masoquistas.

Observando de maneira panorâmica o trabalho que foi desenvolvido nesta dissertação, percebemos e concordamos com Monzani (1989b) que a obra de Freud pode ser vislumbrada por meio da noção de desenvolvimento ou até mesmo ser entendida como uma lenta gestação conceitual. Nas palavras do autor:

A Psicanálise freudiana parece ter sido muito mais uma lenta gestação conceitual onde as noções foram retificadas, precisadas, repensadas ou explicitadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições fornecidas pela prática clínica. Hesitações, oscilações, abandonos temporários? Tudo isso houve, sem dúvidas. Mudanças radicais e definitivas? Tudo parece indicar que não. Pelo menos nos casos paradigmáticos³⁵ que examinamos neste trabalho (Monzani, 1989b, p. 302).

Assim, portanto, ao analisarmos a agressividade ao longo de aproximadamente 30 anos de produção teórica, de 1897 à 1939, não só verificamos que a agressividade é tematizada desde o início da clínica psicanalítica, como também assistimos a construção de explicações e conceitos que enfatizam e destacam a agressividade como um fenômeno significativo, conferindo-a, por exemplo, na segunda teoria instintual, um suporte instintual autônomo.

As perspectivas que foram propostas não esgotam o tema, mas nos possibilitaram maior aprofundamento e uma leitura mais límpida dos conceitos freudianos. Segundo pensamos, este trabalho tem o potencial de levantar novas questões por tratar de um tema que fundamenta outros, dos quais citamos um tão em voga e estudado nos dias de hoje, a violência.

³⁵ - A título de esclarecimentos: o autor está se referindo aos quatro recortes que faz para estudar certos pontos de transformação da obra. 1º da passagem da teoria da sedução para a teoria da sexualidade infantil; 2º do *Projeto* para a *A interpretação dos sonhos*; 3º a introdução do conceito de pulsão de morte; 4º a passagem da teoria topográfica para a teoria estrutural.

REFERÊNCIAS

- Agressividade (2018). Dicionário Michaelis. Retirado de <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=agressividade>
- Andrade, E. V. de, & Bezerra Jr., B. (2009). Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 445-453. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200013>
- Bleichmar, H (1983) Narcisismo. In: _____. *Depressão: um estudo psicanalítico* (pp.32-47). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cunha, A. G. (2007). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon. (Originalmente publicado em 1982)
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), 49-62. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652006000200005>
- Freud, S. (2006). Fragmentos da correspondência com Fliess (Carta 72) (Vol I, pp. 274-279). (Coleção Obras Completas Edição Standart). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1897)
- Freud, S. (2006). As Neuropsicoses de Defesa. (Vol III, pp. 49-65). (Coleção Obras Completas Edição Standart). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1894)
- Freud, S. (2013). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2013). *Os instintos e seus destinos*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2016). *Análise Fragmentária de uma Histeria [“O Caso Dora”]*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1901).
- Freud, S. (2016). *Atos obsessivos e práticas religiosas*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1907).
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2017). *A dinâmica da transferência*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1912a).
- Freud, S. (2017). *A dissecação da personalidade psíquica*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1933a).
- Freud, S. (2017). *Além do princípio do prazer*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1920).

Freud, S. (2017). *Angústia e instintos*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1933b).

Freud, S. (2017). A relação do chiste com o sonho e o inconsciente. (F. C. Mattos e P. C. de Souza, Trad.). In: S. Freud, ed., *O chiste e sua relação com o inconsciente* (pp.227-256). São Paulo: Cia das Letras, (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (2017b). A distorção onírica (R. Zwick, Trad). In: S. Freud, *A interpretação dos sonhos* (pp.155-183). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (2017b). O método de interpretação dos sonhos: a análise de uma amostra onírica (R. Zwick, Trad). In: S. Freud, *A interpretação dos sonhos* (pp.117-142). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (2017c). O material e a fonte do sonho. (R. Zwick, Trad). In: S. Freud, *A interpretação dos sonhos* (pp. 184-298). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (2017d). Sobre a psicologia dos processos oníricos. (R. Zwick, Trad). In: S. Freud, *A interpretação dos sonhos* (pp. 535-577). Porto Alegre: L&PM. (Originalmente publicado em 1900).

Freud, S. (2017). *A predisposição à neurose obsessiva*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1913a).

Freud, S. (2017). *“Batem numa criança”*: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1919).

Freud, S. (2017). *Concepção Psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1910a).

Freud, S. (2017). *Cinco lições de Psicanálise*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1910d).

Freud, S. (2017). *Os chistes e a relação com o inconsciente*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (2017). *O Eu e o Id*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1923).

Freud, S. (2017). *Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa [Contribuições à psicologia do amor I]*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1912b).

Freud, S. (2017). *Totem e tabu*. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cia das Letras. (Originalmente publicado em 1913b).

Green, A. (1988a). Prefácio: O narcisismo, ontem e hoje, (C. Berliner, Trad). In: _____, *Narcisismo de vida narcisismo de morte* (pp. 9-30). São Paulo: Editora Escuta.

Green, A. (1988b). A mãe morta (C. Berliner, Trad). In: _____, *Narcisismo de vida narcisismo de morte* (pp. 239-274). São Paulo: Editora Escuta.

Laplanche, J. (1985a). Agressividade e sadomasoquismo. (C. P. B. Mourão, Trad.). In: _____. *Vida e morte em psicanálise*. (pp. 89-105). Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1985b). O ego e o narcisismo. (C. P. B. Mourão, Trad.). In: _____. *Vida e morte em psicanálise*. (pp. 71-88). Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2008). *Vocabulário da Psicanálise*. (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1982).

Mezan, R. (1982a). Tentativa e Erro. In: _____, *A trama dos conceitos* (pp. 03-64). São Paulo: Editora Perspectiva.

_____. (1982b). Sob o signo de Thânatos. In: _____, *Freud: A trama dos conceitos* (pp.251-269). São Paulo.

Monzani, L. R. (1989a). Introdução. In: _____, *O movimento de um pensamento* (pp. 11-26). Campinas: Editora da UNICAMP.

_____. (1989b). Conclusão. In: _____, *O movimento de um pensamento* (pp. 301-304). Campinas: Editora da UNICAMP.

_____. (1989c). Nos confins do prazer. In: _____, *O movimento de um pensamento* (pp. 143-232). Campinas: Editora da UNICAMP.

Perelberg, R. J. (1999). Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide: a review of the literature and some new formulations. In: _____. *Psychoanalytic Understanding of Violence and Suicide*. (pp. 16-43). Londres: Routledge.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise (V. Lúcia e L. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Originalmente publicado em 1997).

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein* (J. C. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1964).

Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade. *Scientiae Studia*, 12(3), 439-464. <https://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000300003>

Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das letras.

Tavares, P. H. (2011). As "derivas" de um conceito em suas traduções: o caso do Trieb freudiano. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 50(2), 379-392. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132011000200009>

Violência (2018). Dicionário Michaelis. Retirado de <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=viol%C3%Aancia>

Zimerman, D. (2009). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.